

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PRPPG
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE – MPCS

O DIABO E O RITO DE EXORCISMO NO NEOPENTECOSTALISMO

NICOLE LOUISE UMBELINO PEREIRA

Joinville
2015

NICOLE LOUISE UMBELINO PEREIRA

O DIABO E O RITO DE EXORCISMO NO NEOPENTECOSTALISMO

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille) – como requisito para obtenção do grau de Mestre, sob orientação do Professor Dr. Euler Renato Westphal e co-orientação da Professora Dra. Mariluci Neis Carelli.

Joinville

2015

Catalogação na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

P436d Pereira, Nicole Louise Umbelino
O diabo e o rito de exorcismo no neopentecostalismo / Nicole Louise Umbelino
Pereira; orientador Dr. Euler Renato Westphal, co-orientadora Dra. Mariluci Neis
Carelli – Joinville: UNIVILLE, 2015.

113 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade –
Universidade da Região de Joinville)

1. Pentecostalismo. 2. Exorcismo. 3. Diabo. 4. Religiões – aspectos
sociológicos. 5. Patrimônio cultural. I. Westphal, Euler Renato (orient.). II.
Carelli, Mariluci Neis (co-orient.). III. Título.

CDD 269.4

Termo de Aprovação

“O Diabo e o Rito de Exorcismo no Neopentecostalismo”

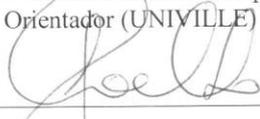
por

Nicole Louise Umbelino Pereira

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestra em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovada em sua forma final pelo Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade.



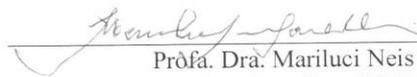
Prof. Dr. Euler Renato Westphal
Orientador (UNIVILLE)



Profa. Dra. Ilanil Coelho
Coordenadora do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Euler Renato Westphal
Orientador (UNIVILLE)



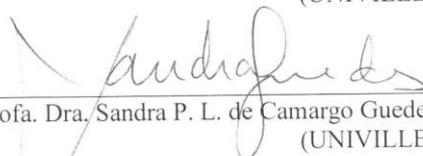
Profa. Dra. Mariluci Neis Carelli
Coorientadora (UNIVILLE)



Prof. Dr. Oneide Bobsin
(Faculdade EST – São Leopoldo/RS)



Profa. Dra. Roberta Barros Meira
(UNIVILLE)



Profa. Dra. Sandra P. L. de Camargo Guedes
(UNIVILLE)

Joinville, 28 de agosto de 2015.

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação a minha família que sempre acreditou em mim e compreendeu minhas ausências.

Ao meu esposo, Luiz Fernando, pela paciência e auxílio em todas as etapas deste árduo caminho.

Ao meu orientador, professor Euler Renato Westphal, pela paciência e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Aos professores, funcionários e colegas de turma do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, em especial ao professor Euler Renato que sempre fez questionamentos e instigou a pesquisa.

Aos meus amigos que sempre ajudaram nos momentos de fragilidade emocional.

A minha mãe que mesmo nos piores momentos sempre dispôs de um tempo para curar as minhas feridas.

RESUMO

Os homens desde o primórdio dos tempos acreditam nas forças sobrenaturais, nas forças invisíveis aos olhos humanos. A religião desempenhou um papel importante na formação das culturas e sociedades, moldou comportamentos e maneiras de compreender o mundo, e ainda é muito importante na contemporaneidade. A presente tese tem o objetivo de apresentar como a figura do diabo se configurou no decorrer da história das religiões, passando pelo catolicismo, protestantismo e pentecostalismo até se transformar no tentador voraz e destruidor de vidas apresentado no neopentecostalismo. Neste trabalho abordaremos a figura do diabo apresentada pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), por ser esta a denominação neopentecostal com o maior crescimento no Brasil nas últimas décadas. Esta pesquisa foi realizada com o apoio do material de alguns importantes pesquisadores da área de sociologia da religião, que no passado foram autorizados pela Igreja a conhecer de perto o seu funcionamento. Utilizaremos ainda para esta pesquisa alguns materiais de domínio público disponibilizados pela própria Igreja. Por fim a análise de como a figura do demônio é utilizada dentro da instituição neopentecostal, passando pela teatralização e o seu exorcismo.

Palavras-chave: patrimônio cultural; neopentecostalismo; exorcismo; diabo.

ABSTRACT

The men from the primordia of time believe in supernatural forces, the forces invisible to human eyes. Religion played an important role in the formation of cultures and societies, shaped behaviors and ways of understanding the world, and is still very important nowadays. This thesis aims to present how the figure of the devil set up throughout the history of religions, through Catholicism, Protestantism and Pentecostalism and became the voracious tempting and destroyer of lives presented in the neo-Pentecostalism. In this paper we discuss the devil figure presented by the Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), as this is the Pentecostal denomination with the largest growth in Brazil in recent decades. This research was conducted with the support of some material pesquisadore important in the sociology of religion area, which in passadoforam authorized by the Church to get to know your functionally. in addition to public domain materials provided by the Church itself. Finally, the analysis of how the devil figure is used within the Pentecostal institution, through dramatization and its exorcism.

Keywords: cultural heritage; neopentecostalism; exorcism; devil

SUMÁRIO

RESUMO

INTRODUÇÃO	8
1 – METODOLOGIA DA PESQUISA – A OBSERVAÇÃO	13
1.1 – PATRIMÔNIO CULTURA E RELIGIÃO.....	17
1.2 ESTRUTURAS DE PLAUSIBILIDADE RELIGIOSA.....	30
1.3 EXPLICAÇÃO DOS FENÔMENOS ANÔMICOS – A TEODICÉIA.....	32
1.4 MERCADO RELIGIOSO.....	35
2– DO PENTECOSTALISMO TRADICIONAL AO NEOPENTECOSTALISMO	43
2.1 – A EXPLICAÇÃO PARA O MAL.....	50
3 – O DIABO	59
3.1 – MUDANÇAS CULTURAIS ACERCA DO DIABO.....	64
3.2 – IDENTIFICANDO O MAL.....	65
3.3 – AQUELE QUE PRECISA SER NOMEADO.....	70
3.4 – DEUS, DINHEIRO E O DIABO.....	74
3.5 – RITUAIS UNIVERSAIS.....	80
3.6 – A VERDADEIRA IGREJA DA FÉ.....	86
4 – O RITO DE EXORCISMO	91
4.1 – OBSERVAÇÕES DA IURD TV.....	91
4.2 – EXORCISMO COMO TEATRO.....	94
4.3 – PROGRAMAÇÃO NACIONAL COM DRAMATIZAÇÃO LOCAL.....	97
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS	109

INTRODUÇÃO

O neopentecostalismo obteve um vertiginoso crescimento nas últimas décadas, o campo religioso brasileiro não pode mais ser dividido entre católicos, adeptos das religiões afro-brasileiras, evangélicos e sem religião. O campo neopentecostal é vasto, sendo impossível afirmar quantas igrejas existem até o momento, a mais conhecida é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) Esta que nos últimos anos, se tornou tema de muitas pesquisas acadêmicas, seu vertiginoso crescimento em relação às igrejas centenárias no campo religioso brasileiro a deixa em evidência, atraindo curiosos e pesquisadores, estes últimos, infelizmente, mal vistos pela liderança religiosa.

Para esta pesquisa poderíamos escolher a Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD) cujo líder é o Bispo R.R. Soares, entretanto ele é um discidente da IURD, assim como o Apóstolo Valdomiro Santiago da Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD). Tratar do campo neopentecostal é passar pela Igreja Universal que moldou muito dos líderes religiosos do cenário atual. Entretanto como pesquisadora o interesse também se voltou particularmente para a IURD por conhecer algumas pessoas que frequentam os seus templos. Na adolescência que passei em Londrina-PR tive amigos que mudaram seus comportamentos ao começar a participar dos cultos, assim como alguns familiares. Apesar de ter sido criada em uma família católica, ao chegar à adolescência não possuía mais uma pertença religiosa, uma vez que meus pais se divorciaram e minha mãe passou a ser uma pentecostal. Meus amigos possuíam as mais diversas religiões, por isso acabei participando por curtos períodos de tempo da Assembléia de Deus, do Brasil para Cristo, Centro Espírita, um atendimento a um Centro de Umbanda e assisti alguns cultos na IURD, entretanto nunca passei por uma conversão. Ao chegar à faculdade de História só possuía a certeza de que trabalharia com religião.

O interesse pela religião ocorreu ainda no início da adolescência quando minha mãe me tirou da catequese, não conseguia compreender como ela mudara tão drasticamente para uma Igreja onde as pessoas falavam línguas estranhas e caíam ao chão. Com o passar do tempo, conforme fui conhecendo as outras Igrejas e observando o preconceito existente entre os próprios crentes e contra as religiões de matriz africana, decidi que estudaria religião. Na graduação trabalhei com a demonização das religiões afro brasileiras no âmbito da IURD, mas pude perceber ao final que o foco não estava nas religiões afro, mas sim no que elas representavam, ou seja, o mal. O diabo estava presente o tempo todo ao lado destas denominações, então ao final da pesquisa decidi que o mestrado seria para abordar a forma como o diabo era representado.

Então o objetivo desta pesquisa é analisar como o diabo é construído dentro da Igreja Universal do Reino de Deus, para isso uma breve pesquisa sobre a construção da figura do diabo no decorrer da história será necessária, farei uma análise do cristianismo passando pelo protestantismo e pentecostalismo até chegar a sua forma neopentecostal, apresentando as continuidades e transformações que ocorreram no decorrer do tempo e como a figura demoníaca é utilizada pela liderança Universal para legitimar a sua presença no campo religioso brasileiro e mundial, uma vez que a IURD está inserida em quase 100 países¹ pelo globo. A escolha deste objeto de pesquisa se deu por acreditar na hipótese que o pilar principal da igreja é o demônio, este está presente em todos os cultos de segunda a segunda, sempre sendo culpado por todas as infelicidades e mazelas da vida humana, sendo necessário o rito de exorcismo – a expulsão – para que os crentes neopentecostais tenham a oportunidade de ascender socialmente, financeiramente e espiritualmente.

O primeiro capítulo tem por objetivo apresentar a metodologia utilizada para a escrita da pesquisa, que é qualitativa. Assisti a programas televisivos e vídeos disponibilizados pela própria Igreja em seu site. Trata-se também uma pesquisa bibliográfica com o auxílio de trabalhos realizados por pesquisadores que tiveram acesso aos templos Universais no passado, antes da proibição de observadores em seu interior, que nos ajudará a entender melhor este campo religioso em particular e as suas estruturas. Na sequência com auxílio do Sociólogo Peter Berger (1985) e do Antropólogo Clifford Geertz (2013) faremos uma análise da construção da sociedade pelos homens, como a cultura os molda dentro da sociedade, apresentando que a religião é uma forma de legitimação das estruturas culturais e sociais e que não pode ser separada da vida humana, uma vez que serve como controle social das estruturas criadas pelos homens, e que não pode ser mantidas apenas com as suas palavras, precisa-se da força de um cosmos sagrado – uma força sagrada desconhecida e maior que o próprio homem – para manter a ordem e dar sentido às coisas terrenas e legitimar as ações realizadas pelos homens escolhidos pelo ser divino para representá-lo na terra.

A segunda parte do trabalho irá abordar o fenômeno Igreja Universal do Reino de Deus apresentando seu surgimento no campo religioso, e a vida de seu líder Edir Bezerra de Macedo, mais conhecido por Bispo Edir Macedo. Irá abordar também um breve relato histórico do surgimento do termo neopentecostalismo com o auxílio da leitura dos pesquisadores Monica do Nascimento Barros (1995), Ricardo Mariano (2005) e Leonildo Silveira Campos (1997) que puderam observar os templos Universais como pesquisadores, e

¹ Informação disponível no site <http://www.universal.org/institucional/historia-da-universal.html>

nos permitem compreender a lógica religiosa e a possível assimilação dos fiéis². O objetivo deste capítulo é tentar compreender a escatologia criada pela IURD, ou seja, qual a explicação dada pela Igreja Universal aos seus crentes sobre o final do mundo, sobre o final de suas vidas. Para melhor compreensão do conceito teremos como base o historiador Jacques Le Goff (2013) que apresenta em seu texto as diversas escatologias existentes no decorrer da história da religião. Esta investigação se dá inicialmente por entender que a religião precisa explicar ao homem qual seu destino no mundo pós-tumulo, e qual a finalidade de estar neste mundo passando por dificuldades e sofrimentos. A escatologia iurdiana dá conta de explicar aos seus fiéis qual seu destino na terra e mesmo na vida pós-morte, ou como ocorre com a cultura, a escatologia é criada e modificada quando suas estruturas não dão mais conta de responder as novas questões colocadas pelos homens com o passar do tempo?

O terceiro capítulo tem por objetivo a análise da figura do diabo, os capítulos anteriores nos ajudarão a ver como a sociedade e a religião são construídas, mas será que o mesmo ocorre com a figura do diabo? Luter Link (1998) nos diz que o diabo é um ser sem rosto e que esta face é construída a muitas mãos no decorrer da história, seja para assustar ou para inocentar um culpado. O diabo seria uma forma de legitimar as falhas humanas que não têm explicação convincente se deixada à mercê do plano material, ou seria uma forma de manter a ordem utilizando uma ordem cósmica não sagrada para amedontrar os homens? Afinal Berger (1985) nos diz que os homens temem o desconhecido, Yi-Fu Tuan (2005) nos apresenta que os homens desde os primórdios da história têm medo e que as sociedades modernas são oprimidas por esse temor do desconhecido, ou mesmo do conhecido – mas pode o diabo ser conhecido e desconhecido ao mesmo tempo? Neste capítulo também será trabalhado o maniqueísmo da Igreja Universal do Reino de Deus, que enxerga esse mundo como um campo de batalha entre as forças do bem e do mal, e que por isso tem como dever ajudar neste embate lutando ao lado das forças do bem com o objetivo único de vencer. Quem é este mal que deve ser ferozmente combatido? Quando dizemos “quem” estamos tentando nos certificar que este mal é materializado. Seria o diabo um ser cósmico não sagrado que para agir, diferentemente de Deus, precisa de um corpo para se consubstanciar na vida das pessoas? Para trabalhar essa questão será de grande importância o livro “Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?” (1997) de autoria do Bispo Edir Macedo, nele encontraremos a construção realizada pelo líder da Igreja Universal sobre quem é o diabo e as diversas

² O autor Ricardo Mariano (2005) cria o termo neopentecostalismo, que será utilizado neste trabalho, mas podemos encontrar o termo “pentecostalismo de terceira onda” utilizado inicialmente por Paul Freston (1993) que dividiu a corrente pentecostal em três ondas - antes que Mariano nos apresentasse as nomenclaturas pentecostalismo clássico, deuterpentecostalismo e a atual nomenclatura neopentecostalismo.

maneiras com que ele se apresenta na vida dos homens, seja através de amigos e parentes que tenham contato com outras religiões – principalmente espiritismo e as religiões afro – ou mesmo por hereditariedade.

A quarta e última parte do trabalho de pesquisa será apresentar as formas de expulsar o demônio. A Igreja Universal constrói um modelo de mundo ideal para seus membros. Ela expõe o ser que impede os homens de desfrutarem deste mundo e se legitima como a única instituição divina com poderes mágicos para expulsar o demônio da vida das pessoas e por efeito da terra. Utilizaremos neste capítulo como guia a pesquisa do historiador Wander de Lara Proença, Sindicato dos Mágicos (2011) para tentar compreender como o rito de exorcismo é utilizado na igreja, e para questionamos porque o rito de exorcismo é tão importante quanto o batismo nas águas pela IURD? Durante o exorcismo o diabo se personifica, sai do plano imaterial para o material, ele deixa de ser apenas um ser invisível para ser transformar no ser de carne e osso, a possessão demoníaca é a maneira encontrada para a materialização de sua forma. No rito, o demônio não se intimida, ele se apresenta, confessa seus malfeitos e assume outros, antes de ser expulso de um corpo ele luta contra o pastor, que é visto como homem com poderes sobrenaturais advindo da Graça divina. Por fim o mal se mostra derrotado, mas muitas vezes ele acaba retornando, minutos ou dias depois, para ser realmente expulso do corpo do fiel, pois para que ele seja expulso verdadeiramente é preciso ter a verdadeira fé – esta crença verdadeira é apresentada das mais diversas formas, seja com dízimos, ofertas, doações – ou seja, é preciso possuir, antes de qualquer coisa, fé em Deus e fazer sacrifícios financeiros como sinal da verdadeira fé em Cristo para que ocorra a verdadeira libertação dos espíritos demoníacos.

E por fim teremos a conclusão, que não tem por objetivo ser a verdade absoluta sobre os ritos e crenças Universais sobre a construção do diabo, mas que tem por intuito ajudar a compreender melhor o fenômeno religioso neopentecostal que é a Igreja Universal do Reino de Deus, que nos últimos anos se tornou uma grande instituição religiosa e que gerou dissidências que estão alcançando uma grande fatia do mercado religioso. Podemos afirmar que o diabo se tornou figura tão relevante que Deus está sendo a figura secundária dentro dos templos religiosos neopentecostais na contemporaneidade? Se a sociedade e a cultura são construções humanas não estamos vivenciando uma alteração cultural com o crescimento das instituições religiosas neopentecostais?

A importância deste trabalho está nestes questionamentos, pois entender como se dá a construção da realidade para esses sujeitos é uma forma de melhor compreender a sociedade em que estamos inseridos, será uma forma de também compreender o funcionamento das

estruturas da Igreja Universal sem juízo de valor, não podemos afirmar a validade das práticas religiosas, assim como sua eficácia não pode ser colocada em cheque, não podemos deixar de observar que os neopentecostais estão cada dia mais em evidência, eles formam uma considerável fatia do mercado religioso brasileiro e já estão inseridos na política, na economia e nos meios de comunicação em massa.

Esta pesquisa conta com o recorte teórico histórico e sociológico, e como chave principal de análise do fenômeno religioso temos os autores Leonildo Silveira Campos (1997), Ricardo Mariano (2005), Wander de Lara Proença (2001), Peter Berger (1985) e Clifford Geertz (2013), mas no seu decorrer existem conversas com pesquisadores das mais diversas áreas do saber. Esta pesquisa não tem por objetivo trabalhar mais detalhadamente com os aspectos litúrgicos das religiões históricas como o catolicismo e o protestantismo, pois haveria uma dispersão em relação ao objetivo central de análise que é o diabo e o rito de exorcismo dentro de uma igreja neopentecostal, por isso as abordagens históricas serão focadas no que diz respeito a esses dois aspectos.

1. METODOLOGIA DA PESQUISA

As leituras de materiais bibliográficos e biográficos sobre a Igreja Universal do Reino de Deus são de extrema importância para este trabalho sendo então as bases para a pesquisa-

Existem diferenças entre uma observação casual e uma observação científica, pois esta última procura a coleta de dados/informações confiáveis. Encontramos complexos problemas para esta metodologia, o primeiro está relacionado aos dados a serem coletados e a metodologia, a fim de se evitar a identificação de fatores que não fazem parte ou relação com a pesquisa; e o segundo problema é a possível influência do pesquisador no meio, o que pode modificar o contexto e há também a necessidade de um aparato teórico que seja relacionado com a pesquisa observacional. Este motivo nos leva a iniciar o processo de pesquisa partindo de referenciais teóricos de outros pesquisadores nos últimos anos, que é também uma maneira de criarmos novas idéias e hipóteses sobre o objeto ou grupo a ser estudado. O pesquisador Vianna (2003) nos diz que seria fundamental que os envolvidos na observação estivessem cientes da pesquisa e que as observações fossem gravadas, entretanto estamos falando de uma pesquisa realizada no interior de uma das maiores igrejas neopentecostais do país, onde pesquisadores e curiosos não são bem vindos e até mesmo intimidados pela liderança religiosa. Flick (2004) afirma que uma observação secreta onde as pessoas não sabem que estão sendo observadas é eticamente contestável caso o campo a ser analisado não possua restrições quanto à prática de pesquisa, como espaços públicos, e onde não existam problemas de informar aos observados que estão sendo investigados e assim obter seu consentimento.

“A identificação do pesquisador é uma das muitas questões éticas ligadas às atividades de pesquisa. Entretanto, em ocasiões especialíssimas, o anonimato do pesquisador pode ser uma imposição, tendo em vista a natureza do problema e da observação a ser realizada.” (VIANNA, 2003, p.41)

Por esse motivo esta pesquisa de observação pode ser classificada como uma observação semi estruturada, ou seja, onde o objetivo é procurar um comportamento e a frequência em que ocorre, é uma pesquisa oculta aos olhos do observado. Vianna (2003) nos apresenta quatro questões que devem ser consideradas ao longo de uma pesquisa deste tipo:

- O que deve ser efetivamente observado?
- Como proceder para efetuar o registro dessas observações?
- Quais os procedimentos a utilizar para garantir a validade das observações?

- Que tipo de relação estabelecer entre o observador e o observado, qual a sua natureza e como implementar essa relação? (VIANNA, 2003. p.20)

Observar a Igreja Universal do Reino de Deus é de longe uma fácil tarefa, antes de iniciar a observação é necessário um treinamento, a leitura de materiais biográficos e bibliográficos de outros pesquisadores constitui uma valiosa fonte de saber, uma vez que nos dias atuais com o advento da internet e as frequentes matérias jornalísticas envolvendo a IURD todos possuem algum conhecimento ou conhecido da Universal, cada qual com uma opinião díspare acerca da igreja e de suas práticas. Tim May (2004) afirma que vivemos na época da informação – entre outros termos como pós-moderna, pós-fordista, global, consumista, etc. – que a idéia de uma realidade apresentada através de uma pesquisa é um desafio em uma sociedade que está saturada pelas imagens da mídia, onde é complexo fazer a separação entre aparência e realidade. Entretanto o autor, que segue um pensamento de Bauman, diz que é muito útil ao pesquisador “perambular” por sua época utilizando seus próprios pés “Perambular nesse sentido é escutar, observar e experienciar e expor teorias e biografias para situações e relações sociais novas e não-familiares, com vistas a ampliar o entendimento delas” (MAY, 2004, p.173).

A pesquisa semi-estruturada tem como característica estar fora de um laboratório, está em um ambiente natural e não busca dados qualificáveis:

A observação não estruturada consiste na possibilidade de o observador integrar a cultura dos sujeitos observados e ver o “mundo” por intermédio da perspectiva dos sujeitos da observação e eliminando a sua própria visão na medida em que isso é possível [...] (VIANNA, 2003, p.26)

May (2004) nos informa como proceder em uma pesquisa de campo com observação participante, onde o pesquisador deve fazer anotações – deixando claro que essas anotações carregam sempre aspectos próprios do investigador – ser um participante completo que se engaja nas atividades do grupo pesquisa. May segue o pensamento de Severyn Bruyn utilizando seis índices chamados de “adequação subjetiva” (MAY, 2004, p.189) onde o primeiro diz respeito ao tempo gasto na observação, pois quanto maior o tempo mais adequação haverá entre pesquisador e pesquisados; o segundo se refere ao lugar, pois o espaço causa uma influência física sobre a ação das pessoas; o terceiro índice diz respeito às circunstâncias sociais, onde quanto mais o pesquisador se relacionar com os diversos aspectos do grupo, melhor entendimento terá do grupo como um todo onde a pesquisa esta sendo realizada; o quarto nos apresenta que existe a necessidade de se familiarizar com a linguagem

do grupo para que as interpretações sejam as mais corretas possíveis; o quinto lugar está relacionado a intimidade com um grupo e seus membros, pois quanto melhor o relacionamento entre pesquisador e grupo melhor o entendimento; e por final o consenso social onde o pesquisador se torna apto a informar como os significados compartilhados pelo grupo são empregados e compartilhados para outras pessoas. Após o trabalho de campo o que se segue é o trabalho de redigir a etnografia, e neste ponto é preciso fazer escolhas, pois inicialmente se anota tudo, dá-se valor a alguns aspectos em detrimento de outros embora se saiba o que está pesquisando, o que o autor sugere é o descarte das partes que não são o ponto central, pois o pesquisador não pode querer saber de tudo.

Vianna (2003) nos diz que nos momentos iniciais da pesquisa pode haver dúvidas e incertezas sobre o que se observar, e as respostas podem não ser satisfatórias. Nos primeiros trabalhos de campo esta observação ficou evidente, pois mesmo com a leitura dos textos de pesquisadores experientes no campo iurdiano não é fácil se ater ao seu objeto de pesquisa e as dúvidas sempre vão surgir. A escolha deste tema se deu por julgar que a base que sustenta a IURD é o diabo, a figura demoníaca é a causadora de todos os problemas existentes na face da terra, é o responsável por desviar os homens do bom caminho que resultaria em felicidade, prosperidade e riquezas. O demônio segundo a perspectiva universal é aquele que tira dos ombros dos homens toda a responsabilidade de suas fraquezas, índole, derrotas e legitima a existência da igreja, pois ela tem o papel de ajudar o fiel a se livrar desse ser que atrasa a sua vida, e sua felicidade.

Existe dentro da IURD um vasto campo de possibilidades de estudo como a forte presença feminina nos cultos, este fato possui alguma explicação? A considerável quantidade de ofertas, dízimos e sacrifícios em dinheiro não deveria ser objeto de uma pesquisa mais aprofundada para além da concepção capitalista atribuída ao seu líder? As histórias de vida dos pastores e obreiros que são geralmente ex-detentos, drogados e traficantes não merecem um espaço nos estudos acadêmicos? As liturgias ou a falta delas são possibilidades de pesquisas tanto quanto os outros exemplos. Em um culto todas essas características se apresentam em uníssono e podem gerar dúvidas ao pesquisador no início de seu trabalho.

A observação não estruturada é também utilizada como uma técnica de exploração, onde o observador tenta limitar o campo de suas observações com o intuito de mais tarde delimitar suas atividades ou mesmo determinar seguramente o conteúdo de sua observação. A observação participante pode parecer em um primeiro momento, ao pesquisador iniciante, uma tarefa fácil onde basta se sentar confortavelmente, observar e fazer anotações, Tim May ressalta que a pesquisa nestes moldes é muito mais trabalhosa e complexa do que se pode

imaginar pois exige do pesquisador tempo, e muitas vezes manter um relacionamento com pessoas que possuímos pouca ou nenhuma afinidade pode ser desgastante, algumas anotações feitas em campo em alguns momentos podem parecer irrelevantes, mas May (2004) salienta que o trabalho de campo após seu término nos condiciona a mais trabalho, pois análises são necessárias após as observações. A pesquisa participante causa um desgaste, exige tempo, mas é um dos métodos que gera resultados compensatórios, pois como afirma:

[...] gera compreensões fascinantes sobre os relacionamentos e as vidas sociais das pessoas e, de modo geral, ajuda a transpor a lacuna entre o entendimento dos estilos de vida alternativos das pessoas e os preconceitos com que a diferença e a diversidade defrontem-se com tanta frequência (MAY, 2004, p.181)

A observação em uma situação natural exige o registro imediato das informações coletadas, o que pode ser difícil e o é na sua realidade, pois como a IURD não permite a presença de curiosos e pesquisadores, há durante todo o tempo do culto obreiros³ e algumas vezes seguranças observando os fiéis. Pelas dificuldades de observação e não autorização de um trabalho de pesquisa a opção mais viável foi a assistir os cultos iurdianos pela televisão. A Igreja possui programas diários na emissora Record exibidos pela manhã, tarde e madrugada. Ainda conta com um canal exclusivo na internet, a TV IURD⁴ onde podemos assistir ao vivo os cultos realizados nas cidades de SC, com ênfase em Joinville e Florianópolis. Durante a observação fazia anotações e transcrições da melhor maneira possível, tentando descrever as palavras do pastor durante as orações, o comportamento dos fiéis e principalmente os ritos de exorcismo. Os cultos ao vivo são completos, enquanto aqueles disponíveis para assistir a qualquer momento são editados. Vianna (2003) nos lembra que o pesquisador acaba se tornando nestes casos ele próprio um sujeito da pesquisa, e que sentimentos e as emoções acabam por se constituir também como dados, possibilitando inclusive que o pesquisador possa estudar a forma como suas emoções foram influenciadas por seus sentimentos (VIANNA, 2003, p.33).

O tipo de abordagem utilizado nesta pesquisa é o estudo etnográfico ou estudo de campo, este ocorre em um contexto natural e com uma observação participante “o estudo etnográfico tem como principal objetivo descrever uma determinada cultura entendida no seu sentido sociológico” (VIANNA, 2003, p.47), o objetivo do etnólogo é o estudo de uma determinada cultura, e como o pesquisador possui algumas pré-definições hipotéticas não

³ Na IURD os obreiros são os auxiliares do pastor, nos momentos das orações para libertação e cura oram pelos fiéis ao lado do pastor. Durante o culto também entregam os folhetos, recolhem as ofertas e dízimos. São assim como o pastor uma autoridade dentro da igreja.

⁴ Disponível em <http://www.sc.maisperto.com.br/index.php/canais-de-tv/301-tv-iurd>

cabendo a utilização de um questionário estruturado, o trabalho consiste em descrever o grupo observado de uma forma bem detalhada.

A observação serviu como um complemento a leitura dos materiais disponíveis de outros pesquisadores e mesmo dos materiais disponibilizados pela própria Igreja como revistas, jornais e livros. O aspecto mais interessante de se utilizar as duas formas de pesquisa é poder observar as diferentes maneiras que o mesmo objeto de estudo é visto, pois se percebe que o pesquisador possui sua subjetividade, e que mesmo que adentre ao grupo não se pode afirmar que ele compreende da mesma maneira seus ritos e crenças. Um exemplo desta afirmação podemos encontrar no livro Neopentecostais de Ricardo Mariano (2005), pois a liderança da IURD se mostrou muito descontente com a publicação uma vez que julgaram que o pesquisador se encontrava em total sintonia com o grupo e a sua crença e que o resultado da pesquisa seria de total enaltecimento da igreja, quando foi na verdade um trabalho acadêmico que tinha por objetivo a imparcialidade de opinião acerca das práticas religiosas, visando apenas trabalhar com as nuances do pentecostalismo no Brasil desde a sua chegada.

Para a elaboração desta pesquisa julgou-se necessário à observação participante em alguns cultos, como já mencionado anteriormente, o propósito foi o de conhecer o ambiente religioso pessoalmente a fim de tentar encontrar uma melhor compreensão do fenômeno religioso. É de suma importância salientar que, durante todo o momento manteve-se um respeito perante a denominação religiosa. Para uma melhor compreensão foi necessário também a leitura de blogs e livros de biografias autorizadas e entrevistas do líder iurdiano.

1.1. PATRIMÔNIO, CULTURA E RELIGIÃO.

Em meio a uma aula de bioética em uma turma do terceiro período de medicina após uma explanação sobre este objeto de pesquisa alguns questionamentos foram levantados, mas um em particular chamou a atenção, uma aluna diz “qual sua intenção com essa pesquisa, pois eu realmente não vejo nela utilidade alguma”. Não sei como outros pesquisadores se sentiriam, mas por um momento jurei ter levado um soco no estômago e as palavras se tornaram impronunciáveis pela falta de ar que tal golpe causou.

Este questionamento foi feito muitas outras vezes, pela banca de seleção que aceitou meu projeto para o mestrado, por colegas do curso, por amigos e por mim. Mas este em especial foi o impulso que faltava para que eu tivesse certeza que este objeto de pesquisa é importante. Pode servir de impulso para outras pesquisas na área, para que um dia talvez consigamos compreender melhor o fenômeno religioso que é a Igreja Universal do Reino de

Deus (IURD) na contemporaneidade e encontremos outras explicações do porque de seu crescimento.

O objetivo de apresentar aos alunos o projeto de pesquisa era para poder trabalhar mais profundamente o perfil de um fiel da IURD, orientando que no decorrer de seu ofício poderão se deparar com membros desta denominação que podem preterir a medicina em favor da religião. A medicina possui uma aura profética, ou seja, a prática médica visa a melhora de seu paciente, assim como as pesquisas médicas desejam encontrar a cura para as mais diversas doenças, mas que ainda não possui respostas para muitos males que atingem a população como o HIV, também nos deparamos com as dificuldades de acesso da população a serviços médicos de qualidade, onde muitos pacientes passam meses nas filas para conseguir realizar uma consulta, restando nesse período a busca de meios paliativos de cura. Esta cura é a que promete a Igreja Universal em todos os meios possíveis de comunicação como rádio, tv, jornais, livros e internet. Um doente que a noite está passando mal e ao não conseguir dormir decide ver televisão para se distrair, encontrará um programa da IURD para assistir, e nele poderá encontrar uma esperança de melhora para sua saúde, uma vez que a igreja oferece curas e milagres nestes programas, e apresenta testemunhos de ex-enfermos. No texto *Religião, saúde e cura* (SANTOS; KOLLER; PEREIRA, 2004) encontramos um estudo sobre os neopenteostais, este apresenta que enquanto a ciência tem um avanço em suas descobertas, uma parte da população está voltada para o mágico e divino, procurando respostas ou mesmo soluções para sua estadia neste mundo “o movimento de busca do religioso pode ser também uma tentativa de tentar entender, intervir e controlar o presente e o futuro” (SANTOS; KOLLER; PEREIRA, 2004, p.82), as igrejas atuam principalmente no campo da saúde, com a promessa de curas e amparo emocional e como decorrência acabam interferindo na maneira como os fiéis aceitam o fato de estar doente. O crente neopentecostal acaba se tornando um cliente da igreja – fiel como um consumidor de bens e serviços de cura oferecidos pela IURD – com o agravante que o sistema de saúde não consegue dar conta da demanda de pessoas que precisam do serviço médico, e a procura pelos serviços religiosos de saúde segundo os autores vão ocorrer mais nas pequenas cidades ou nas cidades que precisam atender a grande demanda de pacientes de cidades vizinhas – como é o caso da cidade de Joinville. Encontraremos ainda o fato de que quando um paciente não recebe um diagnóstico que o agrade a opção encontrada é receber uma segunda opinião, e esta pode ser a religiosa. Isto pode ocorrer com um enfermo que sai de uma consulta médica sem um diagnóstico definitivo para o mal que lhe aflige, e ao ir a uma Igreja Universal ou mesmo ao passar perante a uma

Igreja ao ser abordado por um obreiro poderá encontrar ali em um culto as respostas para seus problemas.

Uma característica que pude observar nos alunos e no curso de medicina é a sua praticidade, uma ciência que busca respostas diretas e objetivas. Um exemplo desta objetividade encontrei quando um aluno afirmou que mesmo que uma consulta leve meses o enfermo será atendido e que não há necessidade da procura de uma igreja para obter a cura.

[...] Ao não admitir outras formas de interpretação da realidade da doença e da cura, a ciência vive no dualismo entre científico e o religioso. Essa dicotomia [...] é expressa por um saber profundamente especializado. Científico é tido como aquilo que é racional e técnico. A realidade é vista de forma compartimentalizada, especializada, sem a suficiente visão de um todo orgânico, enquanto que, no campo do religioso, a realidade é vista por meio da linguagem simbólica, por meio do saber comum, das medicinas populares, da linguagem narrativa, das emoções, do conto e das analogias. Portanto, segundo a visão positivista – aquela que aceita como verdadeiro o que pode ser medido – eliminam-se todas as linguagens simbólicas e narrativas, afirmando-se somente a autonomia do saber objetivo do naturalismo médico científico. (WESTPHAL, 2006, p.29-30)

O mundo médico não dá explicações para todas as pessoas, precisamos lembrar que a linguagem formal e seus procedimentos não são de fácil compreensão para quem está fora de seu meio, a falta de explicações menos complexas deixa o paciente mais voltado à busca de tratamentos alternativos, como a religião oferece. Este fato acontece em Joinville, por exemplo, tive muitas oportunidades de observar a entrada do templo durante minhas esperas – uma vez que o templo fica em frente ao terminal de ônibus central da cidade – observei que muitas pessoas chegavam ao templo carregando sacolas de hospitais, de laboratórios que realizam tomografias, Raios-X e outros exames. Pessoas que provavelmente haviam acabado de sair dos exames ou mesmo das consultas médicas. Mas por que procurar ajuda religiosa se o fiel se encontra com os exames médicos, o que significa um atendimento? Santos, Koller e Pereira (2004) em seu trabalho de pesquisa seguem a linha de que uma possível explicação está no baixo nível socioeconômico e a baixa escolaridade das pessoas que vão a igrejas neopentecostais, para elas é fácil aceitar o caráter mágico do pastor uma vez que também existe uma visão mitológica do médico “Com sua onipotência médicos agem, para eles, como magos conhecedores de porções mágicas que curam ou aliviam sintomas [...]”. Para essas pessoas, um composto químico elaborado e estudado por grandes laboratórios são gotinhas que o “doutor mandou tomar”, assim como o pastor mandou tomar água do rio Jordão, o padre benze com água benta ou o médium que “fluidifica a água” (SANTOS; KOLLER; PEREIRA, 2004, p.83), ou ainda podemos seguir o raciocínio da busca pela segunda opinião

quando a primeira não satisfaz ao enfermo. Óbviamente generalizações não podem ser realizadas, é impossível afirmar que todos aqueles que chegam a IURD estejam em busca de uma cura, esta busca pode ser compreendida como uma das formas pelas quais as pessoas chegam, mas não a única.

Estudos apontam que alguns pacientes encontram a cura na religião, pois não sofrem de males físicos e sim de ordem mental. A religião dá um significado à vida das pessoas, mesmo que isso não seja de fácil compreensão. Os autores utilizam Lévi-Strauss quando este afirma que não se pode duvidar da eficácia das práticas mágicas, pois a sua efetividade depende da fé na magia, fé do doente, em quem pratica a cura e do grupo religioso em voga. Santos, Koller e Pereira baseando-se em Laplantine afirmam que a cura esta na fé, comparando a fé religiosa à fé que um paciente tem na cura através de um medicamento, utilizando o exemplo de cura de fiéis que ao invés de medicamento utilizaram placebos, que podem ser comparadas as melhoras por meio da psicanálise, ou mesmo relacionando uma cura por meio de uma benzedeira que diz ao paciente quais as causas de um mal olhado, o que lhe dá a possibilidade de luta contra um inimigo que é definido e que ele acredita. Westphal (2006) nos informa que as relações humanas possuem um poder curativo, o paciente ao sentir-se parte de relações sociais “nas quais o amor, o afeto e o carinho são fundamentais” pode se recuperar significativamente.

Deve haver espaço para que o doente possa se expor, compartilhar experiências boas e ruins. Precisamos sentir que pertencemos a alguém, a um grupo, a uma comunidade. Existimos porque somos vistos e aceitos. Quando isso não acontece, pode ocorrer algo como morte sociológica. Esta é tão cruel quanto a doença o é sob o ponto de vista da medicina. A medicina nem sempre vê o nexo causal entre morte social e as doenças físicas, pois a exclusão social também é uma forma de doença. (WESTPHAL, 2006, p.148)

Estas são importantes observações que serão trabalhadas daqui em diante, o paciente precisa acreditar na sua cura, mas é preciso que a situação seja integrada dentro da ótica de quem a vivencia uma vez que o homem é um ser que vive e aprende em sociedade. Ocorre dentro dos templos iurdianos essa compreensão, Igreja é o espaço de aceitação mútua e de compartilhamento de sofrimentos. Para compreender as crenças e a cultura é necessário entender como o homem é constituído e inserido nesta sociedade.

O presente trabalho de pesquisa está inserido na qualidade de patrimônio imaterial ou intangível, neste patrimônio estão inseridas as festas, religiões, técnicas etc.; não dando ênfase no material, o chamado patrimônio de pedra e cal. Segundo o autor José Reginaldo Santos

Gonçalves (2009) a proposta – do patrimônio imaterial – existe no sentido de fazer um registro de representações e práticas, acompanhá-las para que se possa observar as permanências e as transformações:

É possível preservar uma “graça” recebida? É possível tombar os “sete dons do Espírito Santo”? Certamente não. Mas é possível sim, preservar, por meio de registros e acompanhamentos, lugares, objetos, festas, conhecimentos culinários etc. É nessa direção que caminha a noção recente de “patrimônio intangível”, nos recentes discursos brasileiros acerca de patrimônio. (GONÇALVES, 2009, p.28)

A igreja molda comportamentos e é um meio de sociabilidade, não é incorreto afirmar que há uma relação simbólica entre a religião e seus fiéis, ela apresenta símbolos materiais para reforçar os símbolos imateriais e – na IURD esta é uma maneira de reforçar a fé – como exemplo podemos citar as pulseiras com versículos bíblicos que tem a função de ajudar o homem a seguir sua semana na fé e protegido de todos os males, e que deve ser trocada semanalmente; rosas que são colocadas em cômodos da casa para retirar todo o mal que ali possa estar.

Afinal, os seres humanos usam seus símbolos sobretudo para agir e não somente para se comunicar. O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir. Essa categoria faz a mediação sensível entre seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre o céu e a terra e entre outras oposições. Não existe apenas para representar ideias e valores abstratos a ser contemplado. O patrimônio, de certo modo, constrói, forma as pessoas. (GONÇALVES, 2009, p.31)

No âmbito do patrimônio Gilberto Velho (2006) nos relata sobre o tombamento do terreiro de Candomblé Casa Branca, em Salvador no ano de 1984. Velho era membro do Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e foi o relator do processo de tombamento, onde uma parte do Conselho considerava “desproposital” e “equivocado” tombar um “pedaço de terra” sem construções monumentais ou de valor artístico, uma vez que até o presente momento – década de 80 – o estatuto do tombamento era aplicado á “edificações religiosas, militares e civis da tradição luso brasileira”, ou seja, a antiga concepção de patrimônio material elitista, com valorização dos vestígios religiosos do colonizador, o catolicismo, portanto uma política de identidade nacional. No entanto o terreiro possuía uma tradição de mais de 150 anos e que “desempenhava um importante papel na simbologia e no imaginário dos grupos ligados ao mundo do candomblé e aos cultos afro-brasileiros”. O importante para a população não era a cultura material mas a sacralidade do terreno, ou como se refere Velho, o “axé”. Geertz (2013) trabalha com a metafísica como construção da realidade social, não se pode entender o patrimônio material sem conhecer sua

construção simbólica imaterial. Seguindo a linha de pensamento de Wetsphal (2012, p.67) a “metafísica seria a espiritualização da matéria tanto no campo religioso como no contexto de sistema de crença, valores e símbolos intangíveis que proporcionam perenidade a existência humana”.

Frente ao processo de tombamento Gilberto Velho afirmou a necessidade de reconhecer o candomblé como um “sistema religioso fundamental à constituição da identidade de significativas parcelas da sociedade brasileira” (VELHO, 2006, p.238), apresentando uma quebra com a concepção de que o país não possuía uma diversidade cultural religiosa “o tombamento da Casa Branca significava a afirmação de uma sociedade brasileira como multiétnica, constituída e caracterizada pelo pluralismo sociocultural” (VELHO, 2006, p.240).

O tombamento do terreiro Casa Branca evidencia que a religião é um patrimônio de valor histórico e cultural, mas nos apresentou também que houvera pessoas envolvidas nesse processo de tombamento que eram contra essa patrimonialização visto que possuíam suas concepções sobre o que era caracterizado como patrimônio, assim como existiram pessoas que se abstiveram do voto. Em “A Interpretação das Culturas” (GEERTZ, 2013) podemos compreender que homem não pode ser visto em um local e a partir deste estabelecer que todos os homens são idênticos. É preciso antes de tudo observar que este homem pode ter as características, crenças e costumes do local onde está inserido, nasce nesta margem o conceito de cultura e declina aí a perspectiva de uma uniformidade humana. Citando um exemplo Shakesperiano o autor diz que o homem é um ator e que está sempre atuando, pode alterar papéis, mudar o estilo de atuação e os dramas também podem ser alterados. Por isso é praticamente impossível fazer um traço do que é natural e universal no homem, caso se faça um traço das características do homem ocorrerá uma falsificação ou uma má interpretação dos resultados. Todas as interpretações serão insatisfatórias, e por isso a antropologia está engajada para encontrar um conceito mais viável sobre o homem “no qual a cultura e a variabilidade cultural possam ser mais levadas em conta do que concebidas como capricho ou preconceito” (GEERTZ, 2013, p.27) e que ao mesmo tempo não se transforme numa expressão vazia. Ao tomarmos ciência deste fato acabamos por abandonar o “Paraíso”, pois sustentar a idéia de diversidades no espaço e no tempo, não se trata apenas uma questão de aparência e de indumentárias, de cenários e máscaras, é ofertar um alimento a idéia de que há uma essência e expressões variadas na humanidade, iniciamos assim uma jornada em “águas perigosas”. Corremos o perigo de descartar a noção de que o homem deve ser visto de todos

os lados e ângulos possíveis, corremos o perigo da perda de perspectiva de homem, corre-se o risco de dissolver no tempo e lugar o homem ou que ele caia em um determinismo histórico.

Geertz (2013) trabalha com a concepção estratigráfica, que são as relações entre os fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais na vida humana. Segundo esta concepção, o homem é constituído de níveis, ao analisar o homem se retiram camadas, onde cada uma não deixa de possuir importância e complexidade embora sejam diferentes entre si.

[...] Retiram-se as variadas formas de cultura e se encontram as regularidades estruturais e funcionais da organização social. Descartam-se estas, por sua vez, e se encontram debaixo os fatores psicológicos – as necessidades básicas ou o-que-tem-você – que as suportam e as tornam possíveis. Retiram-se os fatores psicológicos e surgem então os fundamentos biológicos – anatômicos, fisiológicos, neurológicos – de todo o edifício da vida humana. (GEERTZ, 2013, p.28)

Entretanto, esta estratégia de camadas resultou em uma caçada por “universais na cultura” e em um trabalho para relacionar estes universais. Esta não é uma idéia nova, ela parte da noção de *consensus gentium* – um consenso de toda a humanidade – onde afirma que existem coisas que todos concordam, por isso são correlatas, idéia esta que estava presente no iluminismo e que esteve presente em toda a história. O autor nos propõe duas maneiras para a compreensão do homem:

A primeira delas é que a cultura é vista melhor não como complexos padrões concretos de comportamento – costumes, usos, tradições, feixes de hábitos – como tem sido o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções (que os engenheiros de computação chamam “programas”) – para governar o comportamento. A segunda idéia é a de que o homem é precisamente o animal mais dependente de tais mecanismos de controle, estratégicos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento. (GEERTZ, 2013, p.32-3)

Berger (1985) afirma que a sociedade é um produto do homem e o homem é produto da sociedade. A história individual humana ocorre dentro da história da sociedade que antecede e procede ao ser humano:

A sociedade existia antes que o individuo nascesse, e continuara a existir após a sua morte. Mas ainda, é dentro da sociedade, como resultado de processos sociais, que o individuo se torna uma pessoa, que ele atinge uma personalidade e se aferra a ela, e que ele leva adiante os vários projetos que constituem a sua vida. O homem não pode existir independentemente da sociedade. (BERGER, 1985, p.15)

O homem nasce em um mundo programado pelo homem, que é moldado pelas suas atividades. Assim sendo não existe uma relação preestabelecida do homem com o mundo; ele

precisa sempre estabelecer laços, há uma instabilidade do homem com o mundo, da mesma forma que ele está em desequilíbrio com seu próprio corpo, este não “consegue descansar em si mesmo” e precisa estar sempre em atividade para entrar em harmonia consigo mesmo: “A existência humana é um contínuo “pôr-se em equilíbrio” do homem com seu corpo, do homem com seu mundo”. Podemos dizer que o homem precisa continuamente construir seu mundo para garantir sua estabilidade e se realizar na vida, ao produzir um mundo se produz. Entretanto é muito difícil manter esse mundo produzido em funcionamento:

No processo da construção de um mundo, o homem, pela sua própria atividade, especializa os seus impulsos e provê-se a si mesmo de estabilidade. Biologicamente privado de um mundo do homem, constrói um mundo humano. Esse mundo, naturalmente é a cultura. Seu escopo fundamental é fornecer à vida humana as estruturas firmes que lhe faltam biologicamente. Segue-se que essas estruturas de fabricação humana nunca podem ter a estabilidade que caracteriza as estruturas do mundo animal. A cultura, embora se torne para o homem uma “segunda natureza”, permanece algo de muito diferente da natureza, justamente por ser o produto da própria atividade do homem. Suas estruturas são, por conseguinte, inerentemente precárias e predestinadas a mudar. [...] (BERGER, 1985, p.19)

O autor nos esclarece que o mundo é essencialmente construído, os homens são produtos sociais ao mesmo tempo que fazem parte dele, não há como separá-los, ou seja, a sociedade é um produto do homem e o homem é um produto da sociedade. É dentro da sociedade que o homem se molda e forma uma personalidade, há um caráter inerentemente dialético do fenômeno social, e a sociedade só pode ser empiricamente compreendida se este caráter for devidamente reconhecido em suas proporções.

O caráter dialético se baseia em três momentos/passos, sendo o primeiro o da exteriorização, onde acontece a construção humana – no campo religioso pode-se dizer que é neste ponto que os homens criam a sua religiosidade; o segundo diz respeito à objetivação, onde os homens são criadores de todas as coisas – bens materiais e não materiais, como o caso do terreiro Casa Branca – ou seja, a realidade é construída socialmente e depois adquire o status de realidade objetiva, o que nos leva ao terceiro momento que é a internalização desta realidade objetiva criada. A dialética é a de que o homem cria e é criado ao mesmo tempo. O homem nasce inacabado, ele precisa “tornar-se homem”, necessita de uma interação com o mundo externo ao de seu organismo, e isto o diferencia dos animais que nascem com um instinto “o mundo do homem é imperfeitamente programado pela sua própria constituição. É um mundo aberto, ou seja, um mundo que deve ser modelado pela própria atividade do homem” (BERGER, 1985, p.18)

Embora a cultura possa ser entendida como uma segunda natureza, diferentemente da natureza animal por ser um produto da atividade humana, que torna as suas estruturas precárias e propensas a mudanças, possui a necessidade de uma construção de mundo, este não será mantido facilmente em funcionamento. Para Berger (1985) a cultura é a “totalidade dos produtos do homem” sendo materiais ou imateriais, e estes produzem todas as espécies de instrumentos que servem para altear o ambiente físico. Os homens são seres culturais e sociais, objetivam o mundo em companhia, os objetos da cultura são compartilhados e por esta razão a cultura recebe o status de objetividade, por se apresentar aos homens como objetos existentes fora de sua consciência – simplificando, no mundo real – porque pode ser experimentada e aprendida em grupo.

A sociedade estática no tempo – como as instituições religiosas – encontra dificuldade em transmitir seus sentidos objetivados – interiorizados – para as gerações seguintes, pois apesar desta nova geração passar por um processo onde aprende a aceitar seu papel e sua identidade dentro da sociedade, existe a possibilidade do indivíduo não estabelecer uma simetria entre o mundo social objetivo e o mundo subjetivo do sujeito. Por isso não se pode afirmar que exista certo grau de êxito na socialização dos indivíduos, pois o homem é um “co-produtor” do mundo social e de si mesmo, uma vez que as experiências marginais – como a morte de um ente querido – podem alterar as compreensões da sociedade.

Não é uma novidade a crença como molde das ações humanas. Empiricamente sabemos muito pouco como é realizado o milagre particular que faz a transformação da ordem cósmica ao plano material, o que sabemos apenas é que esse milagre é realizado seja anualmente, semanalmente, diariamente ou a cada hora. GEERTZ (2013) define religião como “um sistema de símbolos” que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas. “O homem precisa da religião para compreender o mundo e mesmo para suportá-lo”. Para Geertz, o conceito de cultura

[...] denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação a vida (GEERTZ, 2013, p.66)

Deste modo os símbolos sagrados são uma forma de sintetizar o ethos (os aspectos morais e estéticos, os elementos valorativos) de um povo e a sua visão de mundo (aspectos cognitivos e existenciais). Dentro de um grupo religioso a crença e a prática do ethos torna-se

[...] intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem arrumado para acomodar tal tipo de vida [...] Os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica (implícita, no mais das vezes) e ao fazê-lo, sustentam cada uma delas com a autoridade emprestada do outro (GEERTZ, 2013, p.67)

Seguindo a linha de pensamento de Geertz, o símbolo é utilizado para qualquer objeto, ato, acontecimento qualidade ou relação “que serve como vínculo a uma concepção – a concepção é o significado do símbolo”. Os homens precisam destes símbolos para agir; temos como um exemplo um castor que para construir um dique precisa de um local e de materiais, seu modo de ação é fisiológico enquanto o homem ao ter a incumbência de construir um dique precisará de símbolos, pois seus “genes silenciam” sobre como construir, portanto precisará de fontes simbólicas como diagramas, livros e aulas de alguém que saiba o que é construir um dique. Para Geertz (2013) o homem é tão dependente das forças simbólicas a ponto de serem decisivos para sua existência enquanto criatura. Westphal (2012) trabalha com a linguagem como símbolo da construção da realidade humana; é através da linguagem que um sujeito tem acesso ao outro sujeito e assim podem criar um mundo simbólico que possui significados comuns e que são reconhecidos por uma coletividade “no imaginário do eu construímos o mundo simbólico”, no entanto os documentos oficiais mesmo que falem sobre a imaterialidade do patrimônio “não estão pensando no mundo simbólico produzido pela imaginação e pela consciência de um eu”, estes documentos ainda remetem ao patrimônio contituído de pedra e cal. (WESTPHAL, 2012, p.64)

Os sistemas simbólicos são necessários para que a vida seja humanamente possível, Geertz considera que uma religião nada mais é do que

[...] um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de facticidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 2013, p.67)

A partir de Berger (1985) o sagrado é compreendido como algo que está além das forças humanas, mas que ao mesmo tempo é o responsável pela vida, pelo destino e é compreendido com uma dualidade, pois pode simultaneamente ser bom e perigoso. Este perigo pode ser domesticado e as necessidades cotidianas podem se utilizar das forças que emanam do sagrado. O sagrado é encontrado pelo homem na religião, esta transcende e inclui o homem ao mesmo tempo, por esse motivo é entendida como uma realidade poderosa que dá significado a vida. Fora deste cosmos sagrado o homem está sujeito ao caos, a anomia, e é contra esta anomia que o cosmos sagrado ordena a realidade humana, quando há a ausência do *nomos* corre-se o risco de uma vida sem ordenamento, e os homens não desejam a desordem onde o mundo seria um local sem sentido para viver. O homem necessita de sentidos – símbolos – para manter-se vivo.

O homem enxerga o sagrado como uma poderosa realidade que a ele se direciona e ao mesmo tempo dá um ordenamento e uma significação a sua vida e a sua existência. O homem acredita no sagrado e no seu contrário o profano. O profano é visto como ausência de um “caráter sagrado”, como as rotinas do cotidiano, ritos secularizados que perderam o caráter extraordinário. A dicotomia sagrado e profano é intrínseca à especulação religiosa. Podemos compreender o profano como as velhas construções de sentido que foram perdendo seu valor primeiro com o decorrer do tempo, passando então a ser enxergadas como rotineiras e não mais como algo sacro e inacreditável. A secularização é um processo sócio cultural de maior amplitude envolvendo o declínio e a perda da posição central e estruturante que a religião detinha em tempos pretéritos, esta deixa de ser o princípio norteador da vida social, os comportamentos, atitudes e instituições são guiados por outros valores, isentos de matriz teológico, ou seja, a mundanização, o “transcendente” e o sobrenatural acabam perdendo cada vez mais espaço no mundo social. As igrejas como consequência acabam voltando as suas preocupações para problemas sociais e não para as questões espirituais como a salvação das almas, como a IURD faz na contemporaneidade. Mas não se pode afirmar que a salvação da alma é tema secundário na doutrina religiosa atual. Segundo Geertz (2013) o homem pode se adaptar a tudo que sua imaginação permitir, ou enfrentar, exceto ao caos que para Berger (1985) é o oposto do sagrado.

O cosmos sagrado organiza a realidade, transcende e inclui o ser humano em sua realidade ordenada e como resultado fornece um escudo contra a anomia “achar-se numa relação correta com o cosmos sagrado é ser protegido contra o pesadelo das ameaças do caos. Sair dessa relação correta é ser abandonado à beira do abismo da incongruência” (BERGER, 1985, p.40). Pode-se incluir aqui a pregação iurdiana sobre a vida daqueles que após ter seus

pedidos atendidos se afastam da Igreja, da presença de Deus, e acabam perdendo tudo o que havia sido conquistado, ou mesmo aqueles que temem fazer seus sacrifícios de fé – sacrifícios financeiros – e não vêem sua vida melhorar apesar de participarem de todos os cultos semanais. A palavra caos deriva de uma palavra latina que significa “voragem”, e a religião vem do latim que significa “ter cuidado”, o homem deve andar cuidadoso sobre o perigoso poder das próprias manifestações sagradas, mas atrás deste perigo existe outro maior e mais horripilante, aquele que pode interromper a conexão com o sagrado, ou seja, o caos. Eliade (2010) caracteriza as sociedades tradicionais como uma oposição entre o território habitado pelos homens e o espaço desconhecido que os cerca, ou seja, o nosso mundo conhecido é o cosmos, o restante é a oposição de um cosmos, é um espaço “estrangeiro” povoado pelo desconhecido, por demônios.

O homem deve ser cuidadoso com a sua religião, pois o sagrado é ao mesmo tempo uma fonte de segurança e de perigos; é uma força conhecida em parte, pois está aquém da compreensão humana. Esse caráter incompreendido pode ser utilizado para um controle social que procura manter as pessoas, ou grupos, dentro de um limite. Esse processo é chamado de legitimação. “As legitimações são as respostas a quaisquer perguntas sobre o porquê dos dispositivos institucionais” (BERGER, 1985, p.42). Nas sociedades sempre irá existir a necessidade de criação de novas legitimações conforme as gerações vão se alterando, e passando pelo processo secularizante, pois as fórmulas de legitimação são passíveis de esquecimento, sendo por isso necessário que sejam sempre repetidas, em especial em momento de crises coletivas ou individuais, elas são utilizadas para explicar o porquê de uma intolerância frente a resistências, e os meios utilizados para sufocar essas resistências são legitimados. Há uma relação entre a religião e a legitimação, pois “a religião foi historicamente o instrumento mais amplo e efetivo de legitimação”. Toda legitimação mantém a realidade socialmente definida. A religião legitima de modo tão eficaz porque relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erguidas pelas sociedades empíricas. (BERGER, 1985, p.45)

A legitimação religiosa oculta o caráter de coisa construída – pelo homem –, pois se pensa a ordem institucional como obra do divino e não do humano. “A religião legitima as instituições infundindo-lhe um status ontológico de validade suprema, isto é situando-as num quadro e referência sagrado e cósmico” (BERGER, 1985, p.46). O melhor exemplo seja o de conceber uma relação entre o microcosmo e o macrocosmo, sociedade e cosmos, onde tudo que existe na terra tem seu análogo no céu. Eliade (2010) argumenta que somente nos espaços sagrados é possível uma comunicação com os deuses, onde estes podem vir a terra e o homem

pode alcançar simbolicamente o céu. O espaço sagrado serve como uma orientação para o homem que necessita de um ponto fixo de onde sair para conduzir a sua vida.

O homem ocidental moderno experimenta um certo mal-estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-se em pedras ou árvores, por exemplo. Mas, como não tardaremos a ver, não se trata de uma veneração da *pedra* como *pedra*, de um culto da *árvore* como *árvore*. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são *hierofanias*, – símbolos da manifestação do sagrado – porque “revelam” algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado. (ELIADE, 2010, p. 17-8)

O ser humano pode ser influenciado pelas forças divinas. Alguns podem ser escolhidos como canal de comunicação, como governantes que falam em nome dos deuses. Por isso obedecer a estes homens equivale a estar corretamente relacionado com o mundo superior. Estas concepções se referem a sociedades arcaicas e sofrem alterações nas sociedades mais desenvolvidas, pois o mito é superado e desenvolvido, a visão sagrada do mundo é colocada em cheque. Sociedades arcaicas são caracterizadas como aquelas onde os homens viam os seus governantes como representantes dos deuses e por isso lhe deviam total obediência, uma vez que desrespeitar o enviado dos deuses era desobedecer ao próprio deus. Nas sociedades mais desenvolvidas estas concepções já não são aceitas, o deus encarnado em um líder – que é visto como um ser mitológico – é superado. Mas os homens ainda irão desempenhar seus papéis além das produções meramente humanas. A crença fará parte de seu cotidiano mesmo que se altere o contexto, pois as práticas religiosas são instrumentos de rememoração dos significados tradicionais da cultura e suas instituições, como por exemplo, a família.

Os padrões culturais representam fontes extrínsecas de informação – os símbolos ou sistemas – modelam o comportamento e são vitais, uma vez que a conduta humana é instavelmente estabelecida pelas fontes de informação intrínsecas a genealogia e a fisiologia. O homem depende dos símbolos e dos sistemas simbólicos, e esta dependência é tão grande que na sua ausência o homem se questiona sobre sua existência, causando uma grave ansiedade como afirma Geertz (2013) que citando Langer, em *Philosophy in a New Key*, diz:

[O homem] pode adaptar-se de alguma forma, a qualquer coisa que sua imaginação possa enfrentar, mas ele não pode confrontar-se com o Caos. Uma vez que a concepção é sua função característica e seu predicado mais importante, seu maior medo é encontrar algo que não possa construir – o “sobrenatural”, como é chamado vulgarmente. Não é preciso que seja algo novo; encontramos coisas novas e “compreendemo-las” de pronto, embora não completamente, através da analogia mais próxima, se nossas mentes funcionam livremente. Entretanto, sob uma

pressão mental, até as coisas mais familiares podem desorganizar-se subitamente e causar-nos horror. Assim, nossos bens mais valiosos são sempre os símbolos de orientação geral na natureza, na terra, na sociedade e naquilo que estamos fazendo os símbolos de nossas Weltanschauung e Lebensanschauung. (GEERTZ, 2013, p. 73)

Os sistemas de valores são os bens mais preciosos para o homem, estes são símbolos de orientação e proporcionam sentido para a vida em todos os aspectos, já os sistemas de orientação, são sistemas de visão de mundo (Weltanschauung) e sistema de visão da vida (Lebensanschauung), que são norteadores da vida do ser humano.

O homem precisa da sociedade; sem ela seria um ser incompleto, pois ela é quem lhe oferece símbolos ou padrões para que possa compreender o mundo em que está inserido, quando ele não consegue respostas para seus questionamentos cai em anomia, um mundo sem explicação plausível e por consequência sobrenatural, onde a busca por um mundo nômico – que faça sentido – poderia até mesmo levar o indivíduo a cometer o suicídio, uma vez que julga encontrar na morte as respostas que procura, ou mesmo a solução para seus conflitos. O homem está sempre em busca de respostas, essas não precisam deixá-lo feliz, ou mesmo oferecer uma catarse, precisam apenas confortar ou dar sentido. Esta busca pode ser encontrada no sagrado, na religião:

A religião é o empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmos sagrado [...]. Por sagrado entende-se aqui uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e, todavia, relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetos da experiência (BERGER, 1985, p.38).

1.2. ESTRUTURAS DE PLAUSIBILIDADE RELIGIOSA

O homem no decorrer de sua história irá se deparar com situações marginais – situações que estão fora da familiaridade, o desconhecido –, e estas precisam ser legitimadas pela religião. As explicações de cunho religioso permitem ao indivíduo continuar a viver em sociedade, “não como se nada tivesse acontecido [...], mas por saber que esses acontecimentos ou experiências tem um lugar no seio de um universo que tem sentido” (BERGER,1985, p.57), por mais dolorosa que tenha sido a situação marginal – seja ela individual ou coletiva, como a morte de amigos ou entes queridos – a legitimação religiosa toma a frente. A religião precisa nestes casos manter uma estrutura de plausibilidade para o humano, precisa fazer sentido, pois a sua quebra abala o mundo construído, as tradições religiosas exigem

comunidades específicas para manter sua plausibilidade, e na falta desta comunidade a religião deixa de se impor como verdade.

Quanto maior a estrutura de plausibilidade de uma religião, mais firme será o mundo baseado nela, pois quando isso não ocorre é constante a necessidade de uma legitimação para a manutenção do mundo construído. Podemos entender que a legitimação é utilizada na falta de uma estrutura de plausibilidade religiosa. Existem formas de manutenção da plausibilidade religiosa: quando a sociedade como um todo possui uma crença em comum as estruturas serão mais facilmente mantidas e sua manutenção exigirá menos complexidade; o mesmo não irá ocorrer em grupos em competição religiosa com outros grupos, neste caso as estruturas de plausibilidade são muito mais sensíveis e complexas, o que Berger (1958) chama de problemas de “engenharia social”.

Enquanto um sistema religioso é majoritário em uma determinada sociedade há um controle maior que pode agir da forma que melhor julgar para manter o seu domínio, ou seja com a destruição física de grupos ou indivíduos – como ocorreu na Inquisição – e estes métodos de agir possuem grande êxito. Ocorre o oposto quando sistemas religiosos diferentes estão em competição, há um sectarismo religioso, onde:

para o indivíduo, existir num determinado mundo religioso significa existir no contexto social particular, no seio do qual aquele mundo pode manter sua plausibilidade, onde o nomos da vida individual é mais ou menos coextensivo aquele mundo religioso, separar-se deste último implica em ameaça de anomia” (BERGER, 1985, p.63).

Trazendo esta afirmação para a esfera iurdiana, é onde um membro da igreja julga não ser aceitável ir a um centro de umbanda, pois para ele é impossível que Deus exista ali, e ainda está suscetível ao risco de sofrer assédio demoníaco que o tiraria de seu nomos e o deixaria em um mundo anômico; mas em uma sociedade aonde existe diversos grupos religiosos ele poderá ter contato com outra religião que o leve a conversão. A IURD é um exemplo, pois seus adeptos são em sua grande parte convertidos – oriundos de outras igrejas, principalmente do catolicismo e das religiões afrobrasileiras. Um dos objetivos da Igreja Universal é incorporar adeptos de outras denominações religiosas, e para isso desprende os mais diversos ataques como afirmar que todos os orixás das religiões afrobrasileiras são na verdade demônios. Nas comunidades em que o pluralismo religioso existe, corre-se o risco da perda da plausibilidade quando o indivíduo se depara com uma situação de anomia

Como todo mundo religioso se baseia numa estrutura de plausibilidade que é ela própria produto da atividade humana, todo mundo religioso é intrinsecamente precário na sua realidade. Em outras palavras, a conversão (isto é, a transferência do individual para o outro mundo) é sempre possível em princípio (BERGER, 1985, p.63).

Conversão religiosa significa migrar de uma estrutura de plausibilidade para outra. A religião é um cosmos sagrado que se mantém eternamente frente ao caos. Se um adepto da Umbanda está passando por um problema de saúde ou familiar e a sua religião não dá mais conta de explicar, ao ir a uma IURD ele pode encontrar ali as respostas para suas aflições e vice e versa.

A IURD se apresenta como uma Igreja pouco estática, está sempre se modificando e absorvendo os fatos cotidianos, conseqüentemente acaba moldando sua forma de agir frente aos membros – veremos, logo adiante, que este fato está baseado nas estruturas de plausibilidade de uma religião.

1.3. EXPLICAÇÃO DOS FENÔMENOS ANÔMICOS – A TEODICÉIA

A anomia – a falta de sentido para a realidade humana – não deve ser só superada, mas também explicada, por isso temos a teodicéia – explicação dos fenômenos anômicos em termos de legitimação religiosa independentemente da complexidade teórica – que nada mais é do que a explicação para o mal. A teodicéia não precisa estar ligada a um “sistema teórico complexo”, ou seja, um homem do campo não difere de um teólogo ao falar das benesses divinas. “Ainda assim é possível diferenciar as teódiceias em grau de racionalidade, isto é, o grau em que prendem a uma teoria que explica coerente e de maneira conseqüente os fenômenos em causa em termos de uma visão compreensiva do universo” (BERGER, 1985, p.66). O homem simples, portanto, ao falar da vontade de Deus, embora não o faça de uma forma mais articulada está falando da teodicéia formulada pelo teólogo.

A teodicéia plausível – que requer uma plausibilidade estruturada de forma apropriada – “permite ao indivíduo integrar as experiências anômicas de sua biografia no nomos socialmente estabelecido e o seu correlato subjetivo na sua própria consciência” (BERGER, 1985, p.70), ou seja, por mais difíceis e causadoras de dor que possam ser as más experiências, elas possuem um sentido subjetivo. Esta explicação não deixa o homem feliz ou satisfeito pelo sofrimento que lhe aflige, pois a teodicéia não tem esta função, ela proporciona antes de tudo um significado. Um homem que padece de um mal ou que sofre de exploração

necessita mais de uma explicação para o seu sofrimento do que felicidade ou alívio. Se uma teodicéia responde, ela serve a um objetivo de suma importância para quem sofre, mesmo que não prometa um resultado final bom neste ou em outro mundo, “algumas teodicéias não são portadoras de nenhuma promessa de redenção – a não ser pela segurança redentora do próprio sentido”. (BERGER, 1985,p.70)

Os sofrimentos causados pelos homens aos homens também precisam ser explicados, pois eles se questionam o porquê de Deus permitir essa ocorrência, existe a necessidade de uma teodicéia específica para cada caso. As teodicéias podem servir de legitimação para oprimidos e opressores, servem de justificação ou ópio, a utilidade da explicação para os problemas é a manutenção da ordem instituída. Podem existir duas teodicéias em uma mesma sociedade, uma que explique a felicidade de um grupo e a infelicidade de outro e que podem relacionar-se entre si.

As teodicéias têm por função fazer com que os homens compreendam os fenômenos anômicos, até que chegue o momento em que os que sofrem não de ser recompensados e os que praticam injustiças serão devidamente castigados. As manifestações religiosas que usam estas explicações são as messiânicas, milenaristas e escatológicas. Estas teodicéias correm o risco de enfrentar dificuldades práticas, pois podem ser refutadas empiricamente, como é o caso do milenarismo e do messianismo, a solução encontrada é a transposição da teodicéia para outro espaço, um local intermediário, para o mundo pós-túmulo, afirmando que a felicidade não está neste mundo, a nomização – felicidade – está no mundo além vida. Geertz (2013) afirma que o papel da religião não é evitar o sofrimento e sim ensinar ao homem como sofrer e como tolerar esse sofrimento, seguindo a linha de pensamento do autor, os símbolos são garantias cósmicas para a compreensão do mundo “mas também para que, compreendendo-o, deem precisão ao seu sentimento, uma definição às suas emoções, que lhe permita suportá-lo, soturna ou alegremente, implacável ou cavalheirescamente” (GEERTZ, 2013, p.77). O papel da religião não é o de negar o inegável, mas negar que existam acontecimentos inexplicáveis “que a vida é insuportável e que a justiça é uma miragem” (GEERTZ, 2013, p.79).

Outra forma intermediária de teodicéia na visão de Berger é o dualismo, onde o universo é visto como campo de luta entre as forças do bem e do mal, onde a nomização é enxergada como vitória do bem sobre o mal, e cabe ao homem a escolha de lutar do lado correto. A terra é vista como local de desordem e de lutas, o céu é o verdadeiro lar do homem. A história empírica é excluída de toda a concepção de salvação, portanto as explicações dualistas tendem a ser “acósmicas, ascéticas e a-históricas” (BERGER, 1985, p.83). Para

Geertz (2013) o problema do sofrimento sempre irá recair no problema do mal uma vez que o sofrimento sempre será cruel e o sofredor sempre se considerará imerecido de tal infelicidade, ou seja, em essência o sofrimento e o mal são a mesma espécie de problema.

O diabo na Igreja Universal é a resposta a origem para todos os sofrimentos que assolam os homens, ele é a figura que anda a espreita dos filhos de Deus, e agora os homens precisam lutar contra essa força maligna para receber o que merecem por direito, o que é justo. A Igreja Universal do Reino de Deus, segundo seus seguidores, é o espaço de luta entre o bem e o mal, é um local de suma importância para os homens, pois é neste espaço que encontram o sentimento de pertença religiosa necessário para manter seu mundo, é ali que se encontram para alcançar as benesses do paraíso prometido por Deus – que é neste mundo e não no pós morte – é dentro do templo que exigem que as promessas divinas sejam cumpridas, pois segundo a crença iurdiana Deus é pai e é rico, os filhos são seus herdeiros por direito e merecem ser ricos como o Pai, merecem a felicidade. Podemos caracterizar essa concepção religiosa iurdiana com o que Geertz (2013, p.96) denomina “visão de mundo”, que retrata tanto o que um povo preza como o que teme e odeia, que é simbolizado através de sua religião e expresso em sua vida.

No livro “O Bispo” (TAVORALO, 2007) o fundador da IURD fala sobre a perseguição que sofre da Igreja Católica e de algumas alas protestantes pela prática da “teologia da prosperidade”, ao ser questionado se estava afirmando que a Igreja Católica tem interesse na pobreza, responde:

A Igreja Católica sempre impregnou na cabeça das pessoas que riqueza é coisa do mal e que a pobreza é boa. Eles querem que eu pregue a “teologia da miséria?” Querem que eu pregue a pobreza? Querem que as pessoas sejam pobres e a igreja rica? Eu prego o que Jesus falou. Ele veio trazer vida, e vida com abundância. Está escrito na Bíblia católica também. Eu acredito que Deus deseja o melhor para cada um de nós. Qual é o pai ou a mãe que deseja o pior para seu filho? O pai é rico e os filhos são miseráveis. Qual sentido disso? (TAVOLARO, 2007, p.208)

A lógica universal é a de que a felicidade está no plano material, um homem próspero é abençoado na terra e no céu e para que isso ocorra ele precisa fazer sacrifícios – geralmente financeiros –, ao ser questionado sobre as acusações de explorar seus fiéis o bispo Macedo responde:

É questão de raciocínio. Se uma pessoa vem à igreja e é explorada, não recebe nenhum benefício, ela nunca mais volta. Ou voltaria para ser explorada novamente? Claro que não. A Igreja Universal começou com poucas pessoas. As

que estão conosco até hoje é porque têm sido beneficiadas. Somos acusados de exploração da boa-fé por puro preconceito. Por inveja do sucesso da igreja e do meu trabalho como pregador. Trabalho que gera resultado na vida das pessoas. Analise a história de quem está na igreja. A maioria entrou falida, sem nada, fracassada na vida econômica, e hoje são empresários bem sucedidos, donos de negócios lucrativos, carros, casas, bens que não acabam mais. E o mais importante: tiveram a família reconstruída, a felicidade de volta. Pergunte a elas, não a mim. Eu sou o explorador? A igreja cresce porque o povo é beneficiado. As pessoas que mais focamos são as fracassadas. E por quê? Porque o Deus que cremos é um Deus vivo. Em razão disso, Deus se torna obrigado a corresponder às necessidades das pessoas. Ou Deus existe e atende ao clamor delas ou Deus simplesmente não existe. (TAVOLARO, 2007, p.209)

1.4. MERCADO RELIGIOSO

A IURD é considerada por pesquisadores como Leonildo Silveira Campos como uma igreja de mercado; “por mercado entendemos aquele espaço social no qual produtores e consumidores se encontram e, por meio da comunicação, efetuam trocas de mercadorias e dinheiro. [...] mercadoria é qualquer objeto, substância, ação ou serviço que possa proporcionar prazer e afastar a dor” (CAMPOS, 1997, p.53), a Universal atribuiu valor simbólico religioso a produtos que eram do desejo das pessoas, há semelhanças da IURD com empresas capitalistas, ela foi a pioneira neopentecostal na venda de “bens religiosos”⁵ mas como a concorrência aumentou no decorrer dos anos, fator necessário para que seja chamada de uma igreja mercadológica pois precisa convencer seus fiéis de que seu produto é o melhor, por isso conta com departamentos de marketing, mídia, propaganda, etc. No texto “*A Teoria do Mercado Religioso*” (OLIVEIRA e NETTO, 2014) conceituam o mercado religioso da seguinte forma:

[...] um conjunto formado por ofertantes e demandantes de bens e serviços religiosos. Esses ofertantes são firmas – *organização religiosa que fornecem bens e serviços religiosos* – ou organizações religiosas e os demandante são os fiéis ou seguidores religiosos. Quanto ao grau de concorrência (...) esse mercado pode possuir desde um perfil monopolista até ser caracterizado como de livre competição (OLIVEIRA e NETTO, 2014, p.222).

Quem determina essa competição são os consumidores destes bens religiosos, pois possuem liberdade de escolha, como vimos anteriormente com Berger (1985), o homem pode

⁵ Derivado do conceito de mercado de bens religiosos de Bordieu, onde bens religiosos são vistos como “salvação, cura, libertação das culpas, sentido para vida e outros mais, como elementos produzidos graças à instrumentalidade de pastores colocados à disposição de um laicato que, convocado por eles, se mostra disposto a adquirir tais produtos.” (CAMPOS, 1997, p.53)

alterar a sua religiosidade desde que a anterior já não lhe ofereça mais uma estrutura de plausibilidade, e a qualidade dos serviços religiosos é o atrativo para esse homem que está à procura de uma resposta plausível para seu sofrimento, resultando que este ao se encontrar em uma determinada religião irá, muito provavelmente ajudar financeiramente – mesmo que modestamente – a instituição para que ela se mantenha e que possa continuar no mercado a fim de alcançar outras pessoas, a lógica mercadológica é exatamente a de atrair mais fiéis, conseguir mais renda para poder aumentar sua estrutura e como consequência deste aumento conseguir ainda mais clientes.

Na Igreja Universal o crente, segundo o bispo Edir Macedo, é motivado a dar os 10% de dízimo, pois “*é questão de colocar Deus em primeiro lugar na vida. Dízimo são as primícias. Ou seja, os primeiros frutos*” (TAVOLARO, 2007, p.210) , quando interrogado sobre o destino do dinheiro arrecadado – dízimo e ofertas – Macedo informa que o dinheiro todo é direcionado ao pagamento das contas da igreja como água, luz e aluguéis, e diz ainda que a igreja investe pesado na construção de novas igrejas. Por que construir catedrais que custam tanto?

O objetivo é abrir a cabeça do pobre que dá oferta. Na sua casa, ele senta no sofá rasgado ou até no chão. Na igreja, ele é honrado. Tem o direito de sentar em uma cadeira estofada, com ar condicionado, usar um banheiro limpo. Recebe um atendimento exemplar. Eu quero mostrar que ele é capaz de conquistar coisas grandes, uma vida melhor. Algo como dizer: Veja a grandeza de Deus. Sua casa é um barraco? Olha o que Deus pode fazer. A Igreja Universal também começou em um barraco, mas olha como está hoje. Você precisa investir nesse Deus. (TAVORALO, p.212)

Na IURD seus fiéis são motivados a consumir, há uma quebra com a tradição protestante, Max Weber (2004) nos apresenta o *Beruf* onde homem é levado ao divino pelo seu trabalho, ou seja, homem protestante através de seu labor glorifica a Deus. Não há um interesse pela acumulação de capital, a ajuda para que seu semelhante cresça não é negada. Encontramos uma quebra com a tradição luterana onde um homem não possui dívidas, mas não vive no luxo e na riqueza, isto seria motivo de vergonha, os luteranos são éticos – possuem um distanciamento do mundo material – enquanto a tradição iurdiana prega que ser rico é um mérito. O capitalismo é mais importante neste contexto do que a ética, o homem iurdiano segue a teologia da prosperidade que afirma:

[...] a pobreza é o resultado da falta de fé ou de ignorância. O princípio da prosperidade é a doação financeira, entendida não como gratidão ou devolução a Deus (como na teologia tradicional), mas como um investimento. Devemos dar a Deus para que ele nos devolva com lucro. Os fiéis da IURD fazem ofertas, sacrifícios e são dizimistas e exigem que Deus cumpra a promessa de os tornar homens/mulheres de posses, exigem receber de volta o investimento feito com juros. A teologia da prosperidade frisa não a doação caritativa, mas a eclesiástica; uma teologia funcional para convencer pessoas a financiarem ministérios caros. (CAMPOS, 1997, p.363)

De acordo com Weber (2004, p.47)

[...] Atualmente a ordem econômica capitalista é um intenso cosmos em que o indivíduo já nasce dentro e que para ele, ao menos enquanto indivíduo, se dá como um fato, uma crosta que ele não pode alterar e dentro da qual tem que viver. Esse cosmos impõe ao indivíduo, preso nas redes do mercado, as normas de ação econômica [...]

A Igreja Universal tem um discurso que está dentro desta lógica de análise de Weber. Apresenta que o indivíduo está dentro de um sistema capitalista e que não deve aceitar a sua situação, mas coloca sob uma ótica religiosa. O autor nos apresenta que o protestantismo tem como diferencial a educação, temos como exemplo uma fábrica que recruta artesãos da nova geração para qualificação. Entre os artesãos católicos o resultado é que estes após a formação tendem a continuar artesãos, já os protestantes caminham para as fábricas para ocupar os altos escalões do operariado qualificado e os postos administrativos. A educação religiosa protestante determina a escolha da profissão e conseqüentemente o destino profissional. (WEBER, 2004, p.32-3) No protestantismo os homens valorizam a educação, a honestidade e o trabalho que leva a uma vida digna e próspera, em contra mão temos a IURD que faz utilização de magias, onde a fé pode ser o diferencial entre a riqueza e a pobreza. Não existe a concepção de preparo para ser um empresário ou dono de um grande empreendimento de sucesso. Para Lutero toda profissão é lícita, e tem seu valor, e vale muito perante Deus. O trabalho é a forma de agradar a Deus em todas as situações – entendido como qualquer profissão (WEBER, 2004, p.73). Na concepção iurdiana o trabalho não é visto como vocação, seus fiéis não passaram, em sua maioria, pelos bancos escolares e universitários, não possuem profissões que permitam uma elevada situação financeira. O crente é incentivado a encontrar uma profissão extremamente rentável, o oposto da tradição protestante onde qualquer profissão é uma forma de agradecer a Deus. Aqui a profissão é uma Graça, e esta é ser o dono e sem a necessidade de estudos, e para se manter nesse nível de vida e de sucesso o agora bem

sucedido empresário precisa continuar fazendo seus sacrifícios em nome da sua fé como forma de agradecimento e de garantia de mais prosperidade. A questão que podemos colocar em cheque é: ao se tornar dono de uma empresa é preciso empregar pessoas, o homem bem sucedido hoje foi o empregado no passado, o oprimido passa a ser o opressor, como a IURD trabalha com essas questões? Weber (2004, p.76) responde essa questão no âmbito da religiosidade protestante

[...] a ambição de um ganho material que exceda à necessidade pessoal deve ser por isso mesmo considerada sintoma de ausência do estado de graça e, posto que lucrar só parece mesmo possível às custas dos outros, merece ser condenado sem mais [...]

Segundo Lutero o cristão serve a Deus somente na profissão “*in vocatione*” e não por meio da profissão “*per vocationem*” (WEBER, 2004,p.198), a lógica iurdiana inverte esses valores. Nos cultos é comum os pastores dizerem que ao ficar rico o fiel mostrará a todos o poder de sua crença, o poder da Igreja, podemos concluir de momento que a riqueza dos membros da igreja são uma forma de legitimar o poder da instituição religiosa como promotora da prosperidade financeira, que é sinal de felicidade, de solução de todos os problemas uma vez que a ênfase da igreja são os bens materiais.

Encontramos a quebra com os valores protestantes, a Igreja Universal é pragmática e imediatista, não existe o interesse no outro mundo. A felicidade é deste mundo e deve ser alcançada aqui e agora. O trabalho não é para glorificar a Deus. O trabalho é para que se mostre o quanto se pode ser rico e o quanto se pode ficar ainda mais rico, afinal Deus fez a promessa de que seus filhos são seus herdeiros, e quando os filhos de Deus não são agraciados com a herança divina o culpado é o diabo, portanto ele precisa ser arrebatado a fim de que o filho de Deus receba o que é seu por direito.

O protestantismo histórico que adentra ao Brasil na metade do século XIX, segundo Leonildo Campos (2011), possuía a mensagem de conversão, que era uma ruptura com a cultura latina e católica brasileira. Os protestantes chegam ao Brasil juntamente com a expansão mercantilista e capitalista, acreditavam que o avanço do protestantismo traria progresso e modernização. Mas sua doutrina se mostrará negativista ao passo que se apresenta mais “escapista”, pregando mais o individualismo do que a transformação social por muitos desejada (CAMPOS, 2011, p.508), o que deixa um espaço para que o pentecostalismo funde suas bases, Paul Freston (1993) diz que o protestantismo “distingue-se dos pentecostais pela antiguidade e pela não aceitação da doutrina e prática pentecostal de glossolalia, profecias,

curas e exorcismo. Em média, as igrejas históricas atraem uma classe social mais elevada do que as pentecostais” (FREESTON, 1993, p.47)

O protestantismo tem como centro articulador a cultura da leitura. O pentecostalismo se adapta à oralidade e se desvincula do sistema escolar protestante, o que é uma possível explicação para sua maior aceitação, pois os pentecostais vão utilizar de meios de comunicação em massa como o rádio. Neste contexto na década de 50, segundo Campos

O presbiterianismo continua avesso às tendências da moderna comunicação humana, insistindo numa educação cristã e teológica, fortemente teóricas, destinadas a formar especialistas religiosos com perfil de doutores [...] enquanto isso, o pentecostalismo treina comunicadores, ativistas de auditório e pastores-atores, que dirigem um culto tal como se estivessem à frente de uma câmera ou de um espetáculo encenado num palco. (CAMPOS, 2011, p.525).

O autor nos lembra que a IURD consegue reinventar a capacidade de ouvir as necessidades dos fiéis e passa a operar através do telefone e internet, há um “deslocamento da cultura” com a chegada da “pós-modernidade” onde estes meios modernos de comunicação são tão eficientes como os templos na venda dos produtos religiosos, “onde pastores e missionários desempenham o papel de técnicos de marketing, especialistas em estratégias de vendas, desconhecidas ou abominadas pelo protestantismo histórico” (CAMPOS, 2011, p.526). Com o auxílio do pensamento de Stuart Hall (1999) e Bordieu (1982), Campos (2013) nos apresenta que as religiões pentecostais possuem uma identidade relacional que é provisória, podem mudar dependendo do contexto que se encontrem. Estas mudam em momentos que ele chama de crise, e então ocorre um processo de “transformação tão fundamental e abrangente que não nos compele a perguntar senão é a própria modernidade que esta sendo transformada” (CAMPOS, 2013, p.222). Surge então o campo religioso (de Bordieu) onde as instituições demarcam seus espaços e fronteiras, entretanto fica muito difícil manter as identidades e as fronteiras em períodos de tensão entre as instituições religiosas. Neste contexto surge o homem pós-moderno “que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. Esse sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, o que faz da velha noção de identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente uma mera fantasia” (CAMPOS, 2013, p.222). Campos completa, com o auxílio do pensamento de Niebuhr (1999) que uma característica dos grupos pentecostais é a substituição da formalidade protestante pela informalidade, que acarreta em um desprezo por um clero “intelectualmente preparado” dando preferência a “líderes leigos que satisfazem mais adequadamente as necessidades emocionais desta religião” (CAMPOS, 2013, p.226).

Não podemos pensar que o neopentecostalismo nasce “novo” e que não sofre influências de seu meio, ou mesmo que abandona todas as práticas e características do protestantismo e pentecostalismo, ou mesmo do catolicismo. Segundo Campos (2013) o neopentecostalismo é:

[...] uma síntese que reúne protestantismo, catolicismo e religiões afro-indígenas. Na IURD, por exemplo, antigas visões mágicas, rituais para se alcançar cura e prosperidade em troca de dinheiro, estratégias para tentar amarrar Deus a projetos humanos, tem sido usadas em continuidade com o que sempre foi comum nos meios católicos e nos cultos afro brasileiros. Há então uma continuidade entre o universo mágico da religiosidade popular brasileira e certas práticas neopentecostais. Daí nos parece que as violentas campanhas da IURD contra os cultos afros e contra o catolicismo popular refletem muito mais as semelhanças do que as diferenças entre áreas do neopentecostalismo e as religiões por eles combatidas. (CAMPOS, 2013, p.226).

No livro *Orixás caboclos e Guias: deuses ou demônios* (MACEDO, 2005) encontramos as campanhas da IURD contra as religiões de onde ela retira boa parte de seu repertório, em uma passagem o Bispo Edir Macedo de forma muito sutil ataca o protestantismo quando afirma que mesmo com condições financeiras e acesso aos estudos as pessoas não encontrarão Deus:

Uma pesquisa nos Estados Unidos revelou que 33% dos jovens universitários tentam suicídio e 11% morrem por esse método. Por que essas pessoas tentam morrer? Falta de dinheiro, amigos, amor? Falta Deus! (MACEDO, 2005, p.69).

Mas seria a religião, independente de sua origem capaz de modificar o homem e mesmo a cultura? No final do capítulo *A Religião como sistema cultural*, Geertz (2013) nos apresenta a concepção de que a religião é capaz de modificar o homem, pois conforme o homem muda, muda-se também o “mundo do senso comum”, ou seja, o homem compreende que vive numa parcialidade da realidade, ele está apenas numa parte de sua jornada, entretanto, não encontraremos esta mesma realidade em todos os lugares, existe uma “particularidade do impacto dos sistemas religiosos sobre os sistemas sociais” (GEERTZ, 2013, p.89), existem efeitos diversos de uma religião sobre os indivíduos, não podemos afirmar que existe uma interiorização e aceitação da religião da mesma forma para todos.

Clara Mafra em “Religiões e Cidades” (2009, p.69) nos apresenta uma breve análise sobre o desgaste cultural e a conversão ao pentecostalismo. Não podemos afirmar que as pessoas mudam sua cultura repentinamente, existe um desgaste e conseqüentemente algum trauma com a cultura em questão que leva a busca de uma nova religião. Duas interpretações são comumente utilizadas para que as pessoas mudem de religião, a primeira é proselitista e afirma que um líder carismático pode levar à conversão – mas as pessoas não vão se converter e abandonar suas práticas religiosas apenas pela sedução de um discurso, como no caso do Bispo Edir Macedo que apesar de apresentar um discurso carismático não é capaz de converter fiéis para sua igreja apenas com a sua habilidade oratória. A segunda interpretação “centra a análise na chamada capacidade sincrética, de hibridação, de mestiçagem do novo culto”. Mafra (2009) afirma que é a hipótese sincrética a base de quase todos os estudos sobre religião no Brasil, mas é falha ao justapor as articulações entre os diferentes elementos ao invés de explorá-los. As pessoas não trocam os elementos religiosos de sua antiga crença para aderir os elementos de um novo culto, “mas, sim, passam a operar conscientemente, quase que imediatamente depois da conversão, como se adotassem uma nova lógica cultural” e “para compreender os motivos da mudança, é necessário focar na cultura que está sendo mudada, ainda que os motivos para a transformação se tornem rapidamente obsoletos” ((MAFRA, 2009, p.73).

Mafra (2009) nos apresenta o relato de uma diarista que se converte ao pentecostalismo⁶. Paula vive na periferia do Rio de Janeiro e trabalha em um bairro distante e se vê obrigada a almoçar no trabalho. Um dia coloca a mesa uma panela com feijão contendo muitos pedaços de carne para que a família almoce. Ao final da refeição ela observa que sua patroa – de forma escondida – retira toda carne da panela e as coloca em um pote na geladeira, deixando só o feijão para que ela possa comer. A diarista fica muito nervosa e enxerga esse fato como humilhação, mas graças a sua doutrina religiosa permanece em silêncio – coisa que não faria anteriormente caso não fosse conversa – apenas diz a si mesma que ao chegar em casa irá dobrar os joelhos e orar a Deus para que possa suportar as provações que passa diariamente na casa da patroa – provações compreendidas por Paula como necessárias para que ela alcance algo melhor no futuro, ou seja, a diarista está sendo testada por Deus e sabe disso, por isso pedirá a Ele forças para não cair em tentação e pecar. Paula mora em uma periferia e a religião salvou sua família, a sua fé foi um fator determinante para que pudesse criar seus filhos sem que estes fossem pra o mundo do crime ou mesmo da ilegalidade –

⁶ Sugiro a leitura do capítulo Distância Territorial, Desgaste Cultural e Conversão Pentecostal. In: Religiões e cidade. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

muito presente nas periferias do Rio de Janeiro – uma vez que tinha a igreja como refúgio, e sua felicidade era chegar ao culto e encontrar seus filhos ali após as suas orações para que tivessem ido e voltado da escola em segurança.

[...] mesmo que os pentecostais continuem a recorrer a elementos culturais antigos – referentes católicos, espiritistas, umbandistas, candomblecistas –, a lógica pentecostal passou a ter precedência sobre as demais. Supõe-se, portanto, que para a adesão ao novo culto, a população considerada tenha vivido algum episódio humilhante e paradoxal, ou seja, algo capaz de produzir o abandono do valor de categorias familiares em favor de novas. (MAFRA, 2009, p.73)

Ou seja, não podemos afirmar que com a mudança de religião há um esquecimento dos preceitos religiosos anteriores, ao contrário, o que ocorre é que a nova lógica religiosa responde de forma muito mais concreta a humilhação vivenciada anteriormente. Como podemos observar, no decorrer do texto e neste exemplo, ficam claras as afirmações de Berger (1985) e Geertz (2013), quando afirmam que o ser humano é religioso e a religião molda a sociedade. O homem internaliza essa cultura de forma subjetiva. Quando o campo religioso é menos aberto se torna mais fácil mantê-lo em ordem, não dando margens para que sua construção seja questionada e as estruturas de plausibilidade necessitam de menos manutenção, o inverso ocorre em sociedades onde há um pluralismo religioso em concorrência, pois o homem pode se deparar com questões que não são respondidas em seu grupo, mas cujas respostas podem ser encontradas em outro grupo com estruturas de plausibilidade melhor construídas.

Compreendemos que a religião é intrínseca a cada ser humano, dependendo de seus desejos e necessidades. Até aqui podemos observar como a sociedade é construída pelos homens e a forma como a IURD faz esse processo na contemporaneidade, ela apresenta respostas às novas questões colocadas pelos homens, completa as lacunas deixadas pelas outras igrejas. O homem que não entende o porquê de seu sofrimento na terra encontra como resposta na religião neopentecostal que sua felicidade pode ser alcançada no plano material, durante a sua vida e não no pós-túmulo, recebe todas as explicações para seu sofrimento e também a solução para que estes sejam eliminados – a IURD constrói teodicéias que deixam os homens longe do perigo de cair em anomia. Vivemos em um momento onde a crença apresenta novas configurações, o homem acredita que após se arrepender precisa lutar pelos seus direitos, precisa lutar pela justiça divina, e se necessário for, utilizará todas as formas humanamente e financeiramente possíveis para receber a sua herança prometida. Deus deixa de ser o credor e passa a ser o devedor na concepção iurdiana.

A IURD apresenta novas configurações religiosas – não existe a revitalização das velhas religiões, mas sim o florescimento de novas formas de práticas religiosas que levam a novas configurações de Deus –, e apresenta uma nova visão do diabo; este não é somente o inimigo de Deus, ele passa a ser também o inimigo dos filhos de Deus, ele deseja destruir o reino dos céus, deixa de ser o ser invisível que raramente aparecia materializado em exorcismos realizados pela Igreja Católica ou no pentecostalismo, para ser o ser presente em todos os cultos onde é invocado, onde precisa ser contido. O diabo aparece para assumir a culpa que levaria o homem a uma condenação moral. O homem agora não é mais o responsável pelos seus vícios no álcool e drogas, ou mesmo por bater na esposa e filhos, ele é nestes casos uma marionete do diabo. Quando a IURD apresenta que este estava possesso, ele precisa apenas se arrepender, ter fé e estará a um passo da herança divina – verdade que demônio tentava esconder – o diabo não deseja a felicidade de Deus então utiliza os filhos para atingir o Pai. As denominações neopentecostais estão em evidência no cenário religioso atual, e tendem a crescer mais, mesmo que a sua maior representante, a IURD tenha demonstrado um decréscimo no último censo, mas merece ser estudada, pois está mudando a concepção de pessoas e paisagem de diversas cidades no país, com seus mega templos. Não temos o intuito de salvar a Igreja Universal do Reino de Deus como um patrimônio material, mas sim como um patrimônio intangível, registrando suas práticas e representações com o objetivo de verificar se irão ocorrer transformações e permanências, pois patrimônio como já mencionado “é bom para agir” (GONÇALVES, 2009, p.31) é um símbolo.

2. DO PENTECOSTALISMO TRADICIONAL AO NEOPENTECOSTALISMO

Antes de entrar no âmbito da IURD é preciso um pequeno resumo do que é o pentecostalismo até o surgimento do neopentecostalismo. Esta é uma forma de deixar mais claro o contexto e a temporalidade em que o trabalho se encontra.

O sociólogo Freston (1993) divide a corrente pentecostal em três ondas: a primeira é caracterizada pela década de 1910 com a chegada da Congregação Cristã e Assembléia de Deus em 1911; a segunda onda parte do final dos anos 50 e início de 60 quando o campo pentecostal se fragmenta em três grandes grupos compostos pela Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é amor (1962); a terceira onda começa em fins de 1970 e ganha força nos primeiros anos da década de 80; as principais representantes desta onda são: Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e Igreja Internacional da Graça de Deus (1980).

Segundo Freston (1993), é uma vantagem colocar em ordem o campo pentecostal, dividindo-o em ondas, pois abre a possibilidade de ressaltar as características, as mudanças e evoluções do pentecostalismo no decorrer dos anos e ao mesmo tempo podemos observar as marcas que cada igreja carrega, ou seja, as características presentes em cada uma referente à época em que nasceu.

A primeira onda é o momento da origem e expansão mundial do pentecostalismo – no Brasil a recepção inicial é limitada. A segunda onda, dos anos 50, começa quando a urbanização e a formação de uma sociedade de massas possibilitam um crescimento pentecostal que rompe com as limitações dos modelos existentes, especialmente em São Paulo. [...] A terceira onda começa após a modernização autoritária do país, principalmente na área das comunicações, quando a urbanização já atinge dois terços da população, o milagre econômico está exaurido e a “década perdida” dos 80 se inicia. A onda começa a se firmar no Rio de Janeiro economicamente, com sua violência, máfias do jogo e política populista. (FRESTON, 1993, p.66).

O autor afirma que o pentecostalismo de terceira onda se adapta às mudanças ao:

[...] aprofundamento da industrialização; o inchamento urbano causado pela expulsão de mão-de-obra do campo; a estrutura moderna de comunicações de massa que no final dos anos 70 já alcança quase toda a população; a crise católica e o crescimento da umbanda; e a estagnação econômica dos anos 80. (FRESTON, 1993, p.95).

Mariano (2005) denomina essa terceira onda do pentecostalismo brasileiro de neopentecostalismo. As principais características que enquadram as igrejas neste termo é o fato de geralmente serem mais flexíveis que o pentecostalismo tradicional, investem em atividades extra-igreja (ele se refere a atividades empresariais, políticas, culturais e assistenciais), ou seja, enfatizam aquilo que é rejeitado pelo pentecostalismo clássico.

Insiro aqui uma breve explicação do que são os movimentos pentecostal e neopentecostal no Brasil e para isso me reportarei aos dizeres de Antonio Flávio Pierucci:

Recentemente, o movimento pentecostal no Brasil passou a se diferenciar em dois tipos, com dois formatos básicos: os pentecostais clássicos e os neopentecostais. As formas de vida religiosa que hoje mais crescem no Brasil são em primeiro lugar as igrejas protestantes pentecostais. E entre as pentecostais as que mais crescem são aquelas que já se convencionou chamar de neopentecostais. Estas oferecem uma forma de religiosidade muito eficiente em termos práticos, pouco exigentes em termos éticos e doutrinariamente descomplicada. Os neopentecostais conservam do pentecostalismo clássico o estilo de culto fortemente emocional, voltado para o êxtase, com papel de destaque para a glossolalia, o exorcismo e o milagre, visados sempre como resultados palpáveis a ser experimentados de imediato. Em meio à infinidade de igrejas pentecostais de tipo clássico existentes no Brasil, as maiores

são as seguintes: Congregação Cristã do Brasil (desde 1910 no Brasil); Assembléia de Deus (desde 1911 no Brasil); Igreja do Evangelho Quadrangular (1953); Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo (fundada em 1955); Deus é Amor (fundada no Brasil em 1962); e Casa da Bênção (fundada no Brasil em 1964). As igrejas neopentecostais mais representativas em tamanho e visibilidade são as seguintes, todas elas criadas no Brasil: Igreja Nova Vida (fundada em 1960); Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (fundada em 1976); Igreja Universal do Reino de Deus (fundada em 1977); Igreja Internacional da Graça de Deus (fundada em 1980); e Renascer em Cristo (fundada em 1986). (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2000, p. 313).

A Igreja Universal se destaca pelo seu liberalismo em relação aos usos e costumes, pelo exorcismo e pela garantia de libertação e cura, além é claro do uso da mídia e da larga participação política, o que a caracteriza como uma legítima igreja da vertente neopentecostal.

Os crentes da vertente neopentecostal não deixaram de acreditar no paraíso ou mesmo de desejá-lo, apesar de abandonarem algumas das velhas ênfases pentecostais. Possuem uma grande afinidade com a materialista Teologia da Prosperidade.⁷ Mariano (1999) afirma que eles se tornaram mais imediatistas e pragmáticos, que realmente acreditam que antes de caminharem para seu destino de viver eternamente ao lado do Pai, eles podem e devem gozar de vida plena e próspera aqui na terra sem nenhuma culpa moral por isso, pois almejam apenas a sua felicidade. O autor caracteriza da seguinte forma o neopentecostalismo:

Sobre as características do neopentecostalismo, destaco três aspectos fundamentais: 1) exacerbação da guerra espiritual contra o diabo e seu séquito de anjos decaídos; 2) pregação enfática da teologia da prosperidade; 3) liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade. Uma quarta característica importante é o fato de elas se estruturarem empresarialmente. E não é só isso. Elas verdadeiramente agem como empresas e, pelo menos algumas delas, possuem fins lucrativos. Resulta destas características a ruptura com os tradicionais sectarismo e ascetismo pentecostais. Esta ruptura com sectarismo e o ascetismo puritano constitui a principal distinção do neopentecostalismo. E isso representa uma mudança muito grande nos rumos do movimento pentecostal. (MARIANO, 1999, p.36).

O foco desta pesquisa está na “exacerbação da guerra espiritual contra o diabo e seu séquito de anjos decaídos”, a primeira característica apresentada por Mariano e a base que dá legitimidade a IURD, mas qual o contexto social no momento da chegada do pentecostalismo no Brasil?

⁷ A teologia da prosperidade ensina que a pobreza é resultado de falta de fé ou de ignorância. O princípio da prosperidade é a doação financeira, entendida não como gratidão ou devolução a Deus (como na teologia tradicional), mas como um investimento. Devemos dar a Deus para que ele nos devolva com lucro. Mas que são os procuradores de Deus na terra? A teologia da prosperidade frisa não a doação caritativa, mas a eclesiástica; uma teologia funcional para convencer pessoas a financiarem ministérios caros.

Em meados da década de 70, a população do interior do Brasil começa a ir para as grandes cidades, “as cidades do futuro”, onde encontrariam emprego e uma vida melhor, diferentemente da vida que levavam até então. Quando esses migrantes chegam aos grandes centros urbanos se deparam com cidades que não possuem uma infra-estrutura para o número de pessoas que começa a receber. Os migrantes são levados às periferias, vivem em locais impróprios entre a sujeira e lixo, o sistema de saúde não dá conta de atender a todas as pessoas que dele precisam. Esses migrantes saem em sua maioria de zonas rurais, não possuem uma qualificação profissional para adentrarem no mercado de trabalho das grandes metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo. Alguns, segundo nos informa o pesquisador Proença em sua tese de doutorado (2011), aprendem os ofícios de pedreiro, eletricista, pintor e atividades similares, muitos não conseguem fugir dos aluguéis ou mesmo se tornarem patrões como desejam.

Esses migrantes saem de suas cidades em busca de uma melhora de vida, mas não estão preparados para as desigualdades que encontram no caminho. Quem chegou antes deles nas grandes cidades e conquistaram seu lugar “ao sol” não tem intenção de perder esse lugar que muitas vezes foi conquistado com suor e sofrimento. Os migrantes saem de seus lares por necessidade de uma vida melhor, fugindo da fome e do desemprego, mas apesar de sua situação anterior de pobreza possuíam em seus antigos lares relações de amizade, conheciam sua vizinhança, apesar de modestas suas casas eram limpas e a higiene era mantida em um nível superior ao encontrado na cidade grande.

No caso de doenças essas pessoas podiam contar com apoio de parentes e vizinhos, o médico local era conhecido e podia-se recorrer a medicina popular como o “benzimento”. Com a chegada à cidade grande essa relação de ajuda mútua e solidariedade não são mais possíveis, não se conhece os vizinhos, há uma fragmentação das redes sociais de socialização, a criminalidade antes conhecida agora sofre uma alteração negativa, pois os perigos são outros.

A IURD nasce em meio a este contexto. Edir Macedo com uma caixa de som e um microfone passa a pregar diariamente em uma praça no bairro da Abolição na cidade do Rio de Janeiro, depois com a ajuda de alguns fiéis e amigos funda a Igreja Universal do Reino de Deus em uma antiga casa funerária. O interessante em relação a Edir Macedo, é que ele é visto pelos fiéis como a primeira prova das bênçãos de Deus na Igreja. O líder da IURD conta sua história de pobreza, vindo de uma família de nordestinos, o sétimo filho sobrevivente de 33 gestações que sua mãe teve. Foi membro da Igreja Católica, com passagem pela umbanda. Sua irmã fiel da igreja Nova Vida afirma ter sido curada de uma doença respiratória que a

perseguia desde a infância. Aí então Macedo é levado a esta igreja. Casado, possui uma filha com graves problemas de saúde que está com a vida desacreditada pelos médicos. O bispo afirma que após a sua conversão, Deus mudou sua vida, em um culto ele ouviu o chamado divino e decidiu sair pregando a sua palavra, então abandona seu emprego na Loterj e assume de vez o pastorado. A partir desse momento, ele se transforma em um novo homem, no mensageiro da palavra de Deus e sua história de vida, assim como a história de seus pastores e bispos, são histórias compartilhadas e vividas por muitos fiéis da IURD, essas pessoas encontram conforto na vitória destes homens e acreditam que podem também alterar seu destino.

No caso da Universal, o seu desenvolvimento está diretamente associado à ocupação de espaço simbólico de seus líderes. Perante o grupo, são vistos como um curandeiro, um benzedor, um exorcista ou taumaturgo, enfim, um “iluminado” que, com o transe místico e o êxtase físico, enfrenta a maldade, desmancha feitiço ou então o localiza identificando o sujeito causador das aflições de seus devotos: o Diabo. Isso faz que sejam procurados tanto por seus conhecimentos práticos – espécie de segredos – quanto pela crença em sua capacidade taumatúrgica: exercício de dons espirituais ou sobrenaturais. Acredita-se que possuam faculdade incomum de entrar em contato com o mundo espiritual, a partir do que adquirem autoridade para oferecer tratamento aos males do corpo e do espírito: sofrimentos físicos, aflições psíquicas, perturbações espirituais e premências sociais. Esse poder ostentado pelo líder iurdiano outorga-lhe autoridade, reputação e méritos perante seus seguidores. (PROENÇA, 2011, p.75)

Existem críticas sobre os ritos da IURD como sendo ilegítimos, pois há uma bricolagem de religiões em seus ritos, uma simbiose ritualística uma vez que os cultos universais são compostos por elementos afro-brasileiros e espíritas, desde patuás aos ritos de exorcismo. O que a difere das igrejas protestantes históricas que possuem uma liturgia ligada ao catolicismo original ⁸

A IURD se apropria de características de outras religiões e as utiliza como sendo legitimamente suas. Sua principal característica está nos ritos de exorcismo e cura, ela explica as adversidades da vida humana por meio da concepção de que o diabo é o culpado por todo sofrimento, doença e problemas, sejam econômicos sociais e até mesmo pessoais.

Na Igreja Universal, o diabo não é somente a antítese (o arquiinimigo) de Deus. Ele é a encarnação do Mal; uma presença constante (e ameaçadora) na vida e no cotidiano das pessoas. Penetrando na mente e no corpo, os demônios causam toda espécie de aflição às pessoas – problemas financeiros, de saúde, de relacionamento interpessoal, etc. (BARROS, 1995, p.06)

⁸ Ler mais em *Religiões e religiosidades populares. O conflito religioso e a simbiose de ritos e performances entre neopentecostais e afro brasileiros*. Julio Cezar Benedito. Universitas humanística n. 61, 2006 p.231-253. Bogotá – Colombia issn 01020-4807.

Podemos fazer uma comparação do surgimento da IURD com o nascimento da Assembléia de Deus no Brasil (AD), as duas denominações religiosas possuem o maior número de fiéis segundo o censo realizado em 2010. Entretanto a AD é centenária e fundada por estrangeiros, enquanto a IURD está no campo religioso brasileiro pouco menos de quatro décadas.

Clara Mafra (2009) nos apresenta como surge a primeira igreja Assembléia de Deus, fundada em 1911, pelos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren. Estes chegam ao Brasil no ano de 1910 pelo porto da cidade de Belém, que nesse momento passava pela decadência financeira após o *boom* econômico da seringa. Os dois missionários chegaram apenas com dinheiro para uma hospedagem e uma refeição. Após um ano em Belém, eles sobreviviam com escassos recursos financeiros. Comiam, por exemplo, mangas que encontravam nas árvores de rua para matar a fome. Mas os missionários exerceram influência nos irmãos brasileiros já que eles divulgavam o batismo do Espírito, uma novidade entre os batistas que neste momento eram os líderes religiosos pentecostais regionais.

Segundo a história oficial da Assembléia de Deus, a primeira brasileira a ser batizada pelo Espírito, Celina Albuquerque, ainda congregando entre os batistas, depois de ser tocada pelo Espírito, saíra da cama deixando as muletas de lado. A reação da sociedade <<culta>> foi de descrença e medo. (MAFRA, 2009, p. 147)

Mafra (2009) afirma que surge um novo tipo de liderança que não se apoiava em tradições de grandes famílias/antepassados ou no conhecimento escolástico, os missionários Berg e Vingren chegam a Belém como a maior parte da população de miseráveis, sem recursos, sem prestígio social e dependentes de ajuda. Quando eram perseguidos oravam pelos seus algozes, quando tinham dúvidas oravam, sempre em grupo. Surgem então líderes que são seguidos por uma multidão que os enxerga como personalidades moralmente corretas e com carisma, que vivem com modéstia. O movimento pentecostal, a partir daí, cresce rapidamente e se multiplica “através da migração dos trabalhadores que batizados pelo Espírito, ganharam autoridade para organizar novas congregações por onde quer que fossem”. (MAFRA, 2009, p.148)

Em um primeiro momento os dois missionários, dissidentes da igreja luterana desacreditavam da rede de poder e de prestígio social que excluía os menos favorecidos, por isso resistiram ao processo de institucionalização do movimento; em um segundo momento eles resistiram a uma mensagem em que o cristianismo está vinculado a noções de bem estar e prosperidade. Todavia, com o passar dos anos ao se estabilizar e homogeneizar as multidões

em certos princípios a missão sofre alterações de foco no sentido de reavivamento religioso para o foco família como missão. Aqui, a falta de recursos e conforto passam a ser sinais negativos.

As primeiras sedes da Assembléia de Deus (1926) são de construção modesta, sem luxo, que remete a noção de lar, de lugar afetivo de apego, ao mesmo tempo que não é grande demais para que os irmãos não corram o risco de não se conhecerem, e nem luxuoso demais a ponto de se tornar um lugar onde o sentimento de intimidade com o divino inexista. Este foi o fator fundamental para a multiplicação dos templos da AD, o que diferenciava os templos das casas eram apenas as fachadas. Com o passar dos anos, nas décadas de 50 e 60 há uma migração dos trabalhadores para os centros urbanos, o movimento pentecostal acompanha esse fluxo e vai crescendo, o que acaba desgastando o modelo de igreja pequena, modesta e familiar. Isso se alia ao fato de que os líderes seguidores de Berg e Vingren são mais performáticos, pegam no microfone, falam alterando a voz entre o alto e o baixo, entre o drama a dor e o prazer, caminham no púlpito além da criação de gestos repetidos pelos fiéis. O espaço da igreja já não é mais suficiente, pois quando se recebia a visita de pastores performáticos os templos ficavam lotados, além deste fato a igreja não responde as necessidades da população que abriga as mulheres em suas reuniões quase que diárias, o que leva à necessidade de uma cozinha, de uma cantina, de espaços alternativos para que pudessem ocorrer reuniões simultâneas sem que todos tivessem que utilizar o único espaço existente ao mesmo tempo, fora os espaços para os jovens, as crianças, grupos de música, a secretaria e sala dos pastores.

As novas audiências, novas lideranças e a necessidade de espaços multifuncionais, associados aos resultados da industrialização e do milagre econômico da década de 70, pressionaram os congregados, trabalhadores que tiveram sua situação financeira remediada, a almejar uma igreja que colocasse em destaque sua recente prosperidade. Não é sem razão, então, que desde fins da década de 70 e início dos anos 80 as igrejas pentecostais brasileiras ganharam um novo padrão. A derrubada da primeira sede da Assembléia em Belém, e sua reconstrução dentro de novas características, é uma testemunha contundente do processo. (MAFRA, 2009). O templo que se segue é uma construção modernista, que segundo a autora é uma réplica mal feita do palácio do Itamaraty, sua capacidade é para 3.000 pessoas, o interior é todo organizado de forma que as transmissões televisivas sejam bem feitas e transmitidas claramente, além de espaços que atendem aos vários ministérios pastorais, conta com uma cantina, um museu, uma livraria, e estacionamento. Segundo a autora o prédio pode ser uma mal sucedida réplica, mas a intenção é ter como referência a cidade de Brasília, uma

construção moderna que surge do nada no interior e chama a atenção do mundo, assim como o pentecostalismo, que surge com alguns poucos missionários e que se torna uma “referência para a nação”. Mas, entretanto, vale lembrar que as AD são autônomas entre si, por isso as construções são variadas, e nas entrevistas realizadas por Mafra, os fiéis afirmaram não se importar com o luxo, o formato ou tamanho da igreja desde que a construção espelhe *uma noção de cuidado, asseio, ordem*. Para muitos a igreja é feita de membros, do amor de Deus, e desde que estes sejam amorosos e unidos à igreja será bonita. Podemos compreender que os fiéis se ligam a igreja neste caso mais pelo que ela significa, pelos laços de afetividade que o espaço promove do que pelo que ela fisicamente é. Não encontramos um misticismo por parte da liderança nas construções. As igrejas são construídas com apoio financeiro do fiel, então encontramos nos centros urbanos as mais imponentes, e nas periferias outras mais modestas, e a autora nos apresenta que algumas destas igrejas nascem em casa, que, aos poucos, vão sendo alteradas com “puxadinhos” para que acomode mais fiéis que vão chegando para congregar, que geralmente passam para terrenos com um galpão até que se consiga com o apoio financeiro da comunidade para se estabelecer melhor os espaços físicos.

Qual a relação entre o nascimento da Assembléia de Deus e o nascimento da Igreja Universal do Reino de Deus? Podemos observar que a AD nasce modestamente, é uma dissidência da Igreja Luterana sueca, que inicialmente é moldada pela simplicidade e modéstia e que com o decorrer de muitas décadas se altera fisicamente, em contrapartida encontramos a IURD que também nasce modestamente e que em poucos anos possui mega templos, onde a simplicidade e o espaço de aconchego não são fatores predominantes na hora de construir, independente de onde for construída a intenção é ser sempre monumental. A AD é fundada por dois missionários que não eram grandes oradores, tendo seus líderes seguintes como tais, em contrapartida temos na IURD um líder performático desde seu início, o que pode ser uma forma de explicar os padrões dos templos da Universal, com grandes púlpitos onde o pastor caminha durante as orações e durante o culto, e corredores largos, pois os fiéis são constantemente convidados a se dirigir ao altar.

2.1. A EXPLICAÇÃO PARA O MAL

Em 1996, Edir Macedo lançou **Orixás, caboclos & guias: deuses ou demônios?** – com aproximadamente 18 edições até 2013. Esse livro se tornou um *best seller*, com mais de três milhões de cópias vendidas em todo o Brasil. O Bispo inicia o livro com os seguintes dizeres: “A todos os pais-de-santo e mães-de-santo da nossa pátria”. Para um olhar menos

atento seria apenas uma provocação ou até mesmo um desrespeito, mas, se analisarmos o objetivo é tirar o maior número de adeptos possíveis dessas religiões e trazê-los pra si. Na introdução do livro somos convidados pelo Bispo a descobrir as maldades existentes nas religiões afro-brasileiras e desta forma nos manter afastados desse panteão procurando a libertação que a IURD pode proporcionar, sempre enfatizando que este é um livro dedicado aos pais e mães-de-santo do Brasil, a explicação segundo o autor é:

[...] Porque eles, mais que qualquer pessoa, merecem e precisam de um esclarecimento. São sacerdotes de cultos como umbanda, quimbanda e candomblé, que estão, na maioria dos casos, bem intencionados. Poderão usar seus dons de liderança ou de sacerdócio, corretamente, se forem instruídos. Muitos deles hoje são obreiros ou pastores das nossas igrejas, mas não o seriam se Deus não levantasse alguém que lhes dissesse a verdade. (MACEDO, 2005, p.10).

O Bispo se coloca no lugar do escolhido por Deus para iniciar a libertação desses homens e mulheres através da igreja e de suas obras. No decorrer da leitura isto fica ainda mais claro com a utilização de relatos de ex-pai e ex-mãe de encosto⁹, uma forma de legitimar a sua obra e ao mesmo tempo convencer o leitor de que essas religiões são as causadoras de todo o mal existente na terra e que os adeptos destas estão na maioria dos casos no engano, possuem sim uma boa intenção, mas são utilizadas como instrumento do mal. Na continuidade o Bispo ensina como converter os adeptos destas e outras religiões.

Para alcançar um adepto da umbanda, quimbanda, candomblé etc., com a Palavra de Deus, tenha muita sabedoria. Não esqueça que quase todos os macumbeiros são sinceros e vivem no erro por ignorância espiritual. Fale com eles com muito amor e compaixão; jamais discuta ou tente impor pela força o conhecimento e a fê que você adquiriu em Jesus Cristo, mas, não os iluda, eles precisam saber que, se não abandonarem seus ritos diabólicos, serão condenados por Deus. [...] Na macumba, muitas pessoas se converterão ao Senhor se forem evangelizadas corretamente. (MACEDO, 2005, p. 114).

A mensagem que o Bispo Macedo passa neste trecho é a de que essas pessoas devem abandonar sua religião demoníaca e partir para a IURD a fim de deixarem o mal de outrora praticado e caminharem ao lado do exercício do bem, para executar a obra de Deus.

[...] os exus, os pretos velos, os espíritos de crianças, os caboclos ou santos são espíritos malignos sem corpo, ansiosos por acharem um meio para se expressarem neste mundo, não podendo fazê-lo antes de possuir um corpo. Por isso, procuram o corpo humano, dada a perfeição de funcionamento dos seus sentidos. Existem

⁹ Ex-pai, ex-mãe de encosto são os termos utilizados nos dias atuais para se referirem aos ex- pai e ex-mãe de santo, isto porque a IURD recebeu muitos processos pela forma pejorativa que utilizava as expressões pai e mãe de santo.

casos em que, por força das circunstâncias, eles chegam a possuir animais para cumprir seus intentos perversos. (MACEDO, 2005, p.16)

É importante ressaltar que ele descaracteriza a religião do outro, não acredita que ali exista uma boa intenção ou mesmo a presença de Deus. No primeiro capítulo de **Orixás caboclos & guias: deuses ou demônios?** Macedo admite a existência de espíritos ou demônios, explica que essas são criaturas de Deus, mas que por rebeldia e inveja, tentaram usurpar o trono divino e foram expulsos do paraíso. Esses espíritos malignos não possuem corpos e por isso tentam se apossar de corpos humanos, corpos estes que depois de possuídos são chamados de “burrinhos” ou “cavalos”. Segundo o autor, esses demônios causam toda a espécie de infortúnio e conseqüentemente afastam o homem de Deus. O autor Alfredo Oliva nos diz que

[...] a crença e os ritos concernentes ao Diabo não é uma invenção da Igreja Universal do Reino de Deus. Estas práticas discursivas podem ser observadas ao longo da história do cristianismo, bem como na história do pentecostalismo. Os pentecostais, de um modo geral, acreditam da existência do Diabo, bem como entendem que este pode possuir ou invadir a vida de pessoas, mas a possessão raramente é teatralizada nas igrejas pentecostais tradicionais. Também nestas igrejas os exorcistas normalmente não falam com os demônios, mas apenas se preocupam em expulsá-los da vida das pessoas. Outra característica das igrejas pentecostais tradicionais é o fato de que o exorcismo é um acontecimento mais raro. O Diabo é muito mais a figura de um tentador voraz, que raramente possui os corpos das pessoas. (OLIVA, 2007, p.130)

Oliva (2007) afirma que a estratégia das igrejas recém chegadas no campo religioso não é fazer alianças com as concorrentes, mas sim desestabilizá-las, afirmando serem eles os profetas e transformadores denunciando os demais como sacerdotes ou feiticeiros, “A expressão religiosa que está buscando o seu estabelecimento no campo religioso tende a relegar ao universo da magia a religião do outro no intuito de afirmar a sua legitimidade religiosa.” (OLIVA, 2007, p. 91).

No decorrer de **Orixás, caboclos e guias**, Macedo explica que os espíritos decaídos encontram passagens para os corpos dos homens quando estes frequentam a umbanda, o espiritismo e terreiros de candomblé. Mas, esses espíritos também adentram na vida de pessoas que tiveram ou tenham qualquer contato com adeptos dessas religiões, sejam amigos, parentes de adeptos, até mesmo por hereditariedade ou quando ocorrem à ingestão de algum tipo de alimento ofertado a orixás. Ou seja, todas as pessoas que não aceitaram/aceitam plenamente a graça divina em suas vidas, estão propensas a sofrerem um ataque destes demônios.

Transformar os deuses das religiões adversárias em demônios constitui antiqüíssima prática na história do cristianismo, que principiou por demonizar os deuses da Grécia e de Roma. Dois milênios depois, crenças, rituais, deuses e guias dos cultos afro-brasileiros e espíritos são percebidos e classificados como demoníacos pela esmagadora maioria dos evangélicos e até por alguns expoentes da Igreja Católica. [...] Se os evangélicos identificam as entidades da umbanda, os deuses do candomblé e os espíritos do Kardecismo com os demônios, os neopentecostais vão bem mais longe ao vê-los como responsáveis diretos por uma infinidade de males e infortúnios e sofrimentos. A partir disso, o combate à macumba, aos exus, guias, pretos - velhos e orixás tornou-se um de seus principais pilares doutrinários. Mas para que esse diálogo contrastivo com os adversários fosse possível, além de se basearem na dogmática pentecostal tradicional, aproveitaram tanto o medo da macumba, da feitiçaria, da magia negra e de certos preconceitos presentes no imaginário e na memória popular quanto a própria expansão, visibilidade pública e influência cultural dos cultos afro-brasileiros. Superestimadas numericamente pelos crentes, as religiões mediúnicas constam entre seus maiores concorrentes no mercado de soluções simbólicas e prestação de serviços religiosos para as massas. Daí serem encaradas como obstáculo à expansão do Evangelho, desafio evangelístico a ser vencido no terreno da guerra espiritual. (MARIANO, 2005, p.115).

Além da legitimação do livro por parte dos testemunhos de ex-pai e ex-mãe de encosto, a obra conta com imagens dos rituais religiosos em terreiros que servem para torná-los mais demoníacos. A questão que levanto a partir deste contexto é a seguinte: O que a IURD ganha com esse virulento ataque às religiões afro-brasileiras demonizando-as? Qual a intenção por detrás desse ataque?

O autor Ricardo Mariano consegue colocar em síntese uma viável explicação para as questões anteriormente formuladas:

O combate aos cultos afro-brasileiros [...] visa converter os adeptos das religiões rivais e, por meio disso, dizimar a concorrência espírita nos estratos populares com o fechamento de centro espíritas, tendas de umbanda e terreiros de candomblé existentes, sobretudo, nas redondezas dos templos evangélicos. Sua beligerância radica, portanto, igualmente em interesses proselitistas, expansionistas e institucionais. Visa conquistar maior fatia do mercado religioso e, ao mesmo tempo, impor o poder religioso de seu grupo sobre os concorrentes, que como se sabe, detêm pouco poder de reação. (SILVA, 2007, p. 137-138).

Oliva (2007) concorda com Mariano (2007) quando este afirma que o interesse da IURD é a sua expansão, mas ele afirma que antes de tudo

A diabolização do “outro” serve como elemento demarcador de território: o universo diabólico é o universo do ‘outro’ e o universo não diabólico é a IURD. A referida igreja não apenas diaboliza o outro, mas submete a pessoa que aspira aderir à comunhão dos fiéis a um processo de desdiabolização através do rito de exorcismo. O exorcismo, assim, não é apenas um ritual que está a serviço do

crescimento da igreja, mas um ritual que serve como um rito de passagem: o fiel passa de um estado de adesão a outras expressões religiosas e também de aflições para um outro estado, que é o de adesão e pertença à nova comunidade religiosa. (OLIVA, 2007, p. 141).

Além do elemento demarcador o ataque às religiões afro-brasileiras, também há um interesse proselitista e expansionista. Os ataques às religiões de matriz africana se dão pela relativa facilidade encontrada pela IURD no meio destas. Os terreiros de candomblé, umbanda e macumba são independentes entre si, cada um detém a sua própria autonomia, e muitos são concorrentes o que os tornam vulneráveis aos ataques de intolerância religiosa, uma vez que não possuem uma centralização em comum, como no caso da igreja católica. Isso fica visível quando analisamos os processos judiciais que a IURD recebe quando faz ataques as religiões afro-brasileiras, ou a algum adepto, e esses processos resultam quase sempre em multas a serem pagas por parte da igreja. Esses valores representam um quarto do valor arrecadado pela igreja com a divulgação do material difamatório, seja esse material midiático ou jornal impresso. Podemos entender que quando a igreja ataca instituições mais poderosas, com mais reconhecimento social, ela sofre maiores represálias do que receberia no caso de religiões menos reconhecidas socialmente. Um exemplo de represália a ser citado é o famoso chute na santa cometido pelo pastor Von Helde, em pleno feriado nacional, no dia 12 de Outubro.

Podemos analisar melhor o ataque às religiões afro-brasileiras através do livro de R. R. Soares¹⁰ “Espiritismo, a magia do engano” (SOARES, 2002), onde ele afirma que 70% da população católica participa do espiritismo. Para pesquisadores esse é com certeza um número absurdo, mas o fundamental aqui é pensarmos que eles (quando digo “eles” me refiro aos neopentecostais) crêem realmente que essa seja uma cifra verdadeira, então seu ataque é direcionado por acreditarem que podem alcançar além dos adeptos das religiões afro-brasileiras, um grosso de fiéis da igreja católica.

As religiões afro-brasileiras, além de sofrerem ataques de intolerância, são também alvo do preconceito ligado ao social, uma vez que a IURD foi construída com base na teologia da prosperidade que difere do social dos adeptos das religiões afro-brasileiras. Mariano diz:

Comparadas ao kardecismo, as religiões afro brasileiras, reconhecidamente, gozam de baixo prestígio social, são compostas por indivíduos com menor renda e escolaridade e, em parte por isso, detêm, como se tem observado nas últimas décadas, baixa capacidade de defesa e reação frente à demonização e animosidade

¹⁰ Romildo Ribeiro Soares, líder da Igreja Internacional da Graça de Deus, dissidente da IURD após brigas internas com seu cunhado Edir Macedo.

pentecostal. Uma das razões do baixo prestígio e da menor aceitação social dessas religiões reside no fato de que as entidades afro-brasileiras - em especial exus e pombagiras – bem como os transes, os ebós, os despachos, o uso de charutos e bebidas alcoólicas e o sacrifício ritual de animais foram, ao longo de boa parte da história brasileira, identificados com a magia negra, a feitiçaria e com a intervenção maléfica de espíritos demoníacos sobre as pessoas. Heranças do passado escravista e da satanização católica contra grupos afros, suas entidades, crenças e práticas religiosas, tais estigmas e preconceitos continuam vivos e fortes na mentalidade tupiniquim. Posteriormente a esses preconceitos, como vimos, ainda se somam acusações policiais e judiciais de curandeirismo, prática ilegal da medicina e charlatanismo, que vigoram até meados do século XX. Acusações que também não foram de todo esquecidas e que, portanto, mobilizaram o imaginário de muitos brasileiros. (MARIANO, 2007, p.140).

Não podemos deixar de observar que os ataques direcionados às religiões afro-brasileiras têm base em antecedentes históricos. Isso é o que fez a Igreja Católica até o século XX, quando disparava virulentos ataques a essas religiões. O que acontece nos dias atuais é que a IURD se aproveita dos medos e preconceitos das pessoas para conferir plausibilidade aos seus ataques.

Outra característica marcante da IURD é que, além de atacar as religiões do panteão afro-brasileiro, faz apropriações de seus costumes, ou seja, a igreja utiliza para si o apelo mágico que as religiões por ela caracterizadas de demoníacas utilizam no seu cotidiano. Um exemplo disso são as sessões de descarrego, os exorcismos onde as entidades dos cultos afro-brasileiros sempre estão presentes, as reuniões de mesa branca e os objetos muito utilizados nas reuniões e a famosa frase “tá amarrado”. Observa-se que os objetos com um sentido mágico são utilizados desenfreadamente nas reuniões. Um exemplo da utilização de objetos é levar farinha de trigo entregue na igreja para jogá-la no local de trabalho onde a pessoa deseja ser dona ou subir de cargo. Silva afirma que:

Combater essas religiões pode ser, portanto, menos uma estratégia proselitista voltada para retirar fiéis deste segmento – embora tenha esse efeito – e mais uma forma de atrair fiéis ávidos pela experiência de religiões com forte apelo mágico, extáticas, com a vantagem de legitimidade social conquistada pelo campo religioso cristão. (SILVA, 2007, p. 209).

Ricardo Mariano resume bem esse apelo mágico utilizado pela IURD:

Não constitui exagero afirmar que a Universal estabeleceu deliberadamente, com pleno conhecimento de causa, um sistema de magia organizado, por sinal, bem elaborado. Mais e melhor que qualquer igreja pentecostal, ela institucionalizou denominacionalmente práticas e crenças mágico-religiosas de inspiração cristã. Isso não deriva automaticamente de sua posição como intermediária do poder divino, até porque todas as igrejas e religiões, em maior ou menor grau, postulam tal

prerrogativa. Decorre, acima de tudo, do fato de ela se propor, na qualidade de mediadora dos poderes divinos, a resolver todos os problemas terrenos dos fiéis. É justamente para atender eficientemente a tais interesses e necessidades da clientela, majoritariamente pobre e pródiga em demandar soluções mágicas, que ela organiza e racionaliza sua oferta de serviços religiosos. Verifica-se isso, de imediato no fato de ter rotinizado a dispensação das graças divinas e fixado um calendário de cultos e rituais para prestar atendimento especializado a problemas determinados (MARIANO, 2005, p. 57-8).

Essa teodicéia criada pela IURD inegavelmente surtiu o efeito desejado na estrutura de plausibilidade dos seus adeptos. Macedo faz uma lista com 10 sinais de possessão (2005, p. 59) que são:

- 1 - Nervosismo
- 2 – Dores de cabeça constante
- 3 – Insônia
- 4 – Medo
- 5 – Desmaios ou ataques
- 6 – Desejo de Suicídio
- 7 – Doenças que os médicos não descobrem as causas
- 8 – Visões de vultos ou audição de vozes
- 9 – Vícios
- 10 – Depressão

Caso o fiel apresente um ou mais destes sintomas pode estar sofrendo uma possessão demoníaca, ou é vítima de encostos – espíritos malignos. Estes espíritos malignos se alojam no corpo das pessoas causando doenças, portanto e a cura está intrinsecamente ligada ao rito de exorcismo. Durante o rito, os demônios se apresentam, como o próprio Edir Macedo diz em *Orixas Caboclos e Guias*, alguém que passe pela porta e veja o exorcismo imagina estar em um centro de umbanda devido a quantidade de pretos velhos, caboclos e pomba giras que estão possuindo os corpos das pessoas e gritando. Monica Barros (2010) em seu artigo nos apresenta que as mulheres são o elemento fundamental da batalha do “armagedom”, são elas que mais procuram a IURD a fim de encontrarem respostas para suas aflições cotidianas relacionada a família, principalmente em relação aos vícios. Conseqüentemente as mulheres são maioria nos ritos de exorcismo, e durante a expulsão do demônio falam ao pastor e aos fiéis presentes quais suas intenções e o que estava causando na vida desta fiel:

Antes, porém de serem expulsos, os demônios são interrogados; são obrigados a se identificar e revelar o mal que estão provocando – entre as características de Exu, sobressaem, nesta representação do diabo “universal”, as atitudes vingativas da entidade. É através deste interrogatório que os dirigentes da IURD, por um lado conferem legitimidade – ou pelo menos reconhecem sua existência – ao panteão afro-brasileiro – haja vista, que geralmente os “demônios” se identificam como

Exus e pomba giras, ou ainda, como caboclos e preto-velhos –; e por outro, possibilitam aos fiéis compreenderem e superarem seus conflitos, na medida em que o próprio demônio confessa sua culpa (responsabilidade pelos malefícios) – e neste aspecto, a IURD aproxima-se da Quimbanda, onde Exu é visto, por seus adeptos, como o único capaz de resolver os conflitos sociais [...]; na Universal, o Exu (diabo), é ao mesmo tempo “causa” dos conflitos, e fator de “resolução” dos mesmos. (BARROS, 2010, p.15)

Pode-se entender que ao mesmo tempo em que o diabo é o causador de todos os sofrimentos humanos ele é também a solução, encontramos no discurso da IURD a causa e o efeito e ela dá a solução. O problema que atinge o fiel seja relacionado à saúde, trabalho, e dinheiro é causado pelo diabo, e quando esse é expulso estes problemas deixam de existir. Barros (2010) afirma que há uma linha entre o sagrado e o profano – a possessão e a libertação – e é nesta linha que a mulher se inscreve no repertório mágico religioso da igreja.

O exorcismo é caracterizado como o rito de passagem da doença para a cura, da possessão para a libertação, entretanto algumas pessoas precisam passar por vários ritos de exorcismo para uma cura, pois como explica o próprio Edir Macedo em “Orixás Caboclos e Guias”, algumas doenças são causadas por diversos demônios que se alojam em partes do corpo. Esses demônios segundo o Bispo são anjos caídos, espíritos sem corpos, por isso necessitam de cavalos ou burrinhos, que nada mais são do que corpos de pessoas fracas na fé. Quando esses demônios se apossam de seus cavalos causam toda a espécie de infortúnio na vida dessa pessoa, causa doenças, problemas familiares, levam a pessoa aos vícios. O rito de exorcismo então é a forma de retirar esses espíritos dos corpos das pessoas, como o pastor não tem noção da quantidade de demônios que cada um abriga às vezes muitos ritos de exorcismo são necessários, mas depois do rito de exorcismo esses demônios não mais voltarão a se apossar desse fiel, desde que ele se mantenha na fé. Outra característica é a de que se o fiel passou pelo batismo na IURD ele não será vítima de possessão demoníaca, ele terá uma espécie de escudo contra os demônios que não poderão entrar em seu corpo, mas estes ainda poderão tentar contra o fiel colocando empecilhos em sua vida ou até mesmo atingindo pessoas próximas a ele com o intuito de levá-lo a uma vida miserável em todos os sentidos.

Nesta igreja, a possessão demoníaca tem como referência o cotidiano das pessoas, ou seja, as aflições materiais, psicológicas, afetivas e financeiras que interferem e se originam no dia a dia. Conseqüentemente expulsar os demônios significa acima de tudo, garantir a sobrevivência – uma vez, que as relações humanas deixariam de ser afetadas por eles. E, portanto, a libertação tem por objeto “enviar” os demônios para outra dimensão, além ou aquém (e isto não parece importar aos fiéis) do cotidiano. (BARROS, 2010, p.11)

Segundo Campos (1997, p.331-332) não é possível analisar a pregação da Universal de exorcismo e cura sem levar em conta que o pressuposto de que o corpo é o local onde as “forças físicas e espirituais se encontram”, portanto no rito de exorcismo o corpo tem a possibilidade de não ser mais o local de moradia dos demônios. Logo após a apresentação dos sinais, Macedo apresenta os comentários de um médico do Rio de Janeiro que afirma que o espiritismo é a maior fábrica de loucos – uma forma de legitimar o que afirma – Macedo une a ciência e a religião para tornar mais plausível a sua afirmação e assim atingir a uma maior cifra de pessoas, pois ele diz que um possesso tem um ou mais desses dez sinais por ele apresentados.

Quase todas as pessoas que os pedem oração e sofrem de um ou mais desses males são possesas. É claro, não estamos afirmando que todas as pessoas são endemoniadas, entretanto, a grande maioria – que apresenta os sinais mencionados – manifesta um espírito demoníaco, após a oração da fé. Toda doença tem uma vida; isto é, algo que a faz aumentar e continuar a sobreviver. Se a pessoa sofre de uma ulceração na pele, essa doença é provocada por um germe que só é visto por intermédio do microscópio, mas o germe está vivo. Há uma força que o faz viver e essa força tem vida. É o espírito de enfermidade. Quando se toma um remédio eficaz, o germe morre. O espírito de enfermidade deixa o corpo do germe e a doença, naturalmente acaba. [...] Existem demônios que têm prazer em se apossar de um germe e atuam no corpo de uma pessoa para fazer-lhe mal. Não é de estranhar que, ao falarmos ao demônio alojado para que saia, a pessoa após estremecer e gritar fique curada. O mesmo poder que desaloja um demônio da mente de alguém pode também desalojá-lo de um germe ou de uma bactéria, para que a pessoa fique curada. (MACEDO, 1990, p. 60-61).

Observo que a ciência é utilizada quando convém à religião, mas existem males que só a igreja tem o poder de curar. Esse apelo mágico para a cura e a libertação são armas poderosas que a instituição religiosa usa, o que a leva a andar na frente das outras denominações pentecostais. Essa absorção que ela faz dos aparatos mágicos das religiões afro-brasileiras lhe dão uma legitimidade até mesmo intimidadora.

Não sabemos até quando esse ataque vai surtir efeito, ou se as religiões de matriz africana pretendem um dia se levantar contra. O que não se pode negar é que a IURD é contra os ataques religiosos feitos a ela, mas quando ela os direciona a outros grupos religiosos ela considera ser totalmente válido. O poder, seja ele econômico ou político, anda acima do religioso. O importante seria observar que essa intolerância fosse abandonada para que cada instituição religiosa pudesse seguir seu caminho sem sofrer preconceitos, seja ela possuidora de menor ou de maior número de adeptos.

3. O DIABO

Margarida Oliva (1997) ao fazer um breve histórico da demonologia, nos diz que encontraremos registros da crença em demônios nas literaturas dos sumérios e acádios, tendo essa crença influenciado os antigos hebreus e através dos caldeus teria adentrado ao mundo helenístico e alcançado a Europa. Os demônios mesopotâmicos vagavam na noite por locais isolados e desertos, havia demônios protetores de templos e palácios e os bons demônios também eram encontrados na literatura deste povo. Existiam demônios que causavam doenças específicas, aqueles que só atacavam garganta, pescoço, pé ou mão por exemplo. Cada demônio tinha um nome próprio que os feiticeiros precisavam conhecer a fim de combatê-los. Já a religião de Israel não tinha como parte integrante a crença nos demônios, quando mencionados era de forma genérica e referiam-se a ele como os deuses estrangeiros que se opunham à soberania de Iavé.

Registra-se, portanto, na pré-história das grandes religiões, um mundo espiritual dominado pelo sagrado ambivalente ou povoado de espíritos autônomos, amorfos, anônimos, ambíguos que vão se personalizando no rastro da organização social da individuação humanas, até se personalizarem no Diabo: “uma criatura inteligente e incorpórea cuja vontade é essencialmente má, ou seja, comandada inteiramente pelo desejo de fazer o mal” (OLIVA, 1997, p.85).

Entre os séculos II a.C e I d.C o judaísmo – a autora se refere à literatura apócrifa – que não pertence ao cânone bíblico – que se apresentava como revelação, mas não era de uso público como exemplo ela coloca Livros de Adão e Eva, Livro de Henoc onde se desenvolveram a angeologia e a demonologia que vão servir de base para a concepção cristã dos anjos e demônios – produz uma vasta literatura acerca do diabo e este toma uma forma mais definida. É agora um anjo que ao se opor a Deus é expulso do paraíso e por vontade própria movido pelo ódio ao seu criador e aos humanos, os aflige com males mortais. Satã ou Satanás é o príncipe demoníaco que tem ao seu lado maus espíritos, anjos que decaíram graças ao pecado do excessivo amor a si mesmo e orgulho.

Antes mesmo que as ideias modernas científicas fossem conhecidas, as pessoas em quase todas as partes viam as forças naturais como deuses e demônios, como espíritos bons ou maus (TUAN, 2005). Na Idade Média os animais eram vistos como demônios por causarem infortúnios e prejuízos. A natureza mal conhecida também era vista com desconfiança, as montanhas e cavernas eram vistas como moradia de bruxas e demônios. Pode-se compreender

que o homem quando não encontra uma razão para as desventuras naturais, ou para o desconhecido atribuía a tudo isso uma participação ou culpa total do demônio.

A crença em anjos, demônios e espíritos está profundamente arraigada na mentalidade humana. As pessoas em todas as partes, no passado e no presente tem consciência do miraculoso, ainda que de modo fraco e inconstante. O número de pessoas que acreditam nos agentes espirituais e ordenam as prioridades da sua vida em conformidade com eles tem variado naturalmente, de cultura para cultura e diminuído no mundo como um todo com o domínio progressivo de uma visão científica do mundo. (TUAN, 2005, p.119)

Tuan nos diz que era muito comum exorcizar o demônio como parte do rito de batismo, uma vez que a criança recém nascida era vista como cheia de manchas e “poluída pelo pecado, herdado de nossos primeiros pais através de nossas partes pudendas” e que mesmo depois da Reforma acreditava-se que a criança que berrava durante o batismo estava expulsando o demônio.

Segundo Link (1998), três termos podem designar o mesmo ser, Lúcifer designa, o anjo que estava ao lado de Deus antes de lhe virar as costas. Satã seria uma expressão que designa um posto no conselho celeste e Diabo seria um ser ou a fonte do mal, é o adversário de Deus e Jesus, já “diabo” ou “diabos” significa um membro ou membros de uma rede de espíritos maus ou demônios. O diabo pode ser considerado como fruto da “eterna reação do homem a forças desconhecidas” e por esse motivo ele “constitui um problema teológico e moral: ele é o intruso que a Igreja tem o dever de não definir exatamente” uma característica que pode definir o Diabo segundo o autor:

[...] é a ele que Deus entrega os pecadores. Por inferência, o Diabo é usado por Deus, trabalha para Deus e, em certo sentido, não está em conflito com ele. Se isto parece teologicamente infundado, não obstante é a base comum da maioria das descrições do Inferno. Assim, não surpreende que a Igreja não tenha dado contornos nítidos à iconografia do Diabo. O mal do Diabo requer evasivas. (LINK, 1998, p. 21)

O teólogo Jörg Garbers (2008) define Satanás, segundo a ciência das religiões como chefe dos demônios e força antagônica a Deus. Lúcifer, entretanto, não é um nome bíblico mas uma associação dos textos bíblicos de Isaías – que é interpretado emblematicamente como a descrição da origem de Satanás – e Lucas onde a tradução latina do hebraico transforma a palavra “estrela da manha/vênus” em “luzifer”, chegando-se então à conclusão de que Satanás, é um anjo decaído que atende por Lúcifer. Já os demônios na opinião comum são entendidos como seres malignos, entretanto a ciência da religião “afirma que dificilmente

podem ser discernidos dos deuses”, pois o Antigo Testamento (AT) não faz distinção entre deuses e demônios uma vez que as forças e poderes que estavam fora do “exército celestial eram reconhecidos como deuses de outros povos”.

Nos dizeres de Link (1998) o diabo não pode possuir um rosto, uma forma específica de ser encontrado ou mesmo derrotado completamente, é necessário que ele se mantenha inculto para que possa ser remodelado conforme surjam novas necessidades por parte das religiões. Como já mencionado no primeiro capítulo, com o auxílio do pensamento de Berger (1985) o homem é essencialmente religioso e através das crenças ele molda sua vida, e podemos completar esta afirmação com os dizeres de Bronsztein; Covaleski (2012):

Considerando que o homem tem uma essência naturalmente religiosa e que a religião, conforme nos é apresentado hoje, caracteriza-se por um conjunto de normas, dogmas, liturgias, ritos e instituições que transportam os seus adeptos para a dimensão relacional com o sobrenatural, concluiremos que a religião encontra-se onde os seres humanos vivem e se relacionam. Afinal, não é novidade alguma que, na história da humanidade, existiu, em todos os agrupamentos humanos, em qualquer época, algum tipo de crença ou rito. Portanto, não podemos negar que a religião é um fenômeno inerente à cultura humana, assim como as técnicas e as artes. Além do que, um fato incontestável em qualquer estudo feito por historiadores é o de que grande parte dos movimentos humanos mais relevantes foi impulsionado, sobremaneira, pela religião. (BRONSZTEIN; COVALESKI, 2012, p.82).

Segundo os autores pertencentes à igreja universal, como o próprio Bispo Edir Macedo responsável pela maior parte da literatura da Igreja, a figura do Diabo é essencial nos Evangelhos, sua função é a de se contrapor a Cristo. A mensagem central do Novo Testamento é a salvação: Cristo nos salva, e nos salva do poder do Diabo. Vemos que o Novo Testamento (NT) em todas as suas correntes de tradição, entende que ímpios e pecadores estão presos em muitos pecados e armadilhas em decorrência de influência do diabo ou de demônios, chamando os crentes e piedosos à batalha com as forças satânicas. A IURD segue rigorosamente esses princípios, se apresenta como a principal força crente e piedosa na batalha contra o mal. Oliva (1997) nos diz que se o poder do Diabo é rejeitado, a missão salvadora de Cristo perde sentido. Segundo Schultz (2005) no Brasil não há questionamentos sobre a existência de Deus, este seria um ato infundado, o que está em voga no imaginário religioso brasileiro é a forma como Deus se manifesta; “Deus é o transcendente, mas revela-se no imanente” da mesma forma que o diabo, pois ao anunciar a presença de Deus se anuncia também à presença do mal, seja no pecado, nas injustiças sociais, no sofrimento, na possessão demoníaca e mesmo no medo.

[...] as religiões constituem-se enquanto formas de responder à realidade do mal – o que pode significar conviver, acostumar-se, combater, esquivar-se, lutar contra, proteger-se, negociar ou negar o mal. A presença do diabo no meio da presença de Deus é tão importante que, sem ela, o anúncio de Deus se tornaria quase que desnecessário, talvez restrito a uns poucos fenômenos de louvor *desinteressado* ou de experiências místicas pontuais. (SCHULTZ, 2005, p.39)

Algumas religiões manifestam mais a presença do mal do que outras, como é o caso da neopentecostal Igreja Universal do Reino de Deus. Entretanto, a presença do bem nunca é questionada mas sempre buscada por todos os meios possíveis.

O diabo da Igreja Universal se mostra sempre discreto e sorrateiro nas formas de atacar a vida das pessoas, e por isso é fácil a incredulidade a cerca de sua existência por parte dos não fiéis, segundo a liderança iurdiana ao se negar a existência deste mal o que está ocorrendo é apenas o resultado da “operação do diabo na vida do homem”, sendo que este pode se infiltrar na vida das pessoas por sete maneiras segundo o Bispo Edir Macedo

- 1- Por hereditariedade
- 2- Pela participação direta ou indireta em centros espíritas
- 3- Por trabalhos e despachos
- 4- Por maldade dos próprios demônios
- 5- Por envolvimento com pessoas que praticam o espiritismo
- 6- Por comidas sacrificadas a ídolos
- 7- Por rejeitarem a Cristo (MACEDO, 2005, p.49-57)

Freston (1993) nos lembra que não existe um enfrentamento ao diabo no pentecostalismo tradicional, enquanto na IURD os demônios são de certa caçados e enfrentados frente a multidões. Caça essa que tem por objetivo expulsar os demônios que se escondem nos homens que muitas vezes não sabem que estão sendo possuídos. Uma pessoa que possui uma relação de qualquer espécie com pessoas espíritas, por exemplo, não imaginaria até então que isso bastaria para ter acesso aos demônios e ser por eles usado. Outro exemplo da forma como o diabo se apodera do corpo de inocentes e fica incólume até o dia que a pessoa se encontra frente a um altar universal é a ingestão de comidas ofertadas a santos ou entidades. Na semana dos santos Cosme e Damião a IURD faz uma vasta campanha advertindo seus membros de que aceitar os doces ofertados a esses santos são a porta de entrada para os demônios em seus corpos. As crianças são as principais vítimas desse embuste, pois não resistem a doces, por isso a Igreja no dia dos santos faz um culto especial e ao final são distribuídos doces unguídos com o poder de Deus.

Oliva (2007) afirma que graças ao protestantismo na modernidade houve a substituição do velho conceito medieval de mundo criado, estabelecido e ordenado por Deus por um mundo passível de ser transformado pela ação humana:

O nascimento de um sujeito racional liberal, consciente, igual a seus semelhantes e que proteja seus fins e articula os meios para realiza-los dependendo somente de si é uma construção tipicamente moderna (OLIVA, 2007, p.81).

Na visão protestante ocorre uma mudança em relação ao homem. Este passa a ser “auto-centrado”, ou seja, há uma experiência direta entre homem e Deus, aquele se encontra perante Deste e pode ter sua vida transformada por isso. “O Deus que antes era compreendido como criador e mantedor do cosmos passa a ser percebido como aquele que testifica seu poder a um sujeito que o experimenta” (OLIVA, 2007, p.82). A dimensão objetiva da experiência de Deus no protestantismo se torna essencialmente subjetiva. Weber (2004) nos diz que o protestantismo desmitologizou o mundo e passou a colocar a religião na vida intramundana, como educação, trabalho, tecnologia, industrialização e ciência, ou seja, o ócio é um pecado, aquele que trabalha e evolui materialmente é detentor de uma evolução humana e espiritual.

Hanna Arendt (2010), ao falar das mudanças do direito político romano, onde a vida política era potencialmente imortal, sendo confiscada apenas mediante a transgressão, a vida individual era semelhante até a queda de Adão, após cometer uma transgressão contra Deus perde sua imortalidade, e por meio de Cristo adquire uma vida nova e potencialmente eterna, entretanto ele pode perder este direito caso cometa um pecado individual. Podemos compreender que o homem passa a ser o único responsável por sua vida, cabendo a ele arcar com as boas e más consequências de seus atos. O deslocamento da compreensão da ação divina do cosmos para a alma do indivíduo transformou a religião em um assunto privado, na proporção equivalente a dessacralização da natureza. Weber (2004) aponta que a doutrina protestante foi responsável pela transformação da moral religiosa e cultural sustentando o capitalismo e mesmo a sua originalidade, o trabalho passa a ser produtivo e contínuo, o crente frente à condenação do ócio começa a trabalhar mais jovem e seus horários de descanso são destinados a pureza com abstinência dos prazeres da carne e bens materiais. Cabia ao homem frutificar seus bens administrando os bens materiais terrenos. Esta dessacralização afetaria as sociedades protestantes e católicas na contemporaneidade resultando no declínio nas crenças mágicas o que afeta a crença no Diabo e seus demônios, passando estes então por questionamentos.

3.1. MUDANÇAS CULTURAIS ACERCA DO DIABO

O exorcismo perde aos poucos sua legitimidade no catolicismo através de um lento movimento que remonta ao concílio tridentino do século XVI, este caracterizou a reação da Igreja Católica e relação à fragmentação do Cristianismo no Ocidente graças à Reforma. Entre os temas do Concílio estava a necessidade do combate a superstições para que houvesse uma preservação dos ritos diante dos golpes desferidos pelo protestantismo. Já no século XVII há uma deslegitimação da prática mágica dos fiéis católicos, e o exorcismo é atacado de forma direta e deixa de ser uma prática relativamente livre para ser tornar rara no mundo contemporâneo. Tanto o é que a inquisição foi deixando de ser instrumento de perseguição de adeptos de “Satã” para se tornar uma estratégia de poder a fim de controlar a “disseminação da magia e da superstição” no âmbito do catolicismo. Oliva, se utilizando dos dizeres de Márcia Moisés Ribeiro (2003) afirma que há um “desencantamento” da visão acerca da mágica no catolicismo

Por outro lado, o papel da Inquisição também foi fundamental neste processo de “desencantamento do mundo”. Ao tratar dos temas relacionados à magia e ao diabo com o maior desprezo – lembrando o Regimento de 1774 não mais considerava os feiticeiros hereges, mas antes ignorantes, charlatões e doentes mentais – o Santo Ofício acabou desestimulando de forma intensa as novas denúncias de feitiçaria e demais práticas afins. (RIBEIRO, 2003. Apud. OLIVA, 2007, p.86).

O Iluminismo também ajudou nas mudanças culturais ocorridas a cerca do Diabo, uma vez que a visão cientificista passa a reavaliar todos os acontecimentos que anteriormente eram compreendidos como resultantes da batalha cósmica entre o bem e o mal. É preciso atenção as generalizações, pois o diabo não é totalmente expurgado do imaginário cristão, ele vai sim perdendo sua “soberba” frente às transformações pelas quais a Europa atravessa. O declínio na crença tradicional concernente ao diabo não significa sua extinção em algum momento, ao contrário ele passa a ocupar outros espaços sociais “a crença no adversário de Deus é vivida de forma secularizada em ritos sociais que procuram exorcizar o mal em suas diferentes formas na atualidade” (OLIVA. 2007.p.89). Arendt (2010) diz que a antiga dicotomia entre o céu e a terra sofre uma alteração

[...] temos agora outra, entre o homem e o universo, ou entre a capacidade da mente humana para a compreensão e as leis universais que os homens podem descobrir e manusear sem uma verdadeira compreensão. Quaisquer que venham a ser as recompensas e os ônus desse fruto ainda incerto, uma coisa é certa:

embora possa afetar grandemente, talvez mesmo radicalmente, o vocabulário e o conteúdo metafórico das religiões existentes, não abole nem elimina e nem mesmo altera a incógnita que é a religião da fé (ARENDDT, 2010, p.337)

O homem independentemente do contexto que se encontre ainda será detentor de uma fé, mesmo que seja uma total incógnita para aqueles que estão de fora, o que nos leva ao pensamento de Schultz (2005) quando trabalha com a nebulosa matriz do imaginário religioso brasileiro que é composta por quatro matrizes, levando em conta sua historicidade. A primeira matriz segundo o autor é a indígena, na sequência o catolicismo, seguida da matriz africana e finalmente o kardecismo¹¹. O autor afirma que depois disso não podemos considerar nada que surja como uma matriz religiosa autônoma; a umbanda surge do encontro dessas quatro matrizes como uma “síntese do imaginário religioso brasileiro”, para o autor a nebulosa é um “patrimônio comum do qual toda religião pode lançar mão, e apenas isso” (SCHULTZ, 2005, p. 32-3). A matriz religiosa não é reproduzida por nenhuma religião pura e simplesmente, a estrutura teológica e o imaginário brasileiro geram um processo de reinterpretação e produção religioso. O pastor e seus fiéis selecionam e criam a partir dessa matriz.

O imaginário religioso brasileiro não existe de forma definida, ele é plural e se encontra constantemente em mutações e choques,

Portanto, pode-se concluir que o imaginário religioso brasileiro é composto por diferentes significações religiosas, informadas pelas religiões instituídas e seus ritos, crenças e doutrinas e pela nebulosa religiosa que, embora transcendendo as religiões, está carregada de valores, princípios e crenças que movimentam não só a fé das pessoas, mas também agenciamentos ideológicos, culturais e políticos do país. Assim, o imaginário religioso enquanto categoria global tem diferentes fontes ou vetores de significações – é desse conjunto que se depreendem, por fim, suas estruturas teológicas (SCHULTZ, 2005, p.34-35).

3.2. IDENTIFICANDO O MAL

O homem teme o desconhecido, e lutar contra um inimigo oculto é ao certo aterrorizante. A IURD dá uma identidade a este ser desconhecido, o diabo não possui face e corpo, mas os crentes detêm informações necessárias de onde ele vem e as diversas formas

¹¹ Segundo Schultz o Brasil possui quatro religiões base, estas seriam autônomas; a primeira é a religião praticada pelos indígenas antes da chegada dos portugueses; a segunda base religiosa é a o catolicismo, que chega com os portugueses; a terceira vem com os negros africanos escravizados; e a quarta e última base é o kardecismo.

que age, é invisível aos olhos, mas identificável através dos dez sinais de possessão – nervosismo, dores de cabeça constantes, insônia, medo, desmaios ou ataques, desejos de suicídio, doenças que os médicos não descobrem as causas, visões de vultos ou audição de vozes, vícios, depressão. (MACEDO 2005.p.78-79) e isto é legitimado quando ele se apresenta durante o rito de exorcismo juntamente com seus companheiros que depois de descoberto admite diante de todos os presentes os males que causa, ou seja, ele faz jus às advertências proferidas pelos pastores.

O homem não está acima do medo, pois o medo nasceu com o homem “nas mais obscuras eras” e irá acompanhá-lo por toda sua existência afirma Delumeau (2009). Contra o medo o homem utiliza amuletos como forma de sentir-se seguro contra qualquer tipo de malefício, esta prática está incrustada na base efetiva e moral do homem, uma vez que “a insegurança é símbolo de morte e a segurança é símbolo de vida”. A morte é um dos maiores medos humanos e curiosamente a IURD não possui um discurso a cerca disto, a possível explicação para esta ausência pode ser que a morte é encarada como derrota uma vez que a Igreja atua em dois sentidos, sendo o primeiro a descoberta do mal – a doença – e em sequência a cura, a morte é inaceitável para o crente. Le Goff (2013) ao abordar o tema escatologia – doutrina das crenças relativas ao destino final do homem e do universo – partindo do pensamento de Bultmann, aponta que esta sofre uma alteração com o passar do tempo. A velha escatologia messiânica e milenarista perderam seu sentido, atualmente ao ter de tomar uma decisão o homem se encontra frente a uma escolha escatológica. A concepção de morte segundo a IURD pode ser entendida em partes se nos reportarmos a este pensamento apresentado por Le Goff uma vez que o homem decide sua vida pós-morte, seu fim cotidianamente com base em suas escolhas, a escatologia iurdiana se adapta ao mercado e ao público que possui, ou seja, a vida pós-morte é o resultado da vida terrena levada em vida. No site da IURD encontramos diversas matérias jornalísticas sobre atualidade que ao final são relacionadas com a instituição religiosa, no portal a única informação a cerca do que pensa o líder iurdiano sobre a morte está em uma matéria intitulada “até quando você quer viver?”

O bispo Macedo ressalta que todos nós já nascemos com um prazo de validade, e que esse ultimato recebemos no dia em que viemos ao mundo. “A morte é uma certeza. Pode ser hoje, pode ser amanhã, pode ser daqui a 50 anos. Mas ela virá. A pergunta que você deve responder para si mesmo hoje é: para onde vai a sua alma?”

Para aqueles que reconhecem que a vida não é só essa, e que irá viver na Eternidade a escolha feita aqui, preparar-se para o dia da morte é estar pronto para a Vida Eterna. Você pode não saber quantos anos de vida ainda lhe restam, mas tem, hoje, a oportunidade de escolher onde irá passar a Eternidade.

Você acha possível viver tantos anos quanto Matusalém viveu ou quanto buscam os cientistas? Será que haverá tempo antes da volta do Senhor Jesus para viver tudo isso? Quantos anos você gostaria de viver? ¹²

A morte é vista como destino final do homem, mas quando este destino chegará ao seu fim o homem não sabe, entretanto pode ocorrer deste ser antecipado caso o fiel não esteja no caminho de Deus. Nos relatos observados pelos membros da denominação sempre há uma semelhança, o ex-adepto de uma religião afro ao tentar sair dela é ameaçado de morte pelos encostos e só consegue se livrar deste destino ao ir para a IURD, não existem relatos de que alguma destas pessoas que procuraram a Igreja tenha falecido. Proença (2011) em seu trabalho de pesquisa nos jornais e revistas da Igreja não encontrou notas de falecimento nem menções a membros ou fiéis que faleceram; apresenta ainda que ao entrevistar pessoas que tiveram casos de mortes de familiares que frequentavam a Igreja no momento de seus velórios notava-se a presença de obreiros que compareciam apenas pela amizade ao falecido sem ligação religiosa, não sendo observado a presença de pastores. Entretanto no site da IURD há um espaço onde é apresentado o grupo de evangelização com o intuito de auxiliar aqueles que perderam entes queridos, mas não é um trabalho voltado para os crentes universais, e sim a pessoas que estejam visitando túmulos de parentes nos finais de semana e demonstrem estar sofrendo, além do trabalho de evangelização nos Institutos Médicos Legais:

Todos os domingos, os voluntários percorrem os cemitérios anunciando a Palavra de Deus aos que perderam seus entes queridos. Eles preparam um espaço no lugar para um encontro de fé e consolo, por meio de atendimento e orações.

Exemplares do jornal Folha Universal são distribuídos para os visitantes e os que acompanham os cortejos. Muitos chegam com expressão de tristeza e lágrimas nos olhos, mas saem aliviados pela oração e atenção recebidas.

Com o objetivo de levar esperança e alívio espiritual aos enlutados, o grupo de evangelização realiza orações no Instituto Médico Legal (IML) de diversos estados.

O apoio espiritual não se limita à porta do instituto. Durante as abordagens, os voluntários anotam o endereço dos aflitos e os acompanham nos meses seguintes, até que estejam recuperados emocional e espiritualmente.¹³

A pregação iurdiana é voltada para a vida, para a libertação e cura, sendo a morte é relegada à esfera diabólica. Os filhos de Deus que estão na fé estão protegidos contra todas as armadilhas do diabo. Oliva (1997) sobre a concepção de morte e sofrimento do homem moderno nos diz:

¹² Disponível em <http://www.universal.org/noticia/2015/03/21/quanto-tempo-voce-gostaria-de-viver-32513.html> 21/03/2015

¹³ Disponível em <http://www.universal.org/grupos-de-trabalho/evangelizacao-em-cemiterios.html>

Ora a doença, a dor, o sofrimento – tudo aquilo que nos tira o prazer de viver – são prenúncios da morte. É natural, portanto, que nas camadas primitivas da consciência do homem moderno – mas privado do acesso aos recursos modernos de assistência médica – a doença, e todos os males que o afligem, possam ser vistos como causados pelos demônios a serviço do Diabo. É a intervenção do diabo na vida das pessoas. (OLIVA, 1997, p.106)

A IURD ao afirmar que o problema de saúde ocorre em virtude da ação demoníaca trabalha sobre uma deficiência do sistema público de saúde que não consegue dar conta da demanda que recebe. Alguns dos pacientes apresentam problemas de fundo emocional e que são sanados quando passa a existir um acompanhamento com um pastor ou obreiro que ouve, aconselha, e faz a pessoa sentir-se acolhida, dá e ela um sentido para existir e sempre está disposto a ajudar. Em relação às doenças mais graves como câncer e HIV a pregação é incisiva na fé, se o crente não a tiver jamais será curado e então a vitória será do demônio e consequentemente a morte. Entretanto a Igreja não faz qualquer tipo de pronunciamento a cerca dessas mortes uma vez que ao fazer isso seria como atestar que possui algum grau de ineficiência em avivar a fé de seus membros e seu discurso com base na cura e libertação seria questionável. Os psicólogos Santos; Koller; Pereira. (2004) ao realizar uma breve análise sobre a busca da cura por paciente nas igrejas neopentecostais, com um foco maior na IURD perceberam que mais do que oferecer uma opção de cura a Igreja se apresenta como um mundo que protege e acolhe, mas que oferece exatamente o que é esperado de uma religião, ou seja, um controle sobre o presente e o futuro, dá sentido para a vida vivida, o atendimento das necessidades dos seus crentes faz com que se sintam pertencentes ao grupo e por isso estes passam a procurar somente os bens e serviços oferecidos pela Igreja em detrimento da procura por um tratamento médico. Entretanto não podemos afirmar que a garantia de saúde e cura são os únicos motivos que levam estes doentes a uma Igreja Universal.

Outra questão levantada pelos autores diz respeito à aceitação das curas pelos crentes iurdianos, esta crença vai um pouco além do nível socioeconômico dos membros da IURD; que de certa forma colabora para a crença nos poderes mágicos da Igreja. Para um enfermo as gotinhas mágicas que o médico receita não difere das gotas do Rio Jordão oferecidas pelo pastor, já que este último tanto quando o médico se apresenta com uma onipotência, ou seja, os crentes não se interessam pelo composto químico presente em tais elementos, as pessoas não compreendem o mundo tecnológico e não tem acesso fácil a estas informações também. Inicialmente os médicos passam por processos de especialização onde não tratam todas as doenças, sendo necessário que o enfermo recorra a mais de um para que possa ser curado, nos

hospitais ou mesmo nos consultórios os médicos estão focados nas doenças e nos sintomas somente, o espaço não é confortável e a linguagem médica é desconhecida pelos que necessitam da cura. O inverso ocorre dentro de um templo da Igreja Universal do Reino de Deus, antes de mais nada o crente é questionado sobre como anda sua vida familiar, profissional, estará de frente para um pastor que o olhará nos olhos, o acolhera e ouvira seus problemas em cadeiras confortáveis, com um ar condicionado e água fresca, não haverá um limite de tempo para que o ouça e opine nas mais diversas áreas de sua vida, inclusive na sua saúde. Um crente iurdiano já chega ao templo investido de crenças o que ocorre na IURD é uma bricolagem de novas e velhas crenças que são plausíveis aos necessitados que muitas vezes já acreditavam na cura realizada por santos e padroeiros, assim como nas curas realizadas por benzedoras. A especialização médica é fragmentada e há um afastamento das curas não científicas, os médicos falam difícil e são “superiores”, existe uma distancia social que quanto maior menor é a capacidade de argumentar do paciente em relação a sua saúde e ao tratamento, enquanto os pastores são mais acessíveis aos desfavorecidos e mesmo quando estes são de classes sociais mais elevadas existe uma argumentação do pastor para eles. Em resumo, o doente precisa ter uma iniciativa e um desejo ou esperança de cura, por isso não há possibilidade de ser influenciado por um líder carismático sem essa crença. Haacker (2004) argumenta que o enfermo tem a possibilidade de confiar e assim lidar com os prognósticos médicos e negá-los inclusive, desde que não seja a ele impostas as promessas bíblicas como forma de remoção de seu ceticismo de uma não cura.

Delumeau (2009) nos mostra o pensamento de que o homem está incrustado na modernidade econômica de incertezas, de jogos de interesse e por isso mergulhado no medo, e este medo é coletivo. Podemos compreender a partir disso o conceito de “sindicato” utilizado por Proença (2011) ao se referir ao IURD, uma vez que a denominação age de forma sindical, unindo pessoas que possuem medos, interesses e objetivos em comum, precisam lutar contra um mesmo inimigo podendo filiar-se a qualquer momento, basta querer ou necessitar. Outra semelhança ao modelo sindical da IURD é que os membros precisam ajudar financeiramente todo o mês a fim de que o “sindicato” cresça e consiga obter um maior numero de filiados com sua expansão e grande presença no mundo. “Sindicatos dos mágicos” se refere ao fato de que os pastores são os mágicos, os xamãs e exorcistas que possuem poderes para expulsar o mal e abrir os caminhos ao lado dos fiéis “os ajuntamentos humanos são mais sensíveis à ação dos chefes do que seriam as unidades isoladas que os compõem” (DELUMEAU, 2009, p.31). Os crentes iurdianos acreditam que com a ajuda de líderes e unidos conseguirão ir mais longe do que estando na luta sozinhos, por isso quando solicitado

que ajudem financeiramente para a construção de um novo templo as pessoas os fazem de bom grado, pois assim a Igreja e conseqüentemente eles serão maioria na guerra contra do Diabo e seus demônios.

Existem dois tipos de medo, o refletido e o espontâneo, sendo o primeiro aquele que decorre por intermediação sobre os sofrimentos conduzidos por conselheiros espirituais da coletividade, ou seja, pelos religiosos. O medo espontâneo pode ser compreendido como aqueles temores de nível mental como o medo do mar, de presságios ou fantasmas. A igreja católica ao fazer questionamentos sobre o sofrimento e a infelicidade dos homens no século XV desmascarou o inimigo do homem e fez um inventário dos males causados pelo diabo e uma lista de seus agentes “os turcos, os judeus, os heréticos e as mulheres”. Com isso os homens da igreja

[...] Partiram à procura do Anticristo, anunciaram o Juízo Final, prova certamente terrível, mas que seria ao mesmo tempo o fim do mal sobre a terra. Uma ameaça global de morte viu-se assim segmentada em medos, seguramente temíveis, mas “nomeados” e explicados, porque refletidos e aclarados pelos homens de Igreja. Essa enunciação designava perigos e adversários contra os quais o combate era, se não fácil, ao menos possível, com a ajuda da graça de Deus. O discurso eclesiástico reduzindo ao essencial foi com efeito este: os lobos, o mar e as estrelas, as pestes, as penúrias e as guerras são menos temíveis do que o demônio e o pecado, e a morte do corpo menos do que a alma. Desmascarar Satã e seus agentes e lutar contra o pecado era, além disso, diminuir sobre a terra a dose de infortúnios de que são a verdadeira causa. Essa denúncia se pretendia, pois, liberação, a despeito – ou o melhor por causa – de todas as ameaças que fazia pesar sobre os inimigos de Deus desentocados de seus esconderijos. Numa atmosfera obsidional, a Inquisição apresentou tal denúncia como salvação, e orientou suas temíveis investigações para duas grandes direções: de um lado, para bodes expiatórios que todo mundo conhecia, ao menos de nome – heréticos, feiticeiras, turcos, judeus etc. –; de outro, para cada um dos cristãos atuando Satã, com efeito, sobre os dois quadros, e podendo todo homem, se não tomar cuidado, tornar-se um agente do demônio. Daí a necessidade de certo medo de si mesmo. (DELUMEAU, 2009, p.44)

O homem deve temer ser possuído pelo Diabo, e ser assim uma arma contra Deus, lembrando que Deus é mais forte e por isso será sempre vitorioso, no embate travado entre bem e mal quem perde não é o diabo, mas o homem que se deixa enganar por ele.

3.3 AQUELE QUE PRECISA SER NOMEADO

Os pastores da IURD, ao lerem trechos bíblicos nos cultos para tratar sobre o demônio e sua expulsão, sempre farão referência ao Novo Testamento, uma vez que o Antigo Testamento não fala sobre práticas mágicas religiosas assim como não menciona exorcismos.

A existência dos demônios segundo Garbers (2008) são negadas no AT assim como seus poderes “O povo de Israel conheceu a realidade dos deuses\ demônios e os seus respectivos nomes como eles se encontravam nos povos vizinhos. Porém os textos bíblicos, que mencionam eles, são extremamente raros e não desenvolvem nenhuma “demonologia”. (Ibid.p.8). Nos textos bíblicos em português ocorreram diversas formas de tradução que suprimem os nomes de deuses empregando traduções como “demônio, fera, doença, seta, escuridão” ao invés dos nomes próprios. Entretanto as traduções não podem ser consideradas errôneas, elas apenas seguem a linha dos autores do AT que se recusavam mencionar os demônios/deuses e atribuir-lhes poderes. As orações no AT são pedidos contra os inimigos, medo ou doença e tão pouco reconhece a possessão demoníaca.

Nas observações realizadas no templo central da Igreja Universal do centro de Joinville às sextas feiras são exclusivas para os cultos de cura e libertação, no decorrer das duas horas de culto os nomes diabo, satanás, demônio, pai da mentira, Preto-Velho, Pomba-Gira, Maria Padilha, Exu Caveira, Tiriri, Pai da mentira, Encostos e outros serão pronunciados uma centena de vezes contra apenas algumas dezenas de referências a Deus e a Jesus. O Bispo Edir Macedo (2005) afirma que uma pessoa desinformada ao adentrar em um templo iurdiano durante um destes cultos pode se assustar e até mesmo acreditar estar em um centro de umbanda, pois encontrará ali a presença de muitas das entidades desta religião se manifestando durante as orações de libertação. Vale lembrar que a IURD apresenta aos seus fiéis que os demônios advêm das religiões afro-brasileiras e do espiritismo kardecista, e não faz distinção entre estas religiões, pois afirma que são iguais na sua essência.

No trabalho de SILVA (2007) encontramos uma ótima pesquisa realizada sobre os preconceitos e impactos causados pelo neopentecostalismo em relação às religiões de matriz africana. Oliva (2007) ao fazer um breve histórico do surgimento do pentecostalismo brasileiro nos lembra que a tática empregada pela IURD de inferiorizar a religião do outro não é nova, pois a Igreja Católica fez exatamente a mesma coisa com a religião indígena e africana presentes no Brasil. Segundo o pensamento neopentecostal, as religiões afro-brasileiras, e o espiritismo fazem parte de uma gama que disseminam o mal pelo mundo, ou seja, não são as únicas pois é preciso lembrar que o diabo é universal, por exemplo na China ele se apresenta como ateísmo e outras religiões presentes no espaço:

Os membros estão sedentos pela verdade. As religiões aqui ensinam que o sofrimento é algo divino, como a doença, por exemplo, ressalta o pastor Álvaro Lima, responsável pela Universal na China. Recém-chegado ao país asiático, o pastor brasileiro já passou pelos Estados Unidos, Irlanda e Inglaterra. Há 16 anos

ele se dedica à evangelização fora da terra natal. Um sacrifício que é compensado todas as vezes que vê o milagre na vida de um novo cristão. “Quando falamos que Jesus quer curá-los e no momento que veem o poder de Deus, eles ficam impressionados e nos procuram para saber mais sobre a fé verdadeira que liberta e transforma vidas”, observa o pastor. Adeptos do catolicismo, budismo e outras religiões, os participantes enxergam a Universal não como uma nova religião, mas como o caminho para uma transformação de vida.¹⁴

O mal apresentado pela IURD diferentemente do mal das outras religiões é multifacetado, se adapta às necessidades de cada local. Então, o diabo pode ser o Islamismo, o Vodú, Budismo ou ateísmo, por isso o trabalho de disseminação pelo mundo, ela visa ser universal por ser a verdadeira representante de Deus na terra – pensamento que não é exclusivo desta religião uma vez que todas se apresentam como tais.

A Igreja Universal faz a mediação entre a vida terrena e o sobrenatural. O diabo não tem uma face, não possui uma única característica e o primordial na liturgia é o fato de que uma pessoa está apta a receber mais de um demônio, por ser um espírito sem corpo ele deseja encontrar um “burrinho”, o demônio é um ser a procura de uma vestimenta para poder causar o mal ao máximo de pessoas possíveis, mas quando este não está em contato direto com uma pessoa age de forma próxima, pode estar em roupas, comidas e na sujeira. Podemos compreender até o momento que as forças sobrenaturais sempre estiveram presentes na vida do homem e que a crença nesse poder oculto pode variar de cultura para cultura, passar por reconfigurações, mas o bem sempre estará em uma renhida luta contra o mal. A Igreja Universal prega o Deus bom que não castiga seus filhos, entretanto levantamos a seguinte questão: há um castigo para aqueles que rejeitam a religião? Qual a necessidade de que as pessoas participem ativamente de uma?

A IURD apresenta então a atuação maléfica e constante do Diabo na vida das pessoas que por ignorância ou desconhecimento não participam ativamente da fé nos templos universais, esta exibição se dá através dos testemunhos de seus membros. Estes relatam de que antes de conhecer a Universal sua visão era turva, acreditavam realmente que não poderiam crescer mais e que estavam fadadas ao sofrimento, mas a Igreja mostrou que não, o verdadeiro Deus das promessas não falha com seus filhos. Alguns chegam a perguntar o porquê de Deus permitir que seus filhos sofram, e a resposta é simples: Deus não permite, o diabo e seus demônios é que se intrometem na Sua boa criação com o intuito de destruí-la.

Segundo Schultz (2005) uma das estruturas teológicas do imaginário religioso brasileiro é a crença em espíritos. O autor divide essa visão em uma trindade onde

¹⁴ Disponível em <http://www.universal.org/noticia/2015/02/14/china-uma-geracao-de-novos-cristaos-quebra-as-regras-do-pais-ateu-32109.html>

inicialmente encontramos o plano onde Deus habita, o plano intermediário habitado por santos, espíritos fantasmas e demônios, purgatório, orixás, etc.; e o terceiro plano é o mundo dos vivos que sempre está suscetível ao ataque do segundo plano, que também pode ser entendido como plano intermediário onde também se resolvem muitas coisas, pois através dele se consegue chegar ao plano superior, a questão só depende da crença, os católicos crêem nos santos, os kardecistas nos espíritos de luz por exemplo.

“O rito destaca a importância da *coletividade* no imaginário religioso. [...] Ritos e festas são propriedade de todas as pessoas – associada ao papel de proteção contra o mal, pode-se entender essa participação coletiva nos ritos como um grande exorcismo coletivo, uma proteção amplificada contra o mal” (SCHULTZ, 2005, p. 47-8).

Em relação às ofertas em dinheiro a hipótese levantada pelo autor é que ocorre uma substituição aos sacrifícios de sangue ou de animais. Ele também aponta que a IURD está trabalhando menos com o exorcismo e mais com a prosperidade financeira como forma de se aproximar da classe média. Deus, portanto, não concede a benção sem uma oferta financeira em contrapartida. Bourdieu (2011, p.166-7) nos diz que existe a necessidade de uma transfiguração das relações econômicas, mas não é fácil criar um eufemismo para as trocas simbólicas, por isso ocorre que doar dinheiro acaba sendo uma solução rápida e antes de tudo prática. O autor faz uma exemplificação deste fato quando diz que na necessidade de se dar um presente pessoal a alguém por preguiça ou comodidade acaba-se dando dinheiro ao invés de fazer uma pesquisa sobre um presente que se adequasse ao gosto da pessoa e que seu valor não fosse relativo ao valor em espécie monetária. O trabalho é infinitamente menor embora não possamos afirmar que o efeito seria o mesmo, entretanto as trocas são entendidas dentro de um grupo, fora dela elas podem não fazer sentido algum.

Schultz (2005) nos fala de ambigüidade religiosa ao invés de sincretismo religioso, pois a IURD como exemplo apresenta a força da palavra como o protestantismo, possui um ritual como a Igreja Católica, através dos exorcismos e entidades apresentadas afirmam a existência das forças sobrenaturais das religiões afro. Para ele não é um culto sincrético, mas um culto que opera a “simultaneidade dos sistemas”.

[...] O mal não é apenas um elemento metafísico estruturante do discurso do bem, mas tem existência *real*, podendo manifestar-se como infelicidade, morte, finitude, dor, possessão, desemprego, doença, injustiça, desgraça, corrupção, descrença, pecado, etc. A irreducibilidade do mal exige um Deus irreduzível, que está sempre ao lado do fiel para salvá-lo do mal (SCHULTZ, 2005, p.63) .

3.4 DEUS, DINHEIRO E O DIABO

A IURD afirma que o homem nasce bom e que ele precisa escolher de que lado deseja ficar, se do lado de Deus ou do Diabo, cabe, pois a ele decidir se quer a felicidade em Deus ou o sofrimento nas mãos do Diabo. A Igreja neste caso se apresenta como a verdadeira e única mediadora entre Deus e os homens. A Universal tem uma presença massiva em canais de televisão, apresenta programas na madrugada, no horário de almoço, possui blogs, programas de rádio, jornais, revistas. Além disso, os templos estão abertos todos os dias das seis da manhã a meia noite, sempre haverá um obreiro ou um pastor para ajudar – até mesmo online no site da Igreja que funciona 24 horas por dia. Os pastores iurdianos não possuem muita folga, dormem pouco, são atarefados com as grandes quantidades de cultos diários, além dos programas de rádio e televisão que apresentam semanalmente, às vezes diariamente. Não há registros de quanto recebem, mas sabe-se que seus gastos pessoais são pagos pela igreja tais como moradia, carro e a escola de seus filhos. Pelas pesquisas de campo e conversas informais com fiéis pude observar que estes não fazem questionamentos acerca dos salários nem do estilo de vida que o pastorado leva. Para Bordieu (2011.p.195), a igreja é a “instituição encarregada de assegurar a cura das almas”, ela necessita de bens econômicos para se manter, por isso apóia-se em várias formas de adquirir recursos. Seus membros, os maiores interessados nos serviços religiosos, ignoram a verdadeira base econômica da instituição religiosa, ajudam financeiramente, pois sabem que o Estado não dá nada a Igreja e os fiéis são os responsáveis pela sua manutenção. Existe um favorecimento ao estilo de vida ostentado pelos pastores, pois os fiéis têm a possibilidade de comprovar a vida próspera e bem sucedida que Deus lhes concede por serem homens de fé, embora não demonstrem interesse no dinheiro arrecadado pela igreja, ou seja, o alto padrão de vida dos pastores é legitimador do discurso de prosperidade que pregam.

A teologia da Igreja Universal parte do pressuposto de que todos os filhos de Deus tem o direito de usufruir em vida das riquezas e uma condição de vida sem infelicidades. Caso estas benesses não aconteçam a culpa é do Diabo e seus demônios adversários de Deus e seus filhos. Por isso o fiel precisa tomar conhecimento disso e engajar-se numa batalha espiritual para vencer o inimigo. A participação nos ritos oferecidos pela igreja é o modo como o fiel trava esses infindáveis combates mediante o que se desvendam “as figuras do sagrado por trás das quais o Maligno revela sua ação” (BORDIEU, 2011, p.344-5)

Observei que falar em Igreja Universal é cair inevitavelmente na questão financeira, uma vez que sempre encontraremos casos de denúncias acerca desta prática em seu interior. Não tenho o objetivo de adentrar na questão mais profundamente. Apenas é preciso frisar que a liderança prega o bem estar material como sinal de benção divina. O Bispo Edir Macedo ainda vai mais longe ao dizer que os padres da Igreja Católica possuem muitas riquezas e que o Vaticano é a maior prova deste fato. Na IURD ofertar e fazer sacrifícios financeiros são uma forma de exigir que Deus seja fiel as suas promessas, assim como o crente o é, ao fazer tal sacrifício de fé. Entretanto aquele fiel que dá apenas o dízimo e faz ofertas dentro de sua possibilidade financeira não será abençoado, já que não existe um sacrifício real. Aquele membro que simplesmente se recusa a doar grandes somas por temer seu futuro financeiro, é visto como um possível possesso, uma vez que o diabo é quem não o deixa doar.

Em uma observação realizada de um culto ao vivo, através TV IURD¹⁵ da cidade de Joinville, na campanha Fogueira Santa de Israel o pastor pede para que todos prestem atenção em um vídeo. Neste momento começa a passar no telão a história de um homem que chegou a IURD, exatamente no dia da Fogueira Santa de Israel, com uma pasta cheia de contas à pagar que ele havia levado a sua ex-Igreja para receber oração (Igreja esta que não era a Universal). O homem afirmava que as suas contas receberam tanta oração que a pasta era muito abençoada, os pastores diziam a ele que estava passando por um momento de provação que para ele era sem fim. Como já estava cansado de sofrer foi a uma IURD, chegando lá decidiu fazer sua oferta de sacrifício, o único dinheiro que tinha era um cheque no valor de 800 reais que deveria ser descontado naquela semana, não tinha mais nada de dinheiro a receber. Entretanto, a sua vida não melhorou do dia pra noite, na segunda fogueira santa sua pasta estava com mais contas, então ele fez sua real oferta de sacrifício e junto a ela colocou as contas. Depois desse segundo sacrifício seu telefone tocou e sua esposa o avisou que havia conseguido um trabalho. Com este emprego ele continuou ofertando e dizimando, na Fogueira Santa seguinte participou fazendo um propósito maior, decidiu pedir as contas do trabalho e abrir seu próprio negócio, deu no altar a sua rescisão contratual e abriu sua pizzaria que em pouco tempo se transformou em quinze. Mas ele parou de dar seu sacrifício na Igreja e em pouco tempo perdeu tudo e ficou com muitas dívidas. Neste ponto da história, o pastor interrompe o vídeo para dizer que Deus quer o sacrifício, ou seja, o que dói no peito, aquele dinheiro que realmente vai fazer falta, aquele imóvel, aquele carro, aquele dinheiro que você realmente precisa, e volta ao vídeo onde o homem afirma que voltou pra igreja para se reconciliar com Deus e passou a dar seu sacrifício novamente, hoje é dono de empresa e tem

¹⁵ <http://www.sc.maisperto.com.br/index.php/canais-de-tv/301-tv-iurd>

trezentos colaboradores diretos e oitocentos indiretos, possui casa, carros, suas filhas e sua esposa também fazem ofertas de sacrifício. Quando questionado pelo pastor se ele já deu em sacrifício, ele afirma que mais de 500 mil reais, fora a caminhonete Porsche Cayenne que doou na semana anterior. E por final afirma que é feliz por ter feito e fazer os sacrifícios.

Para finalizar o culto o pastor pede para que quem desejar realmente fazer o sacrifício deve subir ao altar e pegar um papel de presente onde deverá colocar dentro uma roupa nova e escrever seu nome e levar a igreja na próxima segunda feira, pois ele irá orar nesta peça e depois devolverá a mesma unguida para que a pessoa ao utilizá-la esteja abençoada, com a vida nova, renovada. E também na passagem pelo altar deve-se ungir o envelope do sacrifício, lembrando que neste envelope de sacrifício o valor mínimo não será inferior a Mil reais. Depois que todos passam pelo altar o pastor pede desculpas antecipadamente e diz que precisa ser muito sincero, lembra que o sacrifício é pessoal, é um acordo entre a pessoa e Deus e que ele não tem nada a ver com esse sacrifício, isto porque alguns fiéis tentam dar jóias, infelizmente ele não tem condições de sair para vender as jóias, pede para que quem for fazer o sacrifício venda seu bem e leve o dinheiro, e quem quer doar o carro/moto também deveria vender, mas se não quer e prefere dar o carro pode pegar o termo de doação ali com ele, desde que carro esteja quitado e com todos os impostos em dia. (Na mesa do altar estava disponível o formulário de doação para ser preenchido).

Ao final o pastor pede uma salva de palmas para Jesus e lembra que ali no templo dois fiéis doaram mais de trezentos mil reais e por isso iriam gratuitamente junto com a comitiva de pastores e o Bispo Macedo para uma viagem a Israel. Mas onde está o diabo nesta necessidade de ofertar? Na lógica iurdiana ofertar a Deus é a forma de proteger-se do ataque do diabo na área financeira, uma vez que aquele que tem Deus e fé doa, pois como o pastor durante este culto disse aos fiéis, “quem tem fé doa tudo porque sabe que Deus proverá”.

Diferentemente dos televangelistas americanos, a IURD solicita a presença de seus fiéis no espaço físico da instituição. Nos atendimentos feitos por rádio, telefone ou online o pastor “atendente” após orar e conversar com o fiel solicitará sua presença em um templo para que possa receber uma oração e a unção de um pastor ou bispo. Alguns estudiosos como Campos (1997), Oliva (2007) Silva (2007) partilham da suspeita de que o ideal da Igreja é a arrecadação de dinheiro e este só ocorre quando o fiel vai a Igreja faz a sua oferta e paga seu dízimo. Entretanto não há como afirmar que esta alegação seja totalmente verdadeira por dois motivos. O primeiro é que a Universal disponibiliza boletos de dízimo e ofertas em seu site¹⁶,

¹⁶ Disponível em <https://doacao.universal.org/>

para isso basta fazer um cadastro, existem as opções de desconto em conta corrente em dias agendados mensalmente, além do número de contas para depósito ou transferências em dois bancos distintos. Em segundo lugar não há comprovação de que todos que compareçam a um templo acabem realmente doando, embora os templos já disponham de máquinas de cartão aceitando débito e crédito além de documentos de doação de bens disponíveis para aqueles que desejam transferir para a Igreja carros, casas ou outros empreendimentos.

Segundo Proença (2011), os templos iurdianos através de uma alquimia vinculada pelos líderes religiosos, apresentam uma transfiguração das construções humanas e estabelecidas culturalmente em “instituições de origem sobrenatural” cujo objetivo é a arrecadação de dinheiro, embora a imagem apresentada pela liderança seja de total desinteresse financeiro, por isso quando questionado sobre suas práticas religiosas o Bispo Edir Macedo responde:

Ninguém tem o direito de se voltar contra a autoridade instituída por Deus, pois é o próprio Deus que tem que tomar as devidas providências para fazê-lo sair ou permanecer na condição de autoridade espiritual, mas nunca e jamais, ninguém deve nem pensar em se colocar no lugar de Deus e procurar tomar providências contra o ungido do Senhor! E muito menos tecer comentários negativos a respeito daquela autoridade espiritual. (PROENÇA, 2011, p.95)

Aqui podemos observar que o Bispo se encontra no lugar do homem ungido, da ponte que liga o homem a Deus e por isso não deve ser questionado. Macedo adverte que os exorcismo e curas devem ser realizados dentro dos templos apenas, por isso a necessidade de que as pessoas até ele se dirijam sempre. Segundo Proença outro destaque que deve ser levado em conta em relação aos templos da IURD é a sua diferença frente aos templos dos Protestantes históricos que possuíam a intenção de ser o oposto das Catedrais Católicas, mas acabaram com uma configuração muito semelhante, pois pregador sempre fazia seu discurso por de trás da tribuna afim de que as pessoas prestassem atenção em sua fala, assim como os padres proferiam suas homilias por de trás do altar. Aos fiéis cabia o papel de silenciar e ouvir, fato que com o pentecostalismo e neopentecostalismo não corre já que o pastor durante todo o culto caminha pelo altar gesticulando freneticamente conforme prega, além disso, as conversas que acontecem entre pastores e fiéis fogem do estilo confessional – onde os fiéis se dirigem ao padre em um confessionário localizado em um espaço reservado dentro da própria igreja para garantir a privacidade de confissão dos pecados ou mesmo de solicitação de ajuda

– pois é feito pelos corredores e cadeiras existentes no templo e na presença de todos que ali estiverem antes ou ao término da celebração.

[...] Não importa apenas o que o pastor diz em seus sermões, é preciso que seus movimentos também expressem sua narrativa; não basta vituperar com socos e pisões sobre o demônio nem dizer que está cheio do Espírito Santo, se fenômenos extraordinários não acontecerem. (PROENÇA, 2011, p.307)

No caso da Igreja Universal o templo é constituído como um local para desenvolvimento de ritos, para desenvolvimento do carisma dos pastores, um local de remodelagens, “apropriação e ressignificação de um fertilíssimo capital simbólico disposto no capô religioso brasileiro” (PROENÇA, 2011, p.308). Compreende-se também que o templo é o espaço sagrado. Eliade (2010) cunha uma hipótese para a manifestação do sagrado que é excelentemente resumida por Campos (1997) ao afirmar que este:

[...] cunhou a palavra *hierofania* para designar a manifestação do sagrado dentro das categorias espaço-temporais. Para ele, a manifestação de um poder transcendente, deixa ao redor do ser humano um território marcado pelos sinais e objetos, verdadeiros rastros da presença do invisível no interior de um espaço, agora, por causa dessa manifestação, dividido em sagrado e profano. Surge dessa maneira uma experiência primordial, a “fundação do mundo”, um “ponto fixo”, um centro capaz de proporcionar aos humanos a visão de uma nova realidade, que necessariamente, não se esgota no objeto material. (CAMPOS, 1997, p.74)

Ou seja, o sagrado se manifesta através de um ponto localizado em meio profano, que podemos compreender como a Igreja. O sagrado e o profano se unem por uma linha invisível aos olhos humanos, entretanto essa ligação tem um valor existencial para o homem religioso, pois este território sagrado possui um cosmos desigual aquele que se encontra ao seu redor.

[...] é fácil compreender por que a igreja participa de um espaço totalmente diferente daquele das aglomerações humanas que a rodeiam. No interior do recinto sagrado, o mundo profano é transcendido. Nos níveis mais arcaicos de cultura, essa possibilidade de transcendência exprime-se pelas diferentes *imagens de uma abertura*: lá, no recinto sagrado, torna-se possível a comunicação com os deuses; conseqüentemente, deve existir uma “porta” para o alto, por onde os deuses podem descer a Terra e o homem pode subir simbolicamente. Todo espaço sagrado implica um hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente. [...] Não tardaremos a encontrar exemplos ainda mais preciosos: santuários que são “Portas dos Deuses” e, portanto, lugares de passagem entre o Céu e a Terra. (ELÍADE, 2010, p.29)

Os homens, entretanto não são livres para escolher o local sagrado; eles o procuram e os descobrem com a ajuda de sinais misteriosos. O mundo segundo Eliade seria o lugar

conhecido, o Cosmos, e fora deste mundo conhecido está o espaço desconhecido dos estrangeiros, dos demônios. Berger (1985) chama de Caos este mundo desconhecido. Para que um território se torne cósmico, um ritual seria necessário, este “comportamento religioso” pode ser compreendido citando o exemplo dos conquistadores portugueses que ao adentrarem os territórios desconhecidos e conquistados erguiam uma cruz que equivalia a “consagração da região”, seria a renovação e a recriação da nova terra descoberta.

Instalar-se num território equivale, em última instância, a consagrá-lo. Quando a instalação já não é provisória, como nos nômades, mas permanente, como é o caso dos sedentários, implica uma decisão vital que compromete a existência de toda a comunidade. “Situá-lo” num lugar, organizá-lo, habitá-lo – são ações que pressupõem uma escolha existencial: a escolha do Universo que se está pronto a assumir ao “criá-lo”. Ora esse “Universo” é sempre réplica do Universo exemplar criado e habitado pelos deuses: participa, portanto, da santidade da obra dos deuses. (ELÍADE, 2010, p.36)

A IURD tem como característica ser uma igreja que se adapta a locais pré existentes como antigas lojas, supermercados ou antigas salas de cinema. O Bispo Edir Macedo se orgulha de ter iniciado sua história em um coreto utilizando apenas uma caixa de som com um microfone para levar a palavra de Deus e converter pessoas na cidade do Rio de Janeiro e hoje possui templos em mais de duzentos países. Proença (2011) conta que em 1980 o pastor Paulo Roberto foi incumbido por Macedo a ir para Salvador na Bahia pregar em um porão sob um viaduto e com precárias condições, ao chegar no local se assustou e informou ao Bispo que o local ficava em uma área de risco rodeado por locais destinados a prostituição e com alto índice de assaltos e ainda havia uma grande resistência dos moradores locais devido a sua religiosidade e costumes. Ao ouvir tais queixas Macedo ficou exultante e afirmou que ali era o local ideal, não deixando alternativas ao hoje bispo Roberto iniciar seu trabalho com afinco, e em pouco tempo a IURD baiana estava lotada com necessidade de cultos a cada duas horas. (PROENÇA. 2011) Atualmente a capital Salvador possui um dos maiores e mais confortáveis templos universais localizado no centro da cidade, rodeado por avenidas e pontos comerciais. Uma das características da consagração de um lugar segundo Elíade (2010) é que ele esteja no centro, pois os templos são réplicas da Montanha cósmica e são a ligação entre Terra e Céu. O templo pode ser compreendido como o centro do mundo para o homem religioso, e este precisa estar situado em sua cidade, independentemente de sua estrutura e dimensão, pois significa um mundo total e organizado, um cosmos em meio ao caos.

Todos os templos da Igreja Universal passam por essa consagração, se transformam não na morada de Deus, mas no local onde o homem pode senti-lo, escutá-lo e como afirmam os pastores, “estar em sua presença”. Dentro do templo o diabo não tem acesso, o caos sempre estará relegado ao exterior, à casa de Deus é o local onde o demônio entra apenas para ser expulso, é o espaço onde o sagrado mostra seu poder através de um enviado, de um homem ungido por Ele com poderes de expulsar aquele que se atreve a acabar com a felicidade de seus filhos. Mas o mundo fora dos templos da Igreja é o local do caos, do medo e do perigo iminente de ser vítima de demônios que andam a espreita e que não podem ser facilmente identificados pelos fiéis. Por isso os homens com a investidura de Deus dentro do espaço sagrado consagram também objetos para que esse homem consiga sobreviver fora dos muros do templo, nos cultos iurdianos as pessoas são ungidas com óleo em todos os cultos que participam para que possam ir para seu lar abençoadas, mas também recebem – dependendo da campanha – objetos como rosas que devem ser reconsagradas em cultos semanais, pulseiras que devem ser trocadas semanalmente, podem levar roupas para que recebam a benção do Bispo e podem levar também as roupas de parentes para que estes também sejam abençoados. Os objetos do cotidiano passam a ser sagrados, ocorre uma ressignificação destes nos cultos e através das orações e campanhas, e os crentes passam então a acreditar que ao portarem tais objetos estão assegurando as bênçãos divinas fora dos templos mesmo que por um tempo determinado.

3.5 RITUAIS UNIVERSAIS

A IURD possui uma semelhança ritualística com o catolicismo e cultos afro-brasileiros. Para os fiéis que saem destas religiões e caminham para a Universal encontram uma identificação e um sentimento de pertença religiosa, uma vez que encontram uma reconfiguração de papéis onde os líderes se apresentam numa nova roupagem dos xamãs, pais de santo, exorcistas, padre e quaisquer líderes de outras religiões. Proença nos diz que uma das características para esse processo é que se trata de líderes formados no Brasil sem raízes fincadas no proselitismo estrangeiro:

Essa autoctonia permite uma reelaboração dos elementos culturais-religiosos figurados nas crenças populares desenvolvidas em solo brasileiro, promovendo pela orientação do *habitus*, maior interatividade com o mundo do qual os fiéis

também fazem parte. Esse *habitus* iurdiano incorpora compósitos culturais híbridos, que estabelecem interações com um passado de longa duração. (PROENÇA, 2007, p.297).

Quando a IURD não se apropria de locais já existentes, ela constrói seu próprio espaço. Podemos citar aqui a última obra o Templo de Salomão, que está localizado no centro da periferia de São Paulo – diferentemente de outros templos que se localizam no centro da cidade – sua consagração se deu em uma manhã de domingo onde foi colocado no centro do terreno a Pedra Fundamental, uma bíblia e uma rocha advinda diretamente de Israel, assim como muitas toneladas que foram utilizadas para a construção do templo como um todo. No site da IURD encontramos a seguinte descrição a cerca da construção do templo:

Em uma viagem de peregrinação a Israel, o bispo Macedo expressou com os demais bispos que o acompanhavam o desejo de que todo o povo da Igreja Universal do Reino de Deus pudesse, pelo menos uma vez na vida, pisar no chão e tocar nas pedras que testemunharam os milagres e eventos escritos na Bíblia. Nesse momento, nasceu no coração dele o desejo de construir uma réplica do Templo de Salomão. “Se eu não posso trazer todo o povo para cá, então vou levar pedaços desta terra para eles.” Depois desse dia, a ideia tomou forma e no mês de julho de 2010 a grande obra, projetada nas referências bíblicas do Templo do passado, foi anunciada com o lançamento da pedra fundamental.

Neste novo Templo, todos, sem exceção, poderão ter acesso livre para buscar a Deus, diferentemente do Templo passado, onde somente era permitida a entrada do sumo sacerdote ao Santo dos Santos. O bispo explica a importância que o local terá nos dias atuais: “Não se trata de um projeto denominacional, muito menos pessoal, mas algo tão glorioso, do ponto de vista espiritual, que transcende a própria razão. Certamente, despertará a fé adormecida dos frios ou mornos na fé e os arremeterá a um avivamento nacional e, em seguida, mundial.”

Da mesma forma que no passado, o Templo de Salomão erguido no bairro do Brás, em São Paulo, tem um significado profundo porque todos os que ali entrarem, independentemente de sua crença, estarão voltados para os tempos bíblicos.

Por isso, o Templo de Salomão construído na capital paulista tem um sentido espiritual muito forte, uma vez que resgatará a Santidade, o Respeito, o Temor, a Reverência e a Consideração para com o Senhor Deus. Em Sua Casa, também chamada de Casa de Sacrifício, todo o povo terá a oportunidade de render ao Eterno a própria vida como sacrifício santo e agradável a Deus.¹⁷

O mesmo ocorreu com a Catedral da Fé no Rio de Janeiro que também conta com pedras de Jerusalém em seu muro das lamentações. Os templos se localizam no centro do caos, são o cosmos sagrado que purificam o mundo através de sua santidade, em resumo podemos dizer que o desejo é o de se viver em um Cosmos puro como se tivesse acabado de sair das mãos do Criador, lembrando que o templo é venerado porque é sagrado e não porque

¹⁷ Disponível em <http://www.otemplodesalomao.com/#/otemplo>

é templo. Este espaço sagrado da IURD está atualmente com suas portas abertas a todos, independentemente da religião. No site da igreja existem notícias sobre reuniões realizadas no novo templo com padres e pastores de outras igrejas evangélicas, a própria inauguração do templo no dia 31 de julho do ano passado contou com a presença de lideranças políticas que não possuem relação religiosa com a Universal do Reino de Deus.

Obra milionária do bispo Edir Macedo, o Templo de Salomão foi inaugurado na noite desta quinta-feira em São Paulo com a presença de diversas autoridades de todo o país, entre elas a presidente Dilma Rousseff. O mega empreendimento foi construído de forma irregular, com alvará de reforma expedido pela prefeitura de São Paulo em 2008. A obra, orçada em 685 milhões de reais, é a maior construção religiosa do país. Com 74.000 metros quadrados de área construída, é três vezes maior que o Santuário Nacional de Aparecida, no interior de São Paulo. Edir Macedo, fundador da Igreja Universal, acompanhou a cerimônia de inauguração ao lado da presidente Dilma. O vice-presidente Michel Temer, o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad e o ministro-chefe da Casa Civil, Aloizio Mercadante, também participaram da cerimônia. Governadores do Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, Paraná, Bahia, Goiás, Rio Grande do Norte, Acre, Roraima, Pará, Rio Grande do Sul, Alagoas e Rio de Janeiro também compareceram. Diante de 10.000 pessoas, a lotação máxima da igreja, Macedo pregou e pediu paz em Jerusalém. Durante a cerimônia, a Arca da Aliança - réplica da relíquia sagrada que guardava a tábua com os dez mandamentos segundo a tradição - cruzou o tapete vermelho e foi recebida no templo, marcando o ponto alto do evento.¹⁸

Gomes (2011) nos apresenta a sua concepção do que seria a santidade da IURD. Há uma ligação estruturante com o Israel mítico, as construções possuem materiais advindo da própria Israel, as campanhas realizadas na Igreja como a fogueira Santa de Israel, a Terra Santa é utilizada simbolicamente como local de luta contra o mal. A Universal possui uma autenticidade em suas práticas, utilizando uma memória presente no cotidiano de seus fiéis, com o auxílio do antigo testamento. Enquanto Elíade nos apresenta que os locais sagrados, os templos, são uma oposição ao mundo profano que os circunda Gomes nos leva a questionar se o intuito da liderança iurdiana é o de construir um cosmos sagrado ou o de reproduzir grandes templos sagrados bíblicos com o interesse de fortalecimento da fé dos fiéis em relação a própria Igreja.

O Bispo Edir Macedo como mencionado anteriormente afirma que o homem precisa exigir que Deus cumpra todas as promessas que fez aos seus filhos, por isso os crentes neopentecostais são encorajados a exigir que as benesses divinas recaiam sobre si. O fundador

¹⁸ Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/com-dilma-e-sem-alvara-megatemplo-da-igreja-universal-e-inaugurado/>

da Igreja Universal não esconde de maneira alguma que sofreu severas perseguições de cunho político e religioso. As suas igrejas estão localizadas no centro, longe de periferias violentas das grandes cidades, e a explicação para isso é a de que as pessoas merecem estar em templos confortáveis, precisam ver as maravilhas que Deus tem a oferecer, e o templo é visto como um local de tranqüilidade em meio a um caos urbano, onde o fiel pode orar na hora de seu almoço ou mesmo antes de chegar em sua casa, não podemos esquecer que as igrejas possuem o papel de separação entre o sagrado e o profano, mas também devemos compreender que a construção de grandes catedrais podem significar a demonstração do poder de superação da IURD frente as adversidades, é uma igreja que mesmo sendo atacada cresce. No culto de 25 anos da Igreja em 2002 o Bispo Macedo lembrou a sua história e tratou todos os presentes e a si mesmo como os excluídos, fez citações acerca de sua trajetória e as perseguições sofridas, mas não perdeu a certeza de que superaria as dificuldades e teria uma vitória sobre os encostos que impediam abundância prometida por Deus, pois estava honrando a Deus e não seria abandonado. Ao falar de sua prisão fez relação a perseguição sofrida pelos cristãos em virtude das atitudes e moral que pregavam, recuando ainda mais no tempo tratou da perseguição que o povo hebreu foi vítima quando em direção a terra prometida, o Bispo argumentou de forma a produzir nexos entre o passado remoto e o presente da própria IURD, assim constrói vínculos com a capacidade de vincular seus membros – pastores e fiéis – como parte do povo escolhido e perseguido. A perseguição pregada é tida como um obstáculo superável, não é utilizada como forma de auto vitimização, sua serventia é a de demonstrar superação.

Enquanto Eliade (2010) nos apresenta a necessidade de objetos sagrados para que o homem viva em meio ao caos, Gomes (2011) nos fala sobre pontos de contato. CAMPOS (1997. p.81) afirma que:

Na Igreja Universal , os objetos valem pelo usos e são considerados “pontos de contato” para “despertar a fé” nas pessoas. “Pontos de contato” é uma expressão aplicada a “tudo aquilo que venha a ser útil para despertar a fé de alguém, de modo que através dela venha receber uma resposta de Deus”. [...] É curioso que o neopentecostalismo da Igreja Universal, intuitivamente, sem quaisquer interferências de cientistas sociais, apoiando-se em objetos, descobriu maneiras de puxar os fios invisíveis da memória, e ligar o presente ao inconsciente coletivo [...]

Embora estes pontos não sejam necessários para todos os fiéis da IURD uma vez que os mais maduros compreendem que o verdadeiro poder está no Senhor e a ação está em seu

Espírito, alguns ainda necessitam de um contato com o espiritual, e para legitimar o uso de objetos os pastores valem de passagens bíblicas que demonstram a utilização de objetos “mágicos” pelos apóstolos ou mesmo por Jesus, os pontos de contato são utilizados para a aquisição ou fortificação da fé e não constituem a fé em si.

A magia consiste num dos elementos que marcam fortemente o campo religioso brasileiro, com raízes fincadas na longa duração. Pode-se entender como magia tudo aquilo que tenta inverter as formas naturais das coisas. A sua essência reside, pois, na dominação dos poderes supra-sensíveis, os quais são convocados e controlados autoritariamente em função do objetivo visado pelos seus adeptos. Desde os tempos mais antigos, a magia tem prometido às pessoas que a ela recorrem a solução imediata de determinados problemas muito concretos. (MAFRA, 2001, p.140)

As catedrais da fé são pontos de contato, por isso não existiu inicialmente a preocupação da liderança em construir templos próprios, pois servem para a contemplação e para colocar a fé em ação. São mais ainda motivos para revolta, uma vez que deveriam estar em todos os lugares, invadindo as cidades “Elas são marcos de uma concepção de consolidação, um símbolo da concretização da IURD e de seu princípio norteador, a fé em ação”. (GOMES, 2011.p.134-5)

Os objetos, tanto na experiência religiosa mais ampla [...] como também na Igreja Universal, são sinais detonadores de emoções e de estados místicos subjetivos e, como tal, provocam a reorganização de sentimentos e de significados naqueles, que têm uma percepção confusa ou pouco apurada do mundo que os rodeia. Os “pontos de contato” agem dialeticamente, pois permitem uma espiritualização do material e uma materialização do espiritual. São autênticos símbolos na medida em que servem de ponte entre duas realidades, uma visível e outra, não menos importante, invisível aos sentidos, captadas intuitivamente pela fé. [...] (CAMPOS, 1997, p.83)

Aqui podemos compreender que a liderança da IURD não tem a intenção de estar no centro das cidades ou no centro das grandes periferias, o objetivo é de que todos os bairros de todas as cidades – do mundo – tenham uma Igreja Universal, pois isso é a demonstração de uma fé que age, podemos compreender que o objetivo é que o caos – os demônios – sejam expulsos da vida das pessoas, e podemos compreender que para que isso ocorra deverá existir apenas uma verdadeira Igreja, pois como afirma Barros (1995) a Universal está localizada sempre muito próxima a outras denominações religiosas e mais freqüentemente suas catedrais se encontram a poucos metros de distância das onipotentes catedrais católicas. Silva (2007) relata histórias de templos iurdianos que foram estrategicamente colocados ao lado de centros

de umbanda e estes acabaram fechando suas portas graças aos ataques que passam a sofrer. Na cidade de Joinville, o templo central da IURD fica ao lado de uma loja que vende santos, imagens de pretos velhos, velas vermelhas e sempre em horário de culto podemos encontrar um obreiro a postos ali em frente disposto a “resgatar” alguma alma que por ventura entre ou sai da loja.

As catedrais da Igreja Universal acabam por exhibir o perfil de uma Igreja que tem poder, marcam a consolidação de seu processo constitucional, tem o sentido de permanência, pois mesmo perseguida e difamada cada dia mais se fixa no campo religioso. Os espaços físicos são pontos de contato com o sagrado não importando o local exato de onde estão instalados. A construção de catedrais significa um marco para solidez no campo religioso brasileiro, é a forma de legitimação da religião, os pontos de contato não são a fé, são os meios para se alcançar a fé. Construir templos é se consolidar espacial e temporalmente, além do primário objetivo de expansão

A associação com passagens bíblicas veicula a idéia de que o crescimento e a expansão da IURD – com a construção das catedrais – representam a concretização de uma “ordem divina”. Todo discurso está baseado na universalidade do cristianismo, religião apresentada pela IURD como autêntica representante, por levar a Palavra a todos os lugares, propagando sua mensagem. As catedrais são construídas “para a honra e glória do Senhor, não como uma obra de homens, mas de Deus. (GOMES, 2011,p.156)

Podemos compreender que as construções podem ser pontos de contato como afirma Gomes (2011) e que também podem ser compreendidas como locais sagrados onde o cosmos é mantido e ordenado, em ambos os casos não podemos nos esquecer de frisar que os objetivos dos empreendimentos só são alcançados com a permissão de Deus, e este possui um representante capaz de mediar o contato entre o céu e a terra, o local sagrado se torna um ponto de referência onde se pode fortalecer ou resgatar a fé por ser sagrado e não por ser um local, por isso os locais onde a IURD funda ou obtém seus templos pouco importa, o que realmente tem valor é o sagrado que é invocado e que conseqüentemente transforma o local em um espaço re-santificado. Segundo Berger (1985) o homem constrói o sagrado, esta é a sua construção de mundo, ele constrói a sacralidade e depois a coloca como se fosse algo exterior a si próprio.

3.6 A VERDADEIRA IGREJA DA FÉ

A Igreja Universal investe em templos, na formação de seus pastores e além do trabalho de divulgação de seu trabalho espiritual, o esforço empreendido pela liderança visa sua expansão e proliferação da “verdadeira fé”, mas como fazer com que as pessoas enxerguem a verdade? O mundo está repleto de mentiras que levam o homem ao caminho do engano, das mentiras e o desviam de Deus, o papel da Universal é ajudar o homem a trilhar o caminho de Deus como ensina a bíblia:

Há quase 4 décadas, a Universal expressa a sua fé e crença no **Deus vivo**. Com base na **Bíblia**, ela revela o poder que o Pai, o Filho e o Espírito Santo têm em transformar e salvar vidas.

Após a criação dos seres humanos, Deus-Pai foi o Primeiro a se manifestar ao homem, ensinando-lhe como seguir e obedecer às Suas doutrinas. Esses ensinamentos foram seguidos por Abraão, Isaque, Jacó e tantos outros heróis da fé. Infelizmente, o homem deixou que o pecado corrompesse suas atitudes. Assim, muitos se desviaram do caminho certo e passaram a seguir as trilhas do seu próprio coração. Mas Deus, na Sua infinita graça e manifestação de amor à humanidade, enviou Seu Único Filho para trazer a Lei e cumprir os Mandamentos Divinos.

O Senhor Jesus Cristo, o Deus-Filho, foi o Segundo a se manifestar ao homem. Quando veio ao mundo, Ele sofreu, foi crucificado, morto e sepultado, mas ao terceiro dia ressuscitou. Desta feita, garantiu a Salvação ao homem e a libertação deste de todos os sofrimentos.

O Deus-Espírito Santo foi o Terceiro a se manifestar para a humanidade. Sua revelação é feita no coração. Assim, pode convencer o homem de seus pecados, mostrando, por meio da consciência, que uma pessoa pode errar, mas se houver um sincero arrependimento, Deus a perdoará.

Desde o início, a Santíssima Trindade age com poder e sabedoria, e até os dias atuais revela a Sua vontade por intermédio da Bíblia, que foi escrita por homens divinamente inspirados, como mostra 2 Timóteo 3.16-17: ***"Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra."***

Mas o homem ou a mulher que tem a sua vida nas mãos de Deus só pode realizar a boa Obra quando se arrepende de seus pecados. E isso se dá por meio do batismo nas águas, realizado por imersão. Ali é sepultada a natureza humana, isto é, o pecado, e nasce uma nova pessoa, disposta a realizar a vontade de Deus na Terra.¹⁹

O mundo corrompeu os homens que acabaram se afastando do caminho reto, não se interessando pelos assuntos bíblicos e sim pelos assuntos mundanos e um fato curioso é que os programas televisivos da IURD sempre se iniciam como se fossem programas sobre a vida de celebridades e famosos, ou abordam assuntos de interesse cotidiano das pessoas como festas ou sobre notícias do momento, depois partem para histórias reais apresentadas em

¹⁹ Disponível em <http://www.universal.org/institucional/emquecemos.html>

formato de curtas metragens ou telenovelas, não existe uma chamada comercial avisando que se trata de um programa iurdiano. Os testemunhos podem ser considerados a “boa propaganda” da IURD, seja na televisão, durante os cultos até mesmo de pessoas conhecidas. Estes podem ser vistos por duas perspectivas, a primeira como meio de convencer as pessoas a irem conhecer uma igreja Universal com possibilidade de se tornar um fiel, e a segunda como forma de manter o fiéis na instituição, uma vez que muitos testemunhos são relatos de membros que conquistaram a vitória depois de anos dentro do templo ou que após abandonar a fé caíram em desgraça e só reconstruíram a vida ao voltar.

Em Joinville, antes do culto, em um telão disposto em frente ao altar, dois ou três testemunhos são apresentados antes de o culto se iniciar, somando-se a testemunhos que ocorrem no decorrer e ao final do culto. O pastor comunica aos fiéis que os depoimentos estarão disponíveis no site da igreja ²⁰ para aqueles que quiserem rever ou mostrar a alguém.

Eu servi aos encostos durante muitos anos. Minha vida era completamente destruída. Por não suportar mais tanto sofrimento, decidi abandonar as entidades. Como consequência, meu nome e de minha família entrou para uma lista de morte. Cinco tias e um tio meu adoeceram repentinamente e morreram. Eu seria a próxima da lista. Estava com uma hemorragia no útero que não estancava. Sabia que iria morrer.

Ao ver a minha situação, um rapaz me levou à Universal. Quando cheguei lá, decidi participar das reuniões e buscar a proteção de Deus. Fui curada e aquela maldição que estava sobre a minha família foi quebrada. Deus me protegeu e me fez feliz e realizada em todos os aspectos.

Ângela Maria Terturian de Lima, 60 anos²¹

Esse testemunho se parece bastante com outros encontrados na Folha Universal, geralmente as pessoas que servem aos encostos ao decidirem não o fazer mais sofrem as más consequências de tal ato, pois são perseguidas por esses espíritos demoníacos que não desejam que seus “servos” os deixem para ir a IURD, alguns contam que saem da casa dos encostos e vão a outras denominações religiosas como a Igreja Deus é Amor ou Internacional da Graça de Deus, lá não sofrem ataques do diabo, mas também não encontram uma libertação ou melhora de vida, entretanto se decidem ir a uma IURD passam a ser perseguidas pelos encostos e só conseguem se libertar com um exorcismo e com muita fé. Outro tipo de testemunho muito vinculado são os de pessoas famosas, nas últimas semanas a igreja tem divulgado amplamente o testemunho de fé e conversão dado pela nacionalmente conhecida “vice-miss bumbum” Andressa Urach:

²⁰ www.universal.org

²¹ Disponível em <http://www.universal.org/noticias/2014/08/22/marcada-para-morrer-30582.html> 22/08/2014 às 09:11.

Recentemente, a modelo e apresentadora Andressa Urach esteve à beira da morte e iniciou uma luta intensa para se recuperar de um procedimento cirúrgico malsucedido.

Aos 27 anos de idade, Andressa deu entrada no Hospital Nossa Senhora da Conceição, em Porto Alegre, no dia 29 de novembro do ano passado, após sentir dores nas pernas. Ao ser internada, em estado gravíssimo, foi identificado que se tratava de uma infecção causada por aplicações de hidrogel e polimetilmetacrilato (PMMA), usados para preenchimento corporal. Ela relatou um pouco dessa experiência nas mídias.

“Nunca esqueerei. Ficar cara a cara com a morte me fez entender que nada mais importava. Tudo pelo que lutei – minha beleza, minhas bolsas, minhas roupas, meu carro –, deixei tudo para trás. Foi o momento em que percebi que não era nada, que estamos neste mundo apenas para salvar nossas almas”, contou.

Ela também fez questão de relatar que durante sua permanência no hospital chegou a ver espíritos da morte rondando sua cama.

“Eu tenho vergonha do ser humano que eu fui”, analisa Andressa. “Meus pensamentos e minhas atitudes mudaram. Aquela Andressa morreu dia 30 de novembro e nasceu dia 3 de dezembro (de 2014).”

A apresentadora ainda conta que se importava muito com a vaidade e que havia se tornado uma pessoa fria por causa das experiências ruins pelas quais passou na vida. Ela acrescenta que até recorreu aos espíritos para conseguir fama e sucesso. “Fiz macumba para ficar famosa, fiz macumba para arrumar marido, fiz macumba para ficar rica, fiz macumba para todo tipo de coisa que se possa imaginar. Só que eu me arrependo, porque eu tive que dar dois passos para trás para dar um para a frente. Eu vi que na verdade eu estava quase vendendo a minha alma e a minha alma vale muito mais do que um bem material.”²²

O depoimento da apresentadora está disponível em vídeo no site da Igreja e possui mais de 20 minutos. Ela testemunha ao lado de sua mãe que é uma fiel da IURD desde que Andressa era criança. A modelo afirma que sempre julgou os féis da Universal e admitiu uma vida dedicada a fazer trabalhos de macumba. Diz que fez um acordo com uma Pomba-Gira com os termos de que a cada mil reais que conseguisse ofereceria uma garrafa de bebida à entidade. Ela alega que chegou a gastar mais de três mil reais por semana com a compra das bebidas, mas enfatiza que nunca teve uma vida feliz servindo aos encostos e sendo rica, a modelo afirma que sua vida mudou ao voltar a IURD e que achava um absurdo devolver o dízimo e fazer ofertas, mas não achava errado ofertar bebidas muito caras. Entretanto, de agora em diante, será fiel nos dízimos e ofertas. Neste depoimento podemos compreender mais facilmente que os fiéis neopentecostais não identificam as entidades da umbanda, do candomblé ou kardecismo como os evangélicos. Ao contrário, eles os vêem como responsáveis diretos por todos os males e sofrimentos. Um dos pilares doutrinários da IURD é o combate a essas religiões.

²² Disponível em <http://www.universal.org/noticias/2015/02/08/ficar-cara-a-cara-com-a-morte-me-fez-entender-que-nada-mais-importava-31988.html> 08/02/2015 às 00:05

Diante de tamanha ênfase na figura do Diabo como principio explicativo, causa do mal e até de comportamentos anti-sociais, cabe um parêntese para discutir, rapidamente, a questão da ética e da culpa nesse meio religioso. Embora as igrejas neopentecostais sejam quase tão moralistas quanto as que as precederam, nelas pouca coisa é dita sobre livre – arbítrio, escolha entre opções éticas distintas, pecado e responsabilidade do fiel frente à vida que leva e aos males que acometem. Se peca ou é acometido por problemas, ele é antes de tudo, vítima da tirania do Diabo. Dada sua inclinação pecaminosa, facilmente se deixa dominar pelo mal que o ronda, que o impele a agir. Tal vulnerabilidade decorre do fato de ele não estar totalmente sob o “temor de Deus”. Contudo, não é culpado disto, pelo menos não totalmente, nem tem do que se arrepender. Embora dotado de autoridade concedida a ele por Deus para amarrar, expulsar e repreender demônios em nome de Jesus, parece deter pouca capacidade de reação e autodeterminação, conquanto não seja um simples marionete nas mãos de Satã. Quanto mais próximo de Deus estiver, ou na “plenitude do Espírito”, mais força terá para permanecer liberto. Tal vulnerabilidade ao poder demoníaco já serviu até de justificativa para atos moral e criminalmente condenáveis. (MARIANO, 2005 p.140)

Ao responsabilizar o demônio por todos os problemas que acontecem na vida de seus fiéis a IURD dá pouco espaço para que estes se assumam como responsáveis e para que possam até mesmo agir pessoal ou coletivamente. Outra característica que podemos observar é a troca com Deus, uma vez que o verdadeiro fiel é aquele que ajuda financeiramente a Igreja, ressaltando que, segundo a crença iurdiana, aquele que não doa, que não faz oferta está ofertando ao diabo. O pastor deixa muito claro que aquele que não devolve os 10% para Deus de tudo que recebe acabara gastando 50% com algum problema de saúde, ou acidente ou mesmo perderá o dinheiro. Estamos falando aqui da Teologia da Prosperidade onde a resolução ritual de dinheiro caiu como uma luva para a demanda imediatista de fiéis, que são desejosos de todas as benesses divinas no aqui e agora – também sendo legitimadora da fortuna e forma de vida de muitos crentes universais assim como seus líderes. A antiga idéia de que seria “mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico adentrar aos céus” (Mateus 19:24) se perde neste contexto. O fiel ao fazer seu sacrifício financeiro deixa muito claro a Deus que deseja ser honrado, e exige receber as suas bênçãos prometidas

Mas por que muitos crentes não tomam posse das bênçãos que Deus colocou à sua disposição? Por que há sofrimento, miséria e enfermidade entre os cristãos? Indagações pertinentes, visto que os pentecostais concentram-se na base da pirâmide social. Prevenidos quanto às possíveis frustrações, estes pregadores alegam que a responsabilidade pelos males é do homem, do Diabo e das legiões de demônios. Isto é, as bênçãos não são alcançadas pela inabilidade do fiel em confessá-las, por sua falta de fé, pelo cometimento de pecados ou por sua escravidão a Satanás, e portanto, às maldades por ele enviadas. Ocorre também que muitos cristãos, doutrinados segundo a velha teologia, qualquer que seja ela, simplesmente ignoram que tenham direitos divinos a reclamar. (MARIANO, 2005. p.155-6)

A Teologia da Prosperidade (TP) promete a prosperidade material, poder sobre bens terrenos e a redenção da pobreza nesta vida. Por isso a pobreza só possui um significado, falta de fé e conseqüentemente não merecimento à salvação, pois segundo os defensores da TP Jesus veio ao mundo pregar ao pobres para que estes deixassem a pobreza, assim como ele pregava aos doentes para que estes fossem curados. A TP prega o prazer divino em ver o bem estar de seus filhos e servos física e financeiramente. Oro (2005) seguindo a linha de pensamento de Danièle Hervieu-Léger nos diz que a crença no diabo é uma maneira de exteriorizar o sentimento de impotência de viver em uma sociedade que alimenta midiaticamente uma utopia de acesso a bens de consumo como saúde eterna, bem estar e realização e segurança. O diabo seria entendido como uma força negativa na qual se pode agir com práticas apropriadas, mas que são postas em prática através de especialistas.

O Diabo e seu séquito de anjos decaídos são os responsáveis por atrapalhar a vida dos filhos de Deus, eles desejam se apossar de seus corpos, de suas mentes e ao fazer isso causam todas as espécies de infortúnios e sofrimentos como doenças, brigas nas famílias, vícios e pobreza. Como o crente faz para se ver livre das garras demoníacas? Isto será analisado no próximo capítulo.

Até então observamos que a crença em forças sobrenaturais é parte da história da humanidade, e esta crença de certa forma é o motivo que guia e dá sentido a vida. No antigo testamento não encontramos o maniqueísmo entre Deus e Demônio. Após o Iluminismo e a Reforma a imagem acerca do mal sofre algumas alterações, entretanto a figura do diabo não cai na inexistência, passa a ocupar espaços que antes não ocupava, passa a ser o responsável direto pelas mazelas que afligem a vida do homem moderno, as doenças, pobreza e infelicidade são causadas por este ser desejoso das virtudes humanas. A IURD anuncia ser a igreja da verdadeira fé, a detentora do direito divino de libertar os homens, algumas formas de libertação podem ser conquistadas através das ofertas, dízimos, com objetos consagrados, na unção que se recebe semanalmente na frente e roupas, outra forma que é a comunhão realizada duas vezes por mês – a Santa Ceia. Ocorre, no entanto, que muitos crentes só são verdadeiramente libertos quando o demônio, ou os demônios em alguns casos, são descobertos e expulsos através do exorcismo e a forma como este ocorre será tratado no próximo capítulo.

4. O RITO DE EXORCISMO

A IURD é uma Igreja nacional e mundialmente conhecida, e um dos motivos deste reconhecimento é a sua ênfase na luta contra o demônio e os ritos de exorcismos que podem ser acompanhados nos cultos realizados diariamente, no conforto de um sofá frente a um programa televisivo apresentado diariamente ou mesmo nos diversos vídeos disponíveis nos canais on line de comunicação da Igreja.

No capítulo anterior realizei uma breve pesquisa sobre o mal, como o diabo é visto no decorrer da história e a sua transfiguração no âmbito religioso, deixando de ser o deus dos povos vizinhos até se tornar o diabo causador de todos os males e prejuízos na vida do homem. O demônio passa a ser o responsável direto pelas mazelas que os homens são acometidos, cabendo apenas a ele a opção de se unir a IURD na luta pela busca das benesses divinas prometidas por Deus, afinal todos os homens são filhos de Deus e Ele é rico, por isso seus filhos são herdeiros desta riqueza e exigem o que lhes foi prometido, querem ser ricos assim como o pai. Entretanto a busca por essa riqueza de direito não é fácil, o homem precisa passar por cima do inimigo de Deus, o diabo e seu séquito de demônios – seres sem corpos que desejam possuir os corpos dos filhos de Deus e desviá-los do caminho.

Alguns sacrifícios são necessários para que o homem receba as benesses divinas, são eles acreditar, a fé é o combustível necessário para que Deus possa agir, as provas desta fé são dadas nas ofertas, no dízimo, na participação constante nos cultos. Contudo não basta ter apenas fé, é necessário estar livre de qualquer ação demoníaca, alguns crentes não encontram a melhoria de vida por estarem possuídos ou rodeados de espíritos demoníacos e para que sejam libertos destes o rito de exorcismo é necessário, e pode ser realizado apenas dentro do espaço sagrado, o templo, e mediante a presença de um homem consagrado, o pastor.

4.1. OBSERVAÇÕES DA IURD TV

Antes desta descrição é preciso considerar como os cultos são apresentados pela TV IURD. Existem câmeras localizadas ao fundo do templo mostrando todos os fiéis de costas, duas localizadas no altar, uma do lado esquerdo e outra do lado direito. Durante o culto as câmeras se alternam, apenas durante os ritos de exorcismo elas são mais focadas no possessor e no pastor. As imagens são de boa qualidade embora o som também.

Os cultos da Igreja Universal do Reino de Deus iniciam-se pontualmente na hora marcada, as luzes que estavam todas acesas são diminuídas, o pastor adentra ao palco fazendo

uma oração pedindo para que nesta noite todos sejam abençoados e que todo espírito de macumba, de feitiçaria, de inveja saia da vida das pessoas. Na seqüência com a ajuda de um músico, presente no canto direito do altar, inicia um cântico, solicita que todos fiquem em pé e coloquem a mão no coração, fechem os olhos e cantem bem alto, ele vai dizendo a letra da música para que todos possam cantá-la junto com ele. Durante cerca de dez minutos todos cantam e oram ao mesmo tempo, ao final o pastor pede para que todos peguem as cópias de seu RG ou de outros documentos e se dirija para o lado direito do templo formando uma fila para que possam passar pelo corredor de luz a fim de receber a oração de descarrego – o corredor central possui uma passagem composta por cordas que seguem a fila de bancos, esta corda está rodeada de pequenas lâmpadas dentro de uma mangueira transparente e algumas lâmpadas brancas estão sobre apoios dispostos a cada dois ou três metros do corredor para iluminar melhor o ambiente. O pastor lembra que todos levem seus pertences e não deixem nada sob os bancos, então todas as luzes são apagadas restando apenas às luzes do corredor acesas, a música aumenta e dois pastores se revezam nas orações que são proferidas aos gritos e com o som muito alto. No corredor de luz estão os obreiros e pastores, conforme os fiéis vão passando recebem orações e são tocados na cabeça. Pude observar que muitos outros fiéis também ficaram sentados e orando com as mãos sob o coração. Por cerca de quinze minutos as pessoas passaram e cinco manifestaram estar possuídas. O pastor diz que não só aqueles que foram a macumba sofrem a possessão, mas também aquele que sofre inveja e podendo até mesmo ser hereditário. No final das orações e da passagem pelo corredor uma mulher demonstra estar possuída e é levada ao altar.

Antes de fazer o exorcismo o pastor convida todos a participarem do culto de domingo onde haverá um estudo do apocalipse 21, pede para que os obreiros distribuam o convite para aqueles que desejam participar para só então começar a conversar com o demônio que está dominando a mulher. Este ao ser indagado intitula-se Exu-Caveira, afirma que recebeu oferenda em uma encruzilhada com pinga, charuto e sangue, trabalho este feito pelo marido da possuída em uma encruzilhada ao pé de um morro a meia noite. O pastor ordena que o espírito coloque a mão para frente escolhe dois homens no meio dos fiéis e diz para que tentem abrir as mãos da mulher, estes tentam de todas as formas e sem sucesso, diante deste fato o pastor afirma que muitos não acreditam, que acham que é encenação, mas estão ali vendo que dois homens fortes não conseguem abrir a mão de uma mulher muito pequena. O espírito é mais uma vez entrevistado, questionado se existe ali alguém que não acredita na sua existência, em resposta o Exu solta uma longa gargalhada dizendo que muitos não acreditam em sua existência, inclusive a possessa. Afirma possuir ao seu lado uma legião e muitos

companheiros como o Exu Tranca-rua, que tranca todos os caminhos dos homens. O pastor tira o microfone da mulher e pede para que todos compareçam no culto de domingo onde os nomes dos dizimistas que estão em um pote com óleo será completado com azeite ungido (este pote se encontra sobre uma mesa localizada no lado esquerdo do altar possuindo em seu interior muitos pedaços de papel e preenchido com óleo até a metade). Pergunta ao demônio o nome da mulher que ele está possuindo, ao que este responde o pastor pede ao seu auxiliar coloque o nome da mulher em um papel e mergulha o papel no azeite que será acrescentado ao pote com o nome dos dizimistas, neste momento o Exu dá alguns gritos – que são ensurdecedores graças ao volume do microfone –, a mulher vai ao chão neste exato momento aparentemente desmaiada, após alguns instantes ela lentamente se recompõe e levanta com o auxílio do pastor e um obreiro. Esta diz que estava se sentindo mal a alguns dias e que não estava se sentindo disposta para ir ao culto naquela noite mas foi mesmo assim. O pastor pede para que ela escreva no final do culto, com uma obreira designada por ele na hora, seu nome vinte e uma vezes em uma folha de papel, pois ele irá orar por ela por vinte e uma noites e diz que os pastores irão fazer um acompanhamento indo a casa dela e orando.

Em outra observação realizada alguns dias depois em uma sexta feira no culto destinado a Sessão Espiritual do Descarrego o pastor convida a frente do altar todas as pessoas que possuam problemas espirituais, que estejam doentes, que possuam doenças incuráveis, doenças que os médicos não conseguem diagnosticar, pede para que se dirijam ao altar ainda as pessoas que não conseguem dormir, que estão com constante dor de cabeça, e que tem certeza que sua vida espiritual não vai bem. Aproximadamente cem pessoas se posicionam frente ao altar – neste dia havia cerca de trezentas pessoas no culto. Então o pastor pede para que todos levantem as mãos e orem, depois que coloquem as mãos no coração, temos então cerca de quinze minutos de oração, onde o pastor reveza o microfone com outros dois auxiliares, nesta oração eles gritam a pleno pulmões para que todo espírito de maldição saia, que saia o espírito da AIDS, do câncer, da diabetes, o Exu Malandrino, o Exu Caveira, que seja queimada toda obra de feitiçaria, pede para que todos repitam alguns trechos de sua oração onde pedem para que seja queimada toda maldição hereditária, toda a macumba, todo o despacho feito em encruzilhadas de Joinville, todo trabalho feito e amarrado na boca do sapo.

Durante a oração muitas pessoas gritam, duas mulheres apresentam sinais de possessão demoníaca e gritam muito, percebendo isto o pastor pede para que as pessoas continuem com os olhos fechados e continuem orando forte. Então ele interrompe a oração e as duas possesas são encaminhadas ao altar, e pega uma delas pelos cabelos e pergunta o seu

nome e a resposta é “sou Lúcifer”. Depois da resposta o pastor convidou a todos a fazerem ali a sua oferta de sacrifício, pois isso significa fé, pede para que se dirija ao altar quem puder dar 100 ou 150 reais que realmente não poderiam dar. Então o demônio começa a gritar “não”, um rapaz se levanta e deposita no altar um valor e os dois demônios começam a gritar furiosamente, insultam verbalmente o pastor e os fiéis os chamando de “malditos”, “desgraçados” e afirmam que aqueles que não doam “nunca irão vencer!” Na seqüência o pastor passa a pedir os sacrifícios no cartão, e valores menores até as moedas e por final convida a todos que não possuem nada a irem até o altar e tocar o manto sagrado para que possam ter os caminhos financeiros abertos a fim de poder doar na próxima vez, neste momento um dos demônios diz que quando o pastor decidir enganar as pessoas ele mesmo irá se alojar em sua vida, que está só esperando o pastor se desviar do caminho do bem, ele solta uma larga risada e diz que isso nunca acontecerá pois ele é fiel ao Senhor Jesus.

Depois que todos voltam a seus lugares, o pastor pergunta se existe algum presente que vacilou no propósito da fogueira santa anterior, duas pessoas levantam as mãos e são convidadas a subir ao altar. Em seguida mais duas pessoas sobem e afirmam que desta vez seguirão o propósito da fogueira santa, que farão seu sacrifício, um dos homens que subiu ao altar afirma que uma das posses é sua esposa e que na campanha anterior até o envelope do sacrifício sumiu, então sua esposa/demônio grita que fez ela gastar tudo com o pecado, enquanto isso o outro demônio grita a plenos pulmões que não, que eles não conseguirão cumprir o propósito. Esses fiéis são então convidados a levantar as mãos e dizerem que vão seguir o propósito, “seremos fiéis” e os demônios gritam mais alto ainda, dizem que estão queimando, então o pastor chama todos a orar com as mãos estendidas em direção as mulheres e a dizer “sai em nome de Jesus”, o pastor toca a fronte das mulheres com o envelope do sacrifício e os demônios são exorcizados no exato momento do toque.

4.2. EXORCISMO COMO TEATRO

O rito de exorcismo pode ser compreendido como uma teatralização, Campos (1997) seguindo o pensamento de Roberto da Matta (1979:34) afirma que os ritos são momentos especiais de convivência social, e devem ser analisados no contexto mais amplo no qual são praticados. “Isso porque, a dramatização é um processo de visibilização de poderosas forças sociais que se fazem presentes também no teatro templo. Ali, as forças se cristalizam, enquanto promovem o drama, exteriorizando-se assim crenças e pressupostos até então invisíveis” (ROBERTO DA MARRA, 1979, p.34. Apud. CAMPOS. 1997.p.62).

Uma das maneiras utilizadas pelos gregos para se comunicar era a utilização do teatro, uma forma encontrada para apresentar uma realidade invisível aos olhos, para tanto a imaginação é um poderoso instrumento, e para ativa-lá a utilização das músicas, as ações praticadas pelos atores, os gestos e palavras faziam-se necessárias. O teatro acaba se tornando um espaço “obrigatório” para aqueles que desejavam ver os “dramas”, “tragédias”, “comédias”, e o espaço utilizado até para se discutir o sentido da vida, uma vez que durante os espetáculos os atores representavam personagens utilizando máscaras e assumindo características de outros seres, personificavam condutas imaginárias e isto causava até mesmo mudanças na vida das pessoas.

Teatro e religião são processos sociais em que as coisas intangíveis se revestem de tangibilidade, e às visíveis, se atribuem valores invisíveis. Ambos se alimentam da necessidade humana de encontrar, além do visível, uma razão que dê sentido às ações sociais e um objetivo pelo qual se possa viver e até morrer. A dramatização permite o abandono da passividade e a reafirmação de que é possível a cada um intervir na vida cotidiana, graças à ajuda de uma dimensão recém-descoberta, e que se tornou um eficiente instrumento para se moverem as dificuldades concretas da existência. (CAMPOS, 1997, p.65)

Podemos compreender o culto neopentecostal como uma dramatização, onde é necessária a presença de um coordenador do drama local, este é o pastor, o agente religioso que faz a ligação com o universo de valores propostos pela igreja. O seu papel é o de garantir a orientação relativa a todos os aspectos da dramatização, e também possui a função de não deixar que a representação se torne inconveniente por qualquer membro da equipe. O pastor está sempre preocupado com o sucesso da dramatização que por vezes exigem que os atores escondam da platéia tudo aquilo que possa contrariar as expectativas da apresentação, mas também trabalha para que os atores corrijam os erros antes da teatralização e que o produto final esteja perfeito para ser adquirido pelo público. Dentro dessa lógica, o sucesso é um fim que justifica quaisquer meios empregados para atingi-lo.

Nessas condições, cabe ao coordenador do espetáculo a distribuição de papéis, a representação de cada ator e a manutenção da fachada do espetáculo. Essa pessoa cuida também dos que podem apresentar um papel discrepante, das atividades do “farol” e da “claque”, pessoas que, na linguagem de teatro, são de confiança da direção e se inserem no meio da platéia para mudar os rumos ou estimular a eficiência da ação dramática. Espera-se ainda desse dirigente, o controle da situação, mesmo que se faça presente alguém capaz de complicar o esperado sucesso do espetáculo, na figura de um “colega desleal”, “renegado”, “vira casaca”, “traidor” ou, até mesmo, um estranho inconveniente. (CAMPOS, 1997, p.71)

Nos cultos da Igreja Universal os “espetáculos” são para serem assistidos, mas a participação dos presentes é fundamental, ou seja, todos são atores, há uma união de palavras, ações, músicas, gestos que constituem socialmente o sagrado. Existe nos cultos uma preparação do ambiente, o som durante os rituais de exorcismo são colocados no volume máximo dando assim mais dramaticidade a voz do pastor e mesmo do demônio incorporado. O templo possui sempre um tecladista reproduzindo uma música e cantando de acordo com o momento.

Às vezes na falta de um músico utiliza-se um aparelho de som ministrado por algum obreiro. O pastor está sempre gesticulando com as mãos, andando e às vezes correndo pelo altar, ele pula, se ajoelha e sempre está pedindo para que todos façam algum movimento como colocar a mão no coração, estender as mãos em direção ao altar, ou colocar a mão em alguma parte do corpo que esteja com problemas. E o mais comum é pisar no demônio batendo os pés fortemente no chão. As pessoas são convidadas a orar em voz alta. Por isso a música do templo se mistura às milhares de vozes, todos se sentem participantes do rito em si, todos estão lutando coletivamente por uma causa em comum a expulsão do mal de suas vidas, Mafra (2001,p.178) respaldando-se em Durhkein diz que

[...] o coletivo é o caso típico do sagrado: “enquanto pertence à sociedade, o indivíduo transcende a si mesmo, seja quando pensa ou quando age”. Para ele, o princípio criador é a participação conjunta em rituais sagrados, que servem para integrar todos os participantes numa unidade. Na multidão, há uma participação, mais do que cooperação, mais do que competição; nela o poder supera a fraqueza, as semelhanças sobrepujam as diferenças. No grupo, os homens ficam mais confiantes porque se sentem mais fortes; e realmente ficam mais fortes porque as forças que estavam adormecidas despertam na consciência.

Durante os ritos de exorcismo todos vêm perante si ação do demônio na vida das pessoas, este se manifesta e legitima sua existência ao conversar com o pastor. A necessidade de que ele seja segurado por mais de dois ou três obreiros demonstra que ele tem poder e força e apenas após ser amarrado pelo pastor em nome de Jesus ele não mais atacará freneticamente. O demônio ainda faz mais, ele legitima o poder do pastor ao afirmar que espera apenas uma brecha na integridade moral do mesmo para atacá-lo. O pastor deixa muito claro que o está imbuído da fé e do poder divino²³.

²³ Em um vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=P25dVbffAfQ> podemos observar 4 obreiros ajudando o pastor a segurar uma mulher e seu filho (uma criança) que comeram doces de São Cosme e Damião e estavam possessos.

Ao escolher pessoas aleatoriamente para testar o poder do diabo os fiéis sentem-se representados ali, pois poderiam ter sido escolhidos também, e por fim quando o possesso dá seu testemunho é mais que legitimado que a falta de fé ou o contato com outras religiões não são benéficas para os homens. Os testemunhos de parentes dos endemoniados durante a possessão atestam ainda a eficácia de ir ao templo. A Universal constrói eficazmente durante seus cultos a explicação para o mal – teodiceia – afirma que este advém de outras religiões. Entretanto as outras religiões de certa forma também possuem explicações para os males que afligem seus membros. Segundo Oliva (2007. p.92)

Se é possível interpretar as crenças e os ritos no Diabo e seus demônios na IURD como construtores de teodicéias, também me parece possível interpretá-los como desconstrução da explicação para o mal alheio. Usando termos da sociologia de Pierre Bourdieu, a IURD desconstrói o status das religiões concorrentes, afirmando o seu aspecto mágico. Através do rito de exorcismo, a igreja do Bispo Macedo não apenas constrói e mantém a sua teodicéia, mas também concorre com outras explicações em um vasto e competitivo mercado religioso [...] Isso acontece através de processo de demonização da religião do outro.

Os pastores explicam que a mudança começa quando as pessoas renovam suas mentes, pedem para que Deus retire da cabeça dos crentes a idéia de carma, de provação. Os pastores dizem que as mentes dos crentes precisam estar limpas e renovadas. O pastor durante um culto afirmou que é preciso se consultar apenas com Deus, “a pessoa vem a IURD e pede conselhos ao pastor e depois vai pedir conselhos fora da igreja, e por isso as pessoas a vão criticar, pois a IURD sempre será a mais criticada, porque Deus age aqui de uma forma única”. A Universal é a igreja legítima e por isso é frequentemente atacada pelas outras religiões, mas se coloca como aquela que não faz ataques. Ela apenas mostra aos seus membros a enganação que as outras denominações religiosas espalham por aí, e seu crescimento é o sinal de que é uma Igreja verdadeira e abençoada.

4.3. PROGRAMAÇÃO NACIONAL COM DRAMATIZAÇÃO LOCAL

A IURD possui um calendário semanal a ser seguido por todas as Igrejas. Entretanto a matriz disponibiliza apenas o enredo principal a ser obedecido ficando a cargo dos pastores locais darem a dramaticidade necessária, eles possuem liberdade para exercer sua criatividade e incorporar a liturgia elementos da religiosidade popular local.

Para a Igreja Universal, as pessoas devem ser atraídas com “iscas” apropriadas. Um povo “supersticioso, idólatra e ignorante, como o povo brasileiro” precisa receber iscas ao seu nível, porque, como diz o bispo, segundo Mario Justino (1995:74), “para cada peixe deve ser usada determinada isca” [...] (CAMPOS, 1997, p.83).

Como exemplo desta liberdade de criar dos pastores dependendo de sua localidade, ao assistir a TV IURD do Paraná²⁴ da cidade de Londrina observa-se que Depois de iniciado o culto com a oração o pastor pega uma bíblia e lê a seguinte passagem

“E, se eu expulso demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Por isso, eles mesmos serão os vossos juízes. Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós. Ou como pode alguém entrar na casa do valente e roubar-lhe os bens sem primeiro amarrá-lo? E, então, lhe saqueará a casa.”. (Mateus 12: 27-29.)

O pastor explica que o mal só entra na casa e na vida das pessoas se ele estiver solto, e que quando se expulsa demônios o céu desce sobre o liberto. Por isso diz que Jesus amarra os maus espíritos para que eles não fiquem soltos na vida das pessoas e que ele, o pastor, é instrumento dessa vontade divina. Após esse pequeno discurso o pastor “X” pede para que os mais necessitados espiritualmente se dirijam ao altar, mas enfatiza que tem de ser os que mais precisam primeiro para que o altar não fique muito cheio. Muitas pessoas se dirigem ao altar, onde vários obreiros e alguns pastores estão posicionados para fazer orações por elas.

O pastor pede para que as pessoas coloquem as mãos no coração e orem, e em sua oração pede para que o Senhor Jesus liberte as pessoas de todo o mal que as cercam, que todos os espíritos malignos saiam da vida dessas pessoas, que saia o espírito de enfermidade, o Exu da morte, que o espírito da Pomba-Gira que acaba com os casamentos saia, que seja amarrado o mal financeiro, o trabalho de vodu, que a casa que tinha, e a paz volte à casa novamente, e que esses espíritos sintam o fogo da cólera de Deus.

No decorrer da oração o pastor fala muito alto e as pessoas também, a igreja toda parece estar em um ‘transe’ muito grande. Todos rezam de olhos fechados com grande fervor. O pastor pede para que todos direcionem as suas mãos às pessoas ali na frente e digam “sai em nome de Jesus”, e assim todos dizem muitas vezes e em alto som “sai”. Muitas pessoas que se encontram no altar gritam, algumas dão risadas muito altas, os pastores e obreiros oram

²⁴ Disponível em <http://www.pr.maisperto.com.br/index.php/canais-de-tv/14-tv-iurd>

por elas com muito ardor. Esse ritual durou cerca de quinze minutos, e as pessoas que já receberam a oração vão voltando aos seus lugares.

Então três pastores e uma obreira levam para cima do altar segurando pelo braço e pelos cabelos uma senhora. O pastor se dirige ao demônio e pergunta qual o seu nome, no primeiro momento ele se recusa a revelar sua identidade, mas após um pequeno intervalo de tempo e de alguns puxões de cabelo ele diz em alto e bom som que se chama “Zé Pelintra”. Ao ser indagado sobre o que ele está fazendo na vida dessa mulher afirma que está lá pra destruir o casamento dela, acabar com a sua vida. Não contente com a resposta o pastor quer saber o que ele faz para acabar com a vida dela. A resposta é que ele a faz tomar remédios, (e isso tudo ocorre dentro de uma grande luta corporal entre o demônio os três pastores e a obreira), então o pastor larga o “Zé Pelintra” e pede para que levem a ele uma fronha e assim que uma chega a suas mãos solicita que as pessoas a usem todos os dias em seu travesseiro para que “Nada faça a sua cabeça”. O pastor tranquiliza aqueles que ainda não possuem uma que haverá uma oportunidade de pegar a sua no decorrer do culto. Após o recado ele se volta para a mulher ali possuída e diz a todos que antes de tudo vai amarrar aquele demônio, e pede para que as pessoas digam junto com ele “ta amarrado” o que todos fazem imediatamente em alto som.

Nesse momento o “Zé Pelintra” começa desesperadamente a tentar sair debaixo da palma da mão do pastor, então ele agarra a mulher pelos cabelos, outro pastor segura sua cabeça partindo da nuca (como se fosse lhe dar uma joelhada na face), e os outros seguram seus braços, e os fies nessa hora gritam “ta amarrado” efusivamente. O pastor virando para o demônio e pergunta quem o amarrou e não obtém resposta alguma. Entretanto quando indagado novamente fala em um sussurro que foi Jesus. Então o pastor X se volta para os fiéis que estavam em pé e em oração constante, e diz que primeiro se amarra o diabo e que depois o expulsa, e que a partir daquele momento ele expulsaria o espírito maligno da vida daquela mulher.

Assim ele começa a dizer que em “nome do Senhor Jesus sai” a igreja mais uma vez começa a dizer junto com ele, repetem a frase por algumas vezes até a libertação. O pastor pergunta para a mulher se ela está bem. Ela diz que sim com a voz fraca já que o demônio tinha uma voz muito mais grossa e forte. Depois que a mulher, já liberta, retorna a seu lugar o pastor alerta a todos os fies que quanto maior o nível de instrução e conhecimento da pessoa mais suscetível ela está para a entrada do mal. O pastor diz que universitários se preocupam demais com o conhecimento, com os estudos das coisas e esquecem do lado espiritual, que o diabo está solto em suas vidas e que é necessário amarrá-lo.

O pastor relata que na tarde deste mesmo dia recebeu uma moça saída da universidade que terminou com um namorado e nunca mais conseguiu nenhum companheiro e então descobriu que o seu ex havia lhe feito um trabalho na macumba, após receber uma oração foi libertada. O pastor pede para que as pessoas se levantem e direcionem uma mão para sua própria casa e coloque a outra no coração, e a seguir faz uma oração pedindo para que todo o mal que se encontra na casa dessa pessoa, que toda a angústia, todos os problemas financeiros e amorosos sejam amarrados em nome de Jesus.

Podemos observar que na cidade de Londrina os Exus não são os mesmos que os da cidade de Joinville, na primeira cidade encontramos o Exu Caveirinha, o Zé Pelintra, o Exu da Morte que nunca foram mencionados nas pesquisas realizadas em Santa Catarina. Outra característica a ser observada é que Londrina é conhecida por ser uma cidade universitária, pois possui mais de oito grandes campus, enquanto Joinville é mais conhecida como pólo industrial o que não deixa de ser um campo a ser trabalhado na IURD local.

Em um programa da IURD às 02:05 da manhã, um pastor afirmou que é comum encontrar pessoas que dizem possuir uma loja cujo lucro é 50 mil reais mensais. Também é comum pessoas ganharem um salário de 10 mil reais, mas para impressionar tem que se ter muito mais, faz um questionamento a cerca do “deus” dessas pessoas que são ricas na cidade. O pastor diz que não citará religiões para não dizerem que ele está falando mal destas, mas questiona enfaticamente se sabemos a que “deus” as pessoas servem. Afirma que fazendo ali no altar uma oferta de sacrifício assim como Salomão fez as riquezas serão enormes, poderá então a todos mostrar que o seu Deus é um Deus de bênçãos. Não importa em qual localização a IURD esteja ela sempre entrará em embates com as religiões locais descaracterizando-as e afirmando perante os fiéis ser ela a verdadeira depositária do poder de Deus na terra.

Antes, porém de serem expulsos, os demônios são interrogados; são obrigados a se identificar e revelar o mal que estão provocando – entre as características de Exu, sobressaem, nesta representação do diabo ‘universal’ as atitudes vingativas da entidade. É através deste interrogatório que os dirigentes da IURD, por um lado conferem legitimidade – ou pelo menos reconhecem sua existência – ao panteão afro-brasileiro – haja vista, que geralmente os ‘demônios’ se identificam como Exus e Pomba-giras, ou ainda, como caboclos e preto-velhos –; e por outro, possibilitam aos fiéis compreenderem e superarem seus conflitos na medida em que o próprio demônio confessa sua culpa (responsabilidade pelos malefícios) – e neste aspecto, a IURD aproxima-se da Quimbanda, onde Exu é visto, por seus adeptos, como o único capaz de resolver os conflitos sociais (Trindade, 1979); na Universal, o Exu (‘diabo’) é ao mesmo tempo “causa” dos conflitos, e fator de resolução” dos mesmos. (BARROS,2011,p.13)

Os exorcismos são feitos preferencialmente dentro dos templos, já que ali encontramos as estruturas necessárias para a encenação do ritual, o local fechado permite um controle maior da dramatização, proporciona um maior contato nos fiéis possibilitando a criação de uma crença generalizada e motivação coletiva, em resumo, nos templos o cenário está montado unindo elementos mais que necessários para a dramatização sem a necessidade de adaptações.

O pastor-ator, por meio de suas palavras e gestos, procura integrar todos os presentes no processo de exteriorização-interiorização coletiva da fé. Como tal ele é um personagem limítrofe, que se desloca entre as fronteiras do sagrado-profano e detém, por isso mesmo, as técnicas de bem conduzir a todos nesse processo de êxtase. Nas várias culturas, é normal o respeito pelos mágicos, sacerdotes, videntes, profetas, feiticeiros, que, por terem se colocado nos limites de universos de significado, se tornam admirados, atribuindo-se a eles privilégios, que normalmente não se reconhecem nas demais pessoas.

Com essa liberdade, o pastor-ator cria, a partir de um cenário apropriado, um ambiente “mágico” no qual os membros do grupo são convencidos de que seus desejos e vontades poderão se tornar realidade, graças à intervenção de forças visíveis apenas, através de quem pode enxergar com os “olhos” da fé. Para que a persuasão aconteça, [...] é fundamental a manutenção da homogeneidade grupal, porque é através dela que a força grupal atua sobre cada indivíduo, inibindo eventuais raciocínios independentes e críticos. (CAMPOS. 1997. p. 94)

O rito de exorcismo se caracteriza como uma teatralização que exige a participação de um coordenador, de atores coadjuvantes e de um ator principal, ou seja, o demônio. Diferentemente dos exorcismos praticados pelas igrejas católica e pentecostais, onde não havia a necessidade de conhecer o espírito e dialogar com ele, o exorcismo na IURD conta com a presença do demônio por tempo indeterminado durante os cultos. Após se manifestar o demônio pode passar minutos ou mesmo horas relegado a um canto onde se mantém com as mãos para trás, bufando, por vezes soltando gritos. Algumas vezes quatro ou cinco demônios estão presentes em uma pessoa. Quando o pastor termina o exorcismo ao pedir para a pessoa repetir uma oração de libertação e compromisso logo, um outro demônio se manifesta. Oliva (2007) aponta que o diabo pode agir de três maneiras sendo por aparições, tentações e possessões, mas só consegue interferir na vida do possesso por meio dos sentidos. A tradição católica afirma a possibilidade de possessão através da utilização dos sentidos, mais precisamente através da fantasia “A possessão diabólica se caracteriza pela paralisação da vontade e divisão da consciência sob o julgo da fantasia, ou seja, do demônio” (CAMPOS, 1997, p.108), o possesso não tem controle dos seus atos e palavras, mesmo que consciente.

O diabo depende exclusivamente do contexto social em que está incluído para se manifestar, como cultura, costumes e crenças locais e para que a possessão se manifeste são necessárias algumas condições e atitudes gerais, sendo 1) crença em um poder sobrenatural;

2) crer no poder de influência desses seres; 3) é necessário a existência de um apoio social mesmo que em um pequeno grupo; 4) existência de um clima de instabilidade social, exemplo uma crise econômica ou contato “intercultural” que leve o grupo a procurar uma “restauração do equilíbrio renovando o seu contato com o mundo sobrenatural” (Ibid.p.109). “Nesta igreja, a possessão demoníaca tem como referência o cotidiano das pessoas; ou seja, as aflições materiais, psicológicas, afetivas e financeiras que interferem e se originam no dia a dia”. (BARROS, 2011, p.11) segundo Campos (1997, p.344)

O exorcismo, ao ser identificado como um processo de libertação das várias fontes de opressão, que colocam em perigo a vida humana, é um tipo de dramatização, que tende a alcançar enorme sucesso em tempos de medo difuso e anônimo. A existência numa sociedade de medo, desemprego, doenças, fome e morte abrem caminho para religiões de salvação e aumentam as possibilidades de sucesso a qualquer organização religiosa, que inclua em sua pregação, a libertação das pessoas desses problemas.

Ao lermos o livro do Bispo Macedo (2005) podemos observar que sua visão é a de que o demônio se aloja em partes do corpo dos homens, este deixa o crente “apagado” enquanto age maleficamente em sua vida. De forma alguma o diabo ocupa o lugar da alma do homem, por isso saber o nome deste espírito que causa infortúnios confere ao pastor poder sobre ele em nome de Jesus para que ele se retire do possesso. Podem ocorrer alguns exorcismos durante semanas na mesma pessoa antes que ela seja totalmente liberta. O exorcismo pode ser compreendido como um rito de passagem dentro da IURD, onde o fiel adere à nova expressão religiosa, mas também pode ser compreendido como libertação e possibilidade de uma nova vida, uma vez que após o rito o fiel não estará mais sujeito a ser possuído pelos demônios. Caso não alcance todas as bênçãos prometidas por Deus aos seus filhos isso se dará por sua falta de fé e comprometimento com a Igreja. Cabe apenas ao fiel incrédulo a culpa por não ser abençoado.

Ao analisar o rito de exorcismo como teatro, o objetivo não foi, em momento algum, o de afirmar que a IURD faz teatro para atrair fiéis. Muito pelo contrário, Leonildo Campos (1997), no seu trabalho de pesquisa, nos diz que o teatro é uma forma de tornar visível aos olhos o invisível, técnica esta muito utilizada pelos gregos. O diabo é um ser invisível por isso se faz visível através de um corpo que toma posse, a imaginação é um instrumento muito poderoso, e para ativá-la é necessário que exista um ambiente propício com som, música, atores, palavras e gestos. O teatro é o espaço onde se pode discutir dramas e mesmo o sentido

da vida. Podemos afirmar que as igrejas neopentecostais usam a dramatização como uma forma de melhor compreender o culto religioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O neopentecostalismo cresceu vertiginosamente nas últimas três décadas, para esta pesquisa a escolha se deu pela Igreja Universal do Reino de Deus pela sua grande representatividade no meio nacional, através das mais diversas mídias. No primeiro capítulo desta dissertação foram apresentadas as fontes utilizadas para o trabalho de pesquisa; inicialmente a leitura de trabalhos de pesquisadores do campo religioso que passaram muito tempo dentro dos templos universais e que fizeram ótimos trabalhos junto a pastores e fiéis. Em um segundo momento foi necessário um trabalho de observação, que consistiu em ver vídeos e assistir cultos ao vivo pela TV IURD uma vez que observadores não são mais aceitos dentro dos templos religiosos da IURD. -A partir dos cultos ao vivo e materiais de domínio público, como vídeos disponibilizados nos canais da Igreja na Internet, assim como jornais e também biografias e entrevistas do Bispo Edir Macedo o trabalho de pesquisa foi realizado.

A religião é a forma pela qual as pessoas moldam suas vidas, no decorrer do primeiro capítulo com o auxílio de Berger (1985) e Geertz (2013) podemos compreender que o homem no decorrer da história sempre buscou explicações sobrenaturais para acontecimentos que estavam além de sua compreensão. Fato este que não deveria ser retirado da compreensão da vida em sociedade. A religião molda comportamentos e dá sentido de vida para as pessoas, ajuda a construir relações sociais e manter a ordem.

O patrimônio não pode ser entendido como aquele feito de pedra e cal e que está sempre visível a fim de lembrar todos a sua volta de sua existência. Esta pesquisa está voltada ao patrimônio imaterial, aquele que apesar de não ser enxergado é importante para o agir, ele proporciona valores e símbolos intangíveis que garantem a perpetuação da existência humana em um mundo. A religião afasta o homem do desordenamento, na medida em que explica e ampara e dá uma identidade. O homem enxerga o sagrado como uma força que o transcende e que é necessária para a sua sobrevivência, entretanto o sagrado também faz parte dele. No Brasil contemporâneo as pessoas não se declaram apenas pretas, brancas ou pardas, elas também assumem a sua religiosidade seja católico, umbandista, pentecostal ou neopentecostal. Como exemplo, podemos encontrar nos dois últimos censos realizados pelo IBGE, que diferentemente de décadas anteriores, acrescentou em seu questionário o nome das

denominações religiosas ao invés de apenas perguntar a população se ela se declarava catóca, evangélica ou sem religião.

Exemplo:

CENSO IBGE			
Religião	Ano		%
	2000	2010	
Católica Apostólica Romana	124.980.132,00	123.280.172,00	-1,36%
Assembléia de Deus (1910) - 103 anos	8.418.140,00	12.314.410,00	46,28%
Igreja Congregação Cristã do Brasil (1910)	2.489.113,00	2.289.634,00	-8,01%
Evangelho Quadrangular (1948) - 65 anos	1.318.805,00	1.808.389,00	37,12%
O Brasil para Cristo (1955) - 58 anos	175.618,00	196.665,00	11,98%
Igreja Deus é amor (1962) - 51 anos	774.830,00	845.383,00	9,11%
Igreja Casa da benção (1964) - 53 anos	128.676,00	125.550,00	-2,43%
I.U.R.D (1977) - 36 anos	2.101.887,00	1.873.243,00	-10,88%
Sem religião	12.492.403,00	14.595.979,00	16,84%
Outras denominações pentecostais	1.840.581,00	5.267.029,00	186,16%

Podemos, a partir deste fato, observar que a religião passou a ser compreendida como parte da identidade de um povo, e não há como negar a existência de grupos sociais e religiosos diversos e analisar este fato nos ajuda a melhor compreender a sociedade. A IURD dentro deste quadro é a denominação que mais chama atenção, pois em trinta e dois anos de existência possui um grande número de membros se comparada a Igrejas centenárias no campo religioso nacional.

A religião dá sentido à vida das pessoas, ela é responsável por explicar questões que não podem ser encontradas racionalmente no cotidiano, portanto alguns problemas podem ser relegados a esfera demoníaca. A Igreja Universal tem um grande foco na figura do diabo, mas é preciso deixar muito claro que, a figura de Deus está sempre presente nos cultos, mesmo que não seja expressada verbalmente todo o tempo, entende-se que para lutar contra o diabo é necessário estar do lado do bem, do lado de Deus. Portanto pode-se falar mais do diabo, mas isso não significa que ele é a figura central dentro da Igreja, uma vez que o próprio templo religioso é encarado como a morada do Pai e a frase que está em todos os altares universais dizem “Só o Senhor é Deus”, deixando claro qual a figura central.

No segundo capítulo do trabalho podemos compreender a diferença entre o pentecostalismo e o neopentecostalismo, deixando claro que este último apresenta como característica marcante a exacerbada luta contra o diabo e seu séquito de anjos caídos, cujo objetivo é afastar o homem de Deus e conseqüentemente do bom caminho. É importante observar que quando o homem é desviado de seu caminho ele não recebe nada de bom, fica relegado a uma vida de dor e sofrimento. No neopentecostalismo atribui-se esse sofrimento as

religiões de mátriaz africana, como exemplo o candomblé e a umbanda, embora não haja uma definição exata destas religiões, uma vez que definir significa dar forma e ao se fazer isso consegue-se combater efetivamente o inimigo.

No caso da IURD este inimigo não é totalmente definido, ele passa por constantes metamorfoses, isto depende apenas do contexto em que é apresentado. No geral os demônios se apresentam como exus ou pomba-giras, mas não é difícil encontrar relatos de que o demônio também advem de igrejas evangélicas rivais, ou mesmo que o diabo é tão poderoso que as outras igrejas simplesmente não têm o poder necessário para livrar as pessoas dele. O livro do Bispo Edir Macedo *Orixás, cablocos & guias*, se torna famoso por ajudar o crente a identificar as formas pelas quais pode ser atingido pelo mal ou aprende a identificar os sinais de uma possível possessão demoníaca.

É importante salientar que a IURD possui um domínio público muito grande, apesar de o censo de 2010 apresentar um decréscimo de 10,88% isso não pode ser enxergado como diminuição dos fiéis, é preciso compreender que as pessoas podem omitir sua religião frente à pesquisa, seja por vergonha ou mesmo por estar em fase de transição religiosa. As pessoas não chegam aos templos universais apenas por estarem doentes, por serem pobres ou marginalizados. Muitos frequentadores são pessoas letradas, muitas com ensino superior e com um bom padrão de vida. Não se deve relegar a IURD o papel da Igreja de pobres e oprimidos, talvez seja a hora de enxergá-la como um meio de socialização e de pertença religiosa antes de qualquer coisa.

O diabo na IURD é o causador de males e sofrimentos, é uma parte do todo, entretanto uma parte importante. Durante a semana existem os mais diversos temas para cultos, entretanto dois dias são voltados especialmente para luta contra este ser sem corpo e sem definição. O demônio se apossa do corpo das pessoas pelos mais diversos motivos, por oportunidade, por indicação, por inveja, por hereditariedade, ou seja, de certa forma, para ser assediado basta existir. O que a Igreja Universal faz é ensinar aos seus crentes uma forma de se livrar do mal, caso ele já esteja alojado no corpo, e depois ajuda a manter a blindagem contra possíveis futuros ataques. Deixando sempre claro que é possível que uma pessoa tenha mais de um demônio dentro de si, o que não impossibilita que essa passe por alguns ritos de exorcismo antes de ser totalmente liberta.

No terceiro capítulo desta dissertação realizei uma breve pesquisa sobre a presença do diabo no Novo e no Velho testamento, podemos compreender que no AT não há uma distinção clara entre deuses e demônios. Isso acontece mais claramente no NT, por isso ele é amplamente utilizado no neopentecostalismo. Na IURD o foco está no Novo Testamento cuja

mensagem, segundo o Bispo Edir Macedo, é a salvação. Salvação contra o poder do diabo, pois os textos bíblicos deixam claro que os homens estão presos nas mais diversas armadilhas influenciadas pelo poder do diabo ou do demônio.

O diabo não possui corpo, não é definido, mas sabe-se que ele existe. Como provar este fato invisível aos olhos dos crentes? A IURD abre algumas possibilidades para responder a esta pergunta, temos a pobreza, a morte, a infelicidade. Quando o crente está passando por muitas dificuldades ele está sob influência do diabo.

Ao analisar o rito de exorcismo como teatro, o objetivo não foi, em momento algum, o de afirmar que a IURD faz teatro para atrair fiéis. Muito pelo contrário, Leonildo Campos (1997), no seu trabalho de pesquisa, nos diz que o teatro é uma forma de tornar visível aos olhos o invisível, técnica esta muito utilizada pelos gregos. O diabo é um ser invisível por isso se faz visível através de um corpo que toma posse, a imaginação é um instrumento muito poderoso, e para ativá-la é necessário que exista um ambiente propício com som, música, atores, palavras e gestos. O teatro é o espaço onde se pode discutir dramas e mesmo o sentido da vida. Podemos afirmar que as igrejas neopentecostais usam a dramatização como uma forma de melhor compreender o culto religioso.

Segundo o pensamento iurdiano, por inveja de não poder estar no paraíso, o diabo se volta contra Deus atacando o seu bem mais precioso, os homens. Ao realizar o rito de exorcismo o demônio fica exposto frente a todos e perante a um enviado de Deus, o pastor. Estar na Igreja Universal é se posicionar ao lado correto do embate entre as forças do bem e do mal. E como exemplo de eficácia muitas pessoas dão seus testemunhos de vitórias, geralmente no final dos cultos.

O ataque religioso da Igreja Universal do Reino de Deus a outros segmentos religiosos é encarado como uma forma de crescimento, de legitimação no campo. O próprio Bispo Macedo teve passagem por algumas religiões possuindo algum conhecimento acerca das religiões que ataca, mesmo que muito superficialmente. Entretanto, o Bispo não foi o criador de um preconceito, ele apenas reproduz o já existente, de uma forma mais elaborada.

A universal se adapta a um novo modelo social, onde o mais importante é o ter, o aqui e o agora são muito importantes e são um sinal de salvação, ou seja, ter saúde, felicidade e dinheiro. A velha lógica de felicidade no mundo pós-morte é negada, se Deus Pai é rico, os seus filhos são herdeiros por direito e merecem receber a sua parte no mundo em que vivem. A prosperidade é o sinal de que o mundo além-vida será ao lado do Pai com toda certeza. Para se alcançar essas bênçãos o homem necessita apenas entregar-se verdadeiramente a Deus, cabendo apenas a IURD ser a mediadora.

A Igreja ajuda seus fiéis das mais diversas formas, nos cultos destinados ao emprego, por exemplo, os membros são convidados a levar seus currículos para serem ungidos às sete horas da manhã e às oito horas. Feito isso, eles são incentivados a saírem em busca de um emprego. Apesar das constantes solicitações de dinheiro, muitos membros doam e ofertam quando podem, pois sabem que o dinheiro lhes fará falta, mas continuam participando da Igreja talvez pelo forte sentimento de pertença. A comunhão e a fé podem ser incompreensíveis para aqueles que desconhecem a Igreja e não partilham da mesma crença. Esta fé não pode ser mensurada, e que nunca foi o objetivo deste trabalho, mas, é preciso compreender que o Bispo Macedo realmente acredita na ação dos demônios identificados como advindos das religiões afro-brasileiras, e seus pastores acreditam tanto quanto ele, pois estes são homens com histórias de vidas cheias de pesares e sofrimentos. Além de muitos afirmarem serem ex-usuários de drogas.

Nos cultos disponíveis da IURD não encontramos em nenhum momento um trabalho de conscientização e no senso crítico de seus fiéis, ela apenas aponta um culpado, o diabo, o que pode até mesmo acarretar em desvios de caráter, um homem ao bater ou trair sua esposa ao afirmar que cometeu tais atos por estar possesso retira de si a culpa pelo seu ato. A antropóloga Diana Lima em uma pesquisa com homens fiéis da IURD na periferia do RJ aponta que a IURD não necessita fazer esta conscientização uma vez que ela tem um caráter pedagógico, mesmo que este não seja evidente.

É aquela coisa: a minha mãe sempre trabalhou em casa de família. Às vezes é que ela vinha em casa. Meu pai, desde pequeno, meu pai nunca tava. Tá sempre no álcool, até hoje. Tava sempre aquela briga em casa. Aí não teve ninguém pra dar uma criação para a gente... Resultado da questão... é o que todo mundo fala, tá entendendo?, a gente andou tudo solto no morro... Eu, todo tempo no tráfico. Eu admirava muito o Ceará. Olhava ele saindo do morro de manhã arrumado, e queria ter coragem pra sair, pra largar o tráfico. Mas eu não tava preparado. Esse trabalho que a gente faz com os jovens é muito importante, a senhora não tem ideia. É aquilo, se a gente quer que as coisas mudem, não pode ficar parado. Eu faço esse trabalho agora que é a minha vez de dar uma oportunidade... um jovem... de sair dessa vida, entende? O Ceará... então agora é a minha vez. Muitas vezes a gente vê famílias sofrendo, tudo destruído, a mãe que não fala com filho, e não sabe por onde começar. A gente leva uma luz. A gente convida, a pessoa vem e vê que não precisa ser daquele jeito. Aí vem mãe, vem pai, vem irmão, até vir o irmão mesmo que tá na droga (Netinho, 19 anos, solteiro). (LIMA, 2010, p.354-55)

A igreja ajuda a moldar o caráter das pessoas, auxilia na conscientização daqueles que tem o desejo de mudar, mesmo que os pastores não digam diretamente. Entretanto não há como mensurar como cada individuo internaliza a religião e como a assimila, lembrando que existem diferenças de Igreja para Igreja, uma vez que estão dispostas em bairros que possuem realidades diferentes, mas é importante salientar que de fato ocorrem mudanças sociais profundas em comunidades pobres onde as Igrejas se instalam, cabe apenas ao pesquisador compreender este caráter tão subjetivo.

E por final, a deslegitimação dos saberes técnicos e científicos pela Igreja, que relega a medicina a um papel secundário, um viciado é visto como um endemoniado e não como um dependente químico – e doente – que necessita de um tratamento. Os casos de cura de dependentes químicos podem ser de grande ajuda para aqueles que desejam sair do vício, mas a ajuda não pode ser relegada apenas ao universo religioso uma vez que a demoninação apresenta apenas os casos de sucesso, mas os registros de insucesso são inexistentes, o que não significa que não existam. Entretanto seria falho afirmar que a Igreja não auxilia na cura desses doentes químicos, ou mesmo na profilaxia. Carla Mafra em *Religiões e Cidades* (2009) como exemplo, nos apresentou o relato da diarista Paula (capítulo 1.4 dessa dissertação) que demonstra que a Igreja serviu como meio de afastar seus filhos da criminalidade e do mundo das drogas tão presentes na periferia onde viviam.

O fiel ao não alcançar as bênçãos e a prosperidade pode ser atingido pelo sentimento de inferioridade ou mesmo alienação, uma vez que a Igreja não abre espaço para o insucesso. Por isso acredito que a Igreja Universal do Reino de Deus deveria possuir um trabalho paralelo ao lado da ciência, algumas doenças realmente não possuem cura e a religião é uma forma de alento, mas não pode ser uma segunda e verdadeira opinião. Com a força que possui a religião poderia ajudar a formar cidadãos mais críticos e pensantes, tolerância precisa ser trabalhada, seja esta religiosa, social e sexual. A Igreja está na sociedade e precisa integrar a todos independentemente de seu credo. Como formadora de opinião, a Igreja Universal possui uma grande responsabilidade e não deve nunca se eximir desta.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BARROS, Mônica do Nascimento. “**A batalha do armagedom**”. Uma análise do repertório mágico-religioso proposto pela Igreja Universal do Reino de Deus. Dissertação de mestrado apresentado a UFMG; Belo Horizonte 1995.

BARROS, Mônica do Nascimento. “A batalha do armagedom”: embates rituais entre a Igreja Universal do Reino de Deus e os cultos afro-brasileiros. **7º congresso ibérico de estudos africanos**. PPGS/UFMG, 2010. Disponível em:
https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/2414/1/CIEA7_23_BARROS_A%20Batalha%20do%20Armagedom.pdf

BERGER, Peter Ludwing. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião; tradução José Carlos Bacellos. São Paulo: Paulus, 1985.

BORDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas, OS: Papirus, 2011.

BRONSZTEIN, Karla R. M. P.P; COVALESKI, Rogério Luiz. Religiousbrandedcontent: entretenimento, mídia e marca nas ações publicitárias da Igreja Universal do Reino de Deus. **REVER**. Ano 12 n.2 Jul/dez.2012

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Pentecostalismo e Protestantismo histórico no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. **Dossiê**: Pentecostalismo no Brasil. Horizonte, Belo Horizonte, v.9, n.22, jul./set.2011

CAMPOS, Leonildo Silveira. A identidade protestante tradicional: os desafios da secularização e do crescimento do pentecostalismo brasileiro. **In: Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas**. Org. Zwiglio Mota Dias, Rodrigo Portella e Elisa Rodrigues. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. (Orgs). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade citiada. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FLICK, Uwe. **Uma introdução a pesquisa qualitativa**; trad. Sandra Netz. 2.ed. – Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRESTON, Paul. **Protestantismo e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment. Campinas, Tese doutorado em sociologia, IFCH-Unicamp, 1993.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GARBERS, Jörg. **Magia, demônio e satanás no contexto da fé no antigo testamento**: reflexões em vista da realidade “mágica” brasileira. Simpósio de Teologia da Faculdade Luterana de Teologia, FLT, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GOMES, Edlaine de Campos. **A era das catedrais**: a autenticidade em exibição. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Patrimônio, natureza e cultura: o patrimônio como categoria de pensamento. IN: ABREU, Regina; CHAGAS Mário (orgs). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009

HAACKER, Klaus. **Enfermidade, oração e Cura**. Texto traduzido do alemão por Klaus Andreas Stange, de uma palestra proferida pelo autor na Assembleia Geral de Oração das pastoras e pastores de Elbingerode/Alemanha, em 19 de outubro de 2004.

LE GOOF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. 7.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LIMA, Daiana. Alguns fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. **Mana**. 16(2): 351-373, 2010. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132010000200005&script=sci_abstract&tlng=pt

LINK, Luter. **O diabo**: a máscara sem rosto. Tradução de Laura Teixeira Motta. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MACEDO, Bispo. **Orixás, cablocos e guidas**: deuses ou demônios? 15ª edição – 12ª tiragem. Rio de Janeiro: Unipro, 2005.

MAFRA, Clara. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2001.

MAFRA, Clara; ALMEIDA, Ronaldo (orgs) **Religiões e cidades**: Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo:Editora Terceiro Nome, 2009.

MAFRA, Clara. A “arma da cultura” e os “universalismos parciais”. **Mana** 17 (3): 607-627, 2011.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 2005.

MARIANO, Ricardo. Pentecostais em ação: a demonização dos cultos afro-braileiros. **In**: SILVA, Vagner Gonçalves. **Intolerância Religiosa**: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro SP: Edusp. 2007. p.119-47.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos; tradução Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

OLIVA, Alfredo dos Santos. **A história do diabo no Brasil**. São Paulo: Fonte, 2007.

OLIVA, Margarida. **O diabo no “Reino de Deus”**: por que proliferam as seitas? São Paulo: Musa Editora, 1997.

OLIVEIRA, Lívio L. Soares; NETTO, Giácomo Balbinotto. A teoria do mercado religioso: evidências empíricas na literatura. **Rever**. Ano 14. Nº 01. Jan/Jun 2014.

ORO, Ari Pedro. A demonologia da Igreja Universal do Reino de Deus. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 6, n.7, p.135-146 jan/jun. 2005.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Apêndice: as religiões o Brasil. **In**: GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PROENÇA, Wander de Lara. **Sindicado de mágicos**: uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1997-2007). São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

SANTOS, Elder Cerueira; KOLLER, Sílvia Helena; PEREIRA, Maria Teresa Lisboa Nore. Religião, saúde e cura: um estudo entre Neopentecostais. **Psicologia, Ciência e Profissão**. v.24, n.3, p. 82-91,2004.

SCHULTZ, Adilson. **Deus está presente – o diabo está o meio**: o protestantismo e as estruturas teológicas do imaginário religioso brasileiro. Tese de doutorado em teologia pela faculdade EST. São Leopoldo, jan.2005. Disponível em: http://www3.est.edu.br/biblioteca/btd/Textos/Doutor/Schultz_a_td48.pdf

SILVA, Vagner Gonçalves (Org.). **Intolerância religiosa**: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: Edusp, 2007.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. **Mana**, 13 (1), 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-9313200700010 0008>. Acesso em: 05 nov. 2009 às 10:08 horas.

SOARES. R. R. **Espiritismo**: a magia do engano. Rio de Janeiro. Graça, 2002.

TAVOLARO, Douglas. **O bispo**: a história revelada de Edir Macedo. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**; Tradução Lívya de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

VIANNA, Heraldo Marelím. **Pesquisa em educação a observação**. Brasília: Plano Editora, 2003.

VELHO, Gilberto. Patrimônio, negociação e conflito. **Maná** 12(1): 237-248, 2006.

Disponível em: www.scielo.br/pdf/mana/v12n1/a09v12n1.pdf

WEBER, Max. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo**; tradução José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e índice remissivo Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WESTPHAL, Euler Renato. **Brincando no paraíso perdido**: as estruturas religiosas da ciência. São Bento do Sul: Ed. União Cristã, 2006.

WESTPHAL, Euler Renato. A educação em Lutero e a formação da consciência autônoma na Modernidade. **In: Reforma e educação**: anais do 1º simpósio internacional de Lutero: Igreja sempre em reforma – 2017: 500 anos da reforma. São Bento do Sul (SC): União Cristã, 2013.

WESTPHAL, Euler Renato. Educação, cultura e sociedade, Lutero e o mandato cultural. **In:** Org. Nadja de Carvalho Lamas, Alena Rizi Marmo Jahn. **Arte e cultura**: passos, espaços e territórios Joinville, SC: Editora UNIVILLE, 2012.

AUTORIZAÇÃO

Nome do autor: Nicole Louise Umbelino Pereira

RG: 8 983 443 0

Título da Dissertação: O diabo e o rito de exorcismo no neopentecostalismo.

Autorizo a Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, através da Biblioteca Universitária, disponibilizar cópias da dissertação de minha autoria.

Joinville, 10/03/2016.

NICOLE LOUISE UMBELINO PEREIRA

Nicole Louise Umbelino Pereira